

**PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE CAMPINAS**

**PÓS-GRADUAÇÃO *STRICTO SENSU* MESTRADO EM  
CIÊNCIAS DA RELIGIÃO**

**IRINEU JOSÉ BOTTONI**

**A “DEBILIDADE” DA RELIGIÃO À LUZ DO  
PENSAMENTO DE GIANNI VATTIMO**

**CAMPINAS  
2022**

**IRINEU JOSÉ BOTTONI**

**A “DEBILIDADE” DA RELIGIÃO À LUZ DO  
PENSAMENTO DE GIANNI VATTIMO**

Dissertação, apresentada como exigência para obtenção do Título de Mestre em Ciências da Religião, ao Programa de Pós-Graduação *Stricto Sensu* em Ciências da Religião do Centro de Ciências Humanas Sociais e Aplicadas, da Pontifícia Universidade Católica de Campinas.

Orientador: Prof. Dr. Douglas Ferreira Barros

**CAMPINAS  
2022**

241  
B751d

Bottoni, Irineu José

A "Debilidade" da religião À luz do pensamento de Gianni Vattimo / Irineu José Bottoni. - Campinas: PUC-Campinas, 2022.

114 f.

Orientador: Douglas Ferreira Barros.

Dissertação (Mestrado em Ciências da Religião) - Centro de Ciências Humanas e Sociais Aplicadas, Programa de Pós-Graduação em Ciências da Religião, Centro de Ciências Humanas e Sociais Aplicadas, Pontifícia Universidade Católica de Campinas, Campinas, 2022.

Inclui bibliografia.

1. Ética cristã. 2. Secularização - Religião. 3. Vattimo, Gianni, 1936. I. Barros, Douglas Ferreira. II. Pontifícia Universidade Católica de Campinas. Centro de Ciências Humanas e Sociais Aplicadas. Centro de Ciências Humanas e Sociais Aplicadas, Programa de Pós-Graduação em Ciências da Religião. III. Título.

CDD - 22. ed. 241

**IRINEU JOSÉ BOTTONI**

**A “DEBILIDADE” DA RELIGIÃO À LUZ DO  
PENSAMENTO DE GIANNI VATTIMO**

Este exemplar corresponde à redação final da Dissertação de  
Mestrado em Ciências da Religião da PUC-Campinas, e  
aprovada pela Banca Examinadora.

APROVADA: 19 de dezembro de 2022.



PROF. DR. FREDERICO PIEPER PIRES (UFJF)



PROF. DR. PAULO SERGIO LOPES GONCALVES (PUC-CAMPINAS)



PROF. DR. DOUGLAS FERREIRA BARROS – Presidente (PUC-CAMPINAS)

## **DEDICATÓRIA**

Dedico a presente dissertação à Eliane Nunes Bottoni, minha esposa e companheira nesta jornada de vida, e a Maria de Lourdes Giraldi Bottoni (Dona Lourdes), minha querida e saudosa mãe, que nos deixou em junho de 2022.

## **AGRADECIMENTOS**

Agradeço ao Professor Dr. Douglas Ferreira de Barros pela atenção, acolhimento e orientação dispensados ao longo da realização da presente dissertação.

Agradeço antecipadamente a todos os membros da banca examinadora: Professor Dr. Frederico Pieper Pires, Professor Dr. Paulo Sergio Lopes Gonçalves, Professor Dr. Glauco Barsalini e Professor Dr. Vladimir Pinheiros Safatle.

Agradeço também ao grupo de Ética, Política e Religião da PUC Campinas, coordenado pelos Professores Glauco Barsalini e Douglas Ferreira de Barros, e a todos os seus membros pelo acolhimento, atenção e incentivos nos últimos 3 anos.

A todos os professores do curso de mestrado em Ciências da Religião da PUC Campinas, aos funcionários, e aos meus amigos e colegas, que direta e indiretamente contribuíram para o desenvolvimento deste trabalho.

Por fim, agradeço ao Programa de Pós-graduação da PUC Campinas pela concessão de bolsa de estudos parcial para realização da pesquisa, auxílio fundamental para o desenvolvimento científico.

## RESUMO

BOTTONI, Irineu José. **A “debilidade” da religião à luz do pensamento de Gianni Vattimo**. 2022. 111f. Dissertação (Mestrado em Ciências da Religião) - Centro de Ciências Humanas Sociais e Aplicadas da Pontifícia Universidade Católica de Campinas, Campinas-SP, 2022.

O objetivo deste trabalho foi demonstrar que a *caritas* é a dimensão ética do cristianismo no pensamento de Gianni Vattimo. Para o filósofo Italiano, o reencontro com o cristianismo se deu ao estudar Nietzsche e Heidegger. O ponto de inflexão é o anúncio da “morte de Deus”, descrito na obra: *A Gaia Ciências*, de Nietzsche, e o esquecimento do Ser na obra de Heidegger, na qual, para Vattimo, os filósofos citados denunciam os sintomas da decadência da humanidade, anunciam o fim da modernidade, o fim de uma era metafísica e todos os seus fundamentos últimos, depois de uma longa trajetória. Vattimo relaciona a violência diretamente à Metafísica trazida pelos valores absolutos, que nos levam ao niilismo e ao cristianismo secularizado. A “morte de Deus” abre também o tempo da Pós-modernidade, marca da superação da Modernidade dirigida pelos conceitos das grandes verdades. A Pós-modernidade abre caminho à tolerância e à diversidade, e possibilita o nascimento de uma ontologia hermenêutica que tem princípio na tradição cristã, na herança cristã que recebemos, e que deveríamos retransmitir. É a passagem do pensamento forte, metafísico, das crenças verdadeiras, ao pensamento debilitado (*pensiero debole*) a uma ontologia *debole* (débil). A relação entre filosofia (pensamento debilitado) e mensagem cristã só é possível na secularização, intrínseca à própria dinâmica de inserção cristã no mundo, portanto, parte do processo religioso. A secularização seria o debilitamento de fundamentos últimos, a ultrapassagem (*Verwindung*) da transcendência divina como força ameaçadora, que poderia nos levar à alteridade, ao simplesmente humano, ao outro. A metodologia aqui utilizada é uma análise hermenêutica nas obras de Vattimo, tendo como fonte primária principal a obra *Crer que se crê - é possível ser cristão apesar da igreja?* A pretensão deste trabalho é demonstrar que, na obra de Vattimo, a secularização é uma autêntica experiência religiosa, portanto, parte do cristianismo. Na era Pós-moderna, na época da ultrapassagem da metafísica, como descrita por Vattimo, no retorno da experiência religiosa que muitos vivem na sociedade atual, queremos afirmar que a *caritas* é a dimensão ética do Cristiano no pensamento de Gianni Vattimo.

**Palavras-chave:** *Caritas*; secularização; *Kênosis*; *pensiero debole*; religião; Vattimo.

## ABSTRACT

BOTTONI, Irineu José. **The “weakness” of religion in the light of Gianni Vattimo's thought.** 2022. 111f. Dissertation (Master's in Religious Sciences) - Center for Social and Applied Human Sciences, Pontifical Catholic University of Campinas, Campinas-SP, 2022.

The objective of this work was to demonstrate that *Caritas* is the ethical dimension of Christianity in the thought of Gianni Vattimo. The reunion with Christianity took place for the Italian philosopher when studying Nietzsche and Heidegger. The turning point is the announcement of the "death of God", described in the work: *The Gay Science*, by Nietzsche, and the forgetting of Being in Heidegger's work, in which, for Vattimo, the cited philosophers denounce the symptoms of the decadence of humanity, announce the end of modernity, the end of a metaphysical era and all its ultimate foundations, after a long trajectory. Vattimo relates violence directly to Metaphysics brought by absolute values, which lead us to nihilism and secularized Christianity. "Death of God" also opens the time of post-modernity, a mark of the overcoming of Modernity driven by the concepts of great truths. Christian tradition, in the Christian heritage that we have received and that we should pass on. It is the passage from strong, metaphysical thought, of true beliefs, to weak thought (*pensiero debole*) to an ontology of declining. The relationship between philosophy (weak thought) and the Christian message is only possible in secularization, intrinsic to the dynamics of Christian insertion in the world, therefore, part of the religious process. Secularization would be the weakening of ultimate foundations, the distorting or “twisting” (*Verwindung*) of divine transcendence as a threatening force, which could lead us to alterity, to the simply human, to the other. The methodology used here is a hermeneutic analysis of Vattimo's works, having as its primary source the work *Belief - is it possible to be a Christian despite the church?* This work intends to demonstrate that, in Vattimo's work, secularization is an authentic religious experience, therefore, part of Christianity. In the post-modern conditions, in the age of the overcoming of metaphysics, as described by Vattimo, in the return of the religious experience that many live today, we want to affirm that *Caritas* is the ethical dimension of Christian in the thought of Gianni Vattimo.

**Keywords:** *Caritas*; secularization; *Kênosis*; *Weak thought*; religion; Vattimo.



# SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	8
CAPÍTULO 1 – O RETORNO E A DEBILIDADE DA RELIGIÃO: A SECULARIZAÇÃO COMO AUTÊNTICA EXPERIÊNCIA RELIGIOSA	19
Introdução	19
1.1 O retorno da religião	21
1.2 Retorno da religião e o pensamento filosófico	32
1.3 Herança cristã e niilismo	44
1.4 Encarnação e secularização: um reencontro niilista do cristianismo	50
1.5 Ontologia fraca, herança cristã e ética de não violência: uma relação de circularidade.	59
1.6 Por que superar a metafísica?	62
1.7 Conclusão	66
CAPÍTULO 2 – CRISTIANISMO SECULARIZADO E CARIDADE: O REENCONTRO DO CRISTIANISMO E UMA ESCOLHA POSSÍVEL	69
Introdução	69
2.1 Modernidade e cristianismo: influência na filosofia	70
2.2 Kênosis: demitologização contra os paradoxos e a violência	76
2.3 Secularização e seu limite: caridade	84
2.4 Razões para reencontrar o cristianismo	90
2.5 A releitura do cristianismo na caridade	91
2.6 A fé reduzida como única fé possível	94
2.7 Conclusão	98
CONCLUSÃO	102
REFERÊNCIAS	106

## INTRODUÇÃO

O mundo atual parece incerto e imprevisível. Estamos em permanente conexão com tudo através dos nossos celulares ou computadores, o que poderia nos dar a impressão de autonomia, mas somos, mais do que nunca, interdependentes. Nossas relações humanas são dinâmicas e se alteram rapidamente; conceitos e valores mudam subitamente.

Mesmo quando falamos em soluções comprovadas para problemas específicos, temos a impressão de que as propostas são cada vez mais plurais e simultâneas, que deveriam contemplar diferentes visões e abordagens. Interpretações distintas passam a ser igualmente valiosas e pertinentes para a solução de problemas comuns. Este mundo oferece múltiplas interpretações e a sensação de haver múltiplas verdades.

O mundo globalizado em seu modelo econômico neoliberal tem um caráter extremamente excludente de pessoas, povos e continentes inteiros. Nessas transformações provocadas pela influência do poder econômico nas esferas social, política e cultural, o resultado é ainda mais assimétrico e demonstra sua face violenta. Como dar sentido à nossa existência em um mundo violento e intolerante em muitos campos, inclusive o religioso?

Outro mundo seria possível? E o que isso tem a ver com Ciências da Religião?

O interesse deste trabalho concentra-se no sentimento, bastante comum a quase todas as pessoas, de que vivemos em uma sociedade de angústia, de violência e de extrema expectativa sobre a nossa capacidade ou incapacidade de construirmos uma sociedade mais igualitária, inclusiva e justa para todos. Um mundo que parece doente, mas nós, humanos, que analisamos o mundo ao nosso redor, podemos também imaginar como ele pode ou poderia ser diferente. Acreditamos em transformar projetos em realidade ou, em último caso, pelo menos, tentar traduzir esse desejo de um mundo melhor em ações mais inclusivas e não violentas, aquilo que o filósofo italiano Gianni Vattimo acredita ser o preceito cristão da caridade.

É nesse cenário que estudamos Gianni Vattimo e seu projeto filosófico. Para entender o presente, Vattimo postula uma nova ontologia, designada como ontologia *debole* ou ontologia da atualidade. Para entender o presente, ele afirma, é necessário um salto interpretativo na tradição e de toda a herança que

nos constitui como pessoas. Esse salto interpretativo na tradição, para Vattimo, acaba se constituindo em um retorno às nossas origens religiosas cristãs e a toda a metafísica nela envolvida, com seus fundamentos últimos e suas verdades sacralizadas. A metafísica possuindo, pelo menos, dois sentidos: o primeiro, que concebe “o ser como presença peremptória e evidente, com todas as suas estruturas acessíveis à razão e passíveis de serem expressas pela linguagem” e, o segundo, “é a história do esquecimento do ser em favor do ente” (PIRES, 2007, p. 10), ou seja, a metafísica é objetividade. Ao estudar o ser em nossa atualidade, inserido na sociedade técnico-cientificista, a sociedade de organização total, a metafísica revela sua essência, que é o niilismo. O niilismo como essência da metafísica é expresso em dois aspectos com a influências do pensamento de Nietzsche: o primeiro revela que “não há fatos, só interpretações” e, o segundo, que “Isto já é uma interpretação” (VATTIMO, 2001, p. 17). Vattimo define isso como um jogo de interpretações, que é sempre, de fato, um conflito. “É conflito porque a interpretação indica um *telos*, um ideal regulatório na direção à qual se quer mover, que é justamente o que ocorre também com a noção nietzschiana de vontade de poder (VATTIMO, 2001, p. 19)

O niilismo, como essência da metafísica, também tem um terceiro aspecto baseado no pensamento de Heidegger. Na visão do filósofo Italiano, Heidegger se esforçou para justificar a própria filosofia em termos epocais, que “busca dar conta de todo o mundo do qual a hermenêutica quer ser teoria, interpretação etc.” (VATTIMO, 2001, p. 24). A hermenêutica é a filosofia que coloca em sua essência o fenômeno da interpretação. Qualquer conhecimento do real está, portanto, influenciado pela herança de quem interpreta, e nunca é espelho objetivo “das coisas lá fora” (VATTIMO, 2001, p. 24).

Nesse aspecto, qualquer estrutura de conhecimento do sujeito precisa ser “reconhecida na sua radical historicidade. Não só não conhecemos nunca a não ser fenômenos; mas esses se dão somente no quadro do que Heidegger chama um projeto jogado” (VATTIMO, 2001, p. 25). Baseado nisso, poderíamos dizer que a hermenêutica possui um sentido amplo. A hermenêutica torna-se a propagação, a difusão incontrolável de interpretações, que Vattimo define como a *Koiné* hermenêutica. Para falar do mundo ocidental, que é a nossa condição pós-moderna, temos que pensar na difusão generalizada de interpretações, e esse seria para ele o primeiro passo para uma ontologia da atualidade.

O niilismo, então, poderia ser entendido nos sentidos dados por Nietzsche e por Heidegger. Em Nietzsche, o niilismo seria a dissolução de algum fundamento último (Deus está morto e o mundo verdadeiro se tornou fábula) e, em Heidegger, o niilismo surge com a difusão da interpretação na sociedade pós-moderna.

Vattimo afirma que é somente possível a superação da metafísica através do niilismo. Para entender essa afirmação, basta verificarmos a variedade de interpretações que temos hoje para um mesmo acontecimento, descrita assim:

parece que justamente o realismo, diante de um fenômeno tão complexo e vasto como o niilismo difuso na cultura e na existência de hoje (a *koiné* hermenêutica nos seus múltiplos aspectos), deveria recusar-se de explicá-lo como o resultado de um banal erro lógico, como se fosse verossímil que uma cultura inteira tenha subitamente esquecido o princípio da não contradição. (VATTIMO, 2001, p. 23)

Para Vattimo, na sociedade pós-moderna, chamada por ele de sociedade de *mass media*<sup>1</sup>, a *Koiné* hermenêutica, ou seja, o niilismo difuso na cultura e na existência de hoje, impede a existência de um fundamento último.

O mundo é fenômeno, quer dizer uma ordem de coisas que o sujeito entra ativamente a constituir. (...) depois, de Heidegger, estas estruturas veem reconhecidas na sua radical historicidade. Não só conhecemos nunca a não ser fenômenos; mas esses se dão somente no quadro que Heidegger chama de um projeto jogado. Conhecer, ao nível das puras e simples percepções espaço-temporais, significa construir um fundo e um primeiro patamar, ordenando as coisas com base numa pré-compreensão que exprime interesses, emoções e que herda uma linguagem, uma cultura, formas históricas de racionalidade. As coisas aparecem – se dão como entes, “veem ao ser”-, só no horizonte de um projeto. Senão não se deixam nem mesmo distinguir do fundo entre elas. (VATTIMO, 2001, p. 25)

Nenhuma interpretação pode se isolar em um local de neutralidade, que garanta a objetividade do discurso. O *pensiero debole* de Vattimo, com seus fundamentos hermenêuticos niilistas, deve estar inserido em uma historicidade, em um conjunto de heranças e mensagens que nos são enviados do passado, de toda tradição herdada.

---

<sup>1</sup> *Mass Media*, em tradução livre, são os meios de comunicação de massa, entendida como um meio de comunicação de informações por rádio, televisão, Internet, revistas, livros, cinema etc., as quais foram chamadas de Mídia. Para Vattimo, o mundo pós-moderno é marcado pelo alastrar-se da interpretação, provocada pela difusão desses meios de comunicação de massa, que em seu entender são agências interpretativas não neutras (VATTIMO, 2001, p. 26).

Superar a metafísica, então, teria o sentido de ultrapassar (*Verwindung*) a tradição que herdamos na forma de cultura, de linguagem, formas históricas de racionalidades, procurando abordá-la em aspectos esquecidos, não revelados.

Baseado nessa atitude filosófica, chamada *pensiero debole*<sup>2</sup>, Vattimo procura retornar à experiência religiosa da tradição, mostrando a debilidade dos conceitos metafísicos, os fundamentos últimos e verdades sacralizadas. Quando debilitados, na opinião de Vattimo, através de uma interpretação hermenêutica niilista, poderíamos não só imaginar, mas também criar um mundo melhor, mais pluralista e mais inclusivo, pois a tradição religiosa que herdamos é uma tradição que repudia a violência, mas na qual, talvez, esse aspecto esteja esquecido.

É nesse cenário contemporâneo ou pós-moderno a que Vattimo se refere que vamos procurar analisar, entender e explorar a influência da herança cristã em nossa tradição, e como ela, depois de interpretada como uma herança baseada no conceito de caridade, poderia ou poderá levar a uma “Ética da não Violência” baseada no preceito cristão do amor ao próximo.

Nosso interesse em estudar Gianni Vattimo vem do fato de que o autor pode ser visto por seu caráter interdisciplinar que abrange filosofia e teologia, ciências da religião e antropologia, preocupado com temas contemporâneos relacionados a religião, política e filosofia. O que nos chamou a atenção nas

---

<sup>2</sup> Segundo Vattimo, *O pensiero debole* nasce em 1979 e se torna o título de um livro coletivo organizado por ele e Pier Aldo Rovatti, em 1983. A obra trata-se basicamente dos "discursos Italianos sobre a crise da razão ainda do nostálgico demais da metafísica" (VATTIMO, 2018 d, p. 102). Esses discursos não levavam até o fim a experiência descrita por Heidegger sobre o esquecimento do ser, tão pouco o anúncio da "morte de Deus" em Nietzsche que, para Vattimo, anunciaram a nossa cultura. Esse pensamento não se trata de encontrar o ser original, verdadeiro, que a metafísica esqueceu em seus efeitos científicos e tecnológicos, mas sim o ser como vestígio ou lembrança, um ser enfraquecido e só por isso digno de atenção. Isto para Vattimo é uma ética da fraqueza, uma ética débil, "um equilíbrio difícil entre a contemplação abissal do negativo e a anulação de toda sua origem" (VATTIMO, 2018 d, p. 103). Trata-se, portanto, de um paradoxo. A ideia do *Pensiero debole* era a ideia de utilizar o alívio das relações sociais, produto da tecnologia, até realizar uma forma de libertação. Trata-se de uma tentativa de emancipação por meio de muitas opções. "se você tem um só canal de televisão, o que diz parece religião; se tiver vinte, você se lixa" (VATTIMO, 2018 d, p. 103). Vattimo também explica nesse texto, de maneira extremamente resumida, o que entende como Pós-modernidade, explicado assim: "E a Pós-modernidade, isto é, o fim da sociedade racionalizada, da sociedade com a racionalidade central, este sim é um desenvolvimento sério, em frente, da crise da razão" (VATTIMO, 2018d, p. 103). Concluindo sobre o *pensiero debole*, Vattimo o define como uma teoria forte, uma proposta filosófica forte e, para ele, também muito civilizada, razoável, dialógica, pouco arrogante, visto que uma parte integrante desse pensamento era e é a predileção de uma ética não agressiva. In : (VATTIMO, G. *Não ser Deus: Uma autobiografia a quatro mãos/ Gianni Vattimo, Piergiorgio Paterlini; Tradução Frederico Carotti. Petrópolis, RJ: Vozes. 2018d).*

obras de Vattimo foi o caráter transgressor, porém não violento, de suas propostas.

Com formação católica, suas reflexões filosóficas recebem grande influência da tradição cristã, do personalismo de Emmanuel Mounier e de Jacques Maritain e sua obra *Humanismo Integral*. Vattimo, desde o princípio, procurou contribuir para a formação de um novo humanismo cristão, segundo ele, “livre tanto do individualismo liberal, quanto do coletivismo e do determinismo marxista” (VATTIMO, 2004, p. 8-9). Parte da obra filosófica de Vattimo pode ser descrita em sua própria biografia. Nascido em Turim, na Itália, em 4 de janeiro de 1936, Vattimo termina seu doutorado, em 1959, com a tese: *O conceito de fazer em Aristóteles*, tendo sido orientado por seu mestre Luigi Pareyson; especializa-se em Heidelberg, como aluno de Karl Lowith e Hans-Georg Gadamer, de quem recebe toda sua formação hermenêutica, da qual se utiliza para aprofundar seus estudos sobre Nietzsche e Heidegger.

A partir de sua obra *O fim da modernidade: niilismo e hermenêutica na cultura pós-moderna*, publicada originalmente em 1985, Vattimo demonstra sua intenção de desenvolver uma crítica da modernidade. Apesar de entendermos toda crítica como um relato ou um anúncio de decadência, Vattimo, assim como Nietzsche, faz uma tentativa de subversão dos valores. Exemplos dessa afirmação são conceitos importantes do quebra-cabeça filosófico de Vattimo, por exemplo: a morte de Deus; o niilismo; a superação da metafísica; o fim da história; a dissolução da concepção moderna do sujeito. Todos esses conceitos, se interpretados com uma visão hermenêutica niilista, abrem novas possibilidades para o pensamento e para a compreensão da religião.

Ao traduzir a obra de Gadamer: *Verdade e método* para o italiano, Vattimo tem uma experiência tão marcante que decide se ocupar com a hermenêutica. A filosofia hermenêutica é uma das correntes filosóficas mais expressivas do pensamento contemporâneo - “enquanto arte e técnica de interpretação correta de texto, que começa com o esforço dos gregos para preservar e compreender os seus poetas e desenvolve-se na tradição-cristã da exegese das Sagradas Escrituras” (BRAIDA, 2001, p. 7). A hermenêutica, “sendo teoria de interpretação, pode ser entendida como uma proposta de compreensão global e crítica da realidade, e não apenas como descrição da forma como as coisas se apresentam” (SCOPINHO, 2004, p. 11).

Em sua hermenêutica, Vattimo, ao contrário do romantismo, não propõe alcançar nenhuma verdade última. “A hermenêutica conduz Vattimo ao niilismo que, por sua vez, leva-o a reencontrar o cristianismo” (PIRES, 2007, p. 10).

Para Vattimo (1996), o reencontro com o cristianismo se deu ao estudar Nietzsche e Heidegger. O ponto de inflexão é o anúncio da “morte de Deus”, descrito no livro *Gaia Ciência, de Nietzsche*, e o esquecimento do Ser na obra de Heidegger, na qual, para Vattimo, os filósofos citados denunciam os sintomas da decadência da humanidade. Como falamos anteriormente, Vattimo procura fazer uma subversão dos conceitos, trabalhando as nuances. Sobre o anúncio da morte de Deus, Vattimo interpreta que Nietzsche não afirma nenhum ateísmo com o anúncio, como se Deus não existisse. Se assim o fizesse, representaria uma pretensa verdade metafísica. Na interpretação de Vattimo, o anúncio da morte de Deus em Nietzsche significa “que não há um fundamento definitivo, e nada mais” (VATTIMO, 2002, p. 9). Mesmo subvertendo o pensamento de Heidegger, Vattimo acredita que “o que Heidegger chama de metafísica, possui um significado análogo” (VATTIMO, 2002, p. 9).

Portanto, “a fé cristã militante possibilitou que Vattimo visualizasse, nas filosofias de Nietzsche e de Heidegger, um percurso para sua atividade filosófica, com origem judaico-cristã e seus conceitos metafísicos de Deus, homem e mundo” (GONCALVES, 2018, p. 246).

Para Vattimo (2018d), falar da noção de realidade e do futuro, sem a “necessidade de certezas fáceis, de voltar atrás, e de se enfiar numa comunidade para suportar a angústia da dissolução do real” (Vattimo, 2018d, p. 166) é uma elaboração teórica que, em sua opinião, não agradaria às pessoas, mas que ele decide ir além, e demonstra em seu pensamento que a própria noção de realidade é violenta. “Todo o meu pensamento e toda a minha vida são contra qualquer absoluto, contra qualquer pretensão de absoluto, que se traduzem em opressão política e opressão de consciência” (VATTIMO, 2018d, p. 166).

Vattimo (2018d) manifesta muitas vezes que voltou a ser cristão. Por quê? Porque, para ele, Deus é uma experiência de liberdade, ao contrário do que afirma Baruch Spinoza. Para ele, é fundamental que sua liberdade nasça de um ato de liberdade, e esta é a filosofia de Heidegger para Vattimo. “O ser que se

dá, doa-se, acontece. Dá-se tornando-nos possíveis. Torno-os possíveis com um ato de amor” (VATTIMO, 2018d, p. 20).

Para Vattimo (2018d), amar o próximo não significa doar tudo o que tem aos pobres, ou doar tudo para caridade, pois isto seria um estado de perfeição que nem mesmo desejaria. São coisas para monges, segundo suas palavras. “Se alguém me convida para falar numa cidadezinha do interior, vou, porque não creio ter algo mais importante para fazer. E não creio valer mais do que os que me convidaram. [...] É uma questão de afetividade” (VATTIMO, 2018d, p. 11).

Outra influência importante no pensamento de Vattimo é seu mestre e amigo Luigi Pareyson. Segundo Vattimo, Pareyson afirmava que só podemos falar das origens por meio da mitologia e, a de Vattimo, é a cristã, a que fala que Deus nos ama. Essa sua mitologia “não é pior que outras. E como Cristo morreu, isso me permite não acreditar nos deuses. Mas, se alguém acredita, tudo bem” (VATTIMO, 2018d, p. 20).

Vattimo, em uma saída bastante espirituosa, deixa claro que seu ideal se detém na caridade e no código de trânsito. “Quer dizer: respeito às leis positivas da sociedade só para não fazer mal ao outro, mas não há aí nenhum fundamento metafísico” (VATTIMO, 2018d, p. 20).

Para justificar um projeto como o seu, que busca reavaliar a santidade cristã, Vattimo confessa que viu pessoas se empenharem em coisas que ele jamais faria. E completa: “Deus que me livre!” (VATTIMO, 2018d, p. 20).

Vattimo acredita que o cristianismo pode sim ser uma religião universal e que pode também contribuir para superar esse caráter excludente que vivemos, fomentando uma globalização da caridade (*caritas*), desafiando todas as culturas únicas que têm seus fundamentos últimos e absolutos, a um “evento dialógico”, do qual todos possam sair modificados. O filósofo Italiano desafia o cristianismo a interpretar a mensagem de Deus com uma fórmula de revelação em progresso, por meio da *Kênosis de Jesus*, tirando o cristianismo de suas “trincheiras” e de sua pretensão de ser a única religião verdadeira, fora da qual não há salvação. No *pensiero debole* elaborado por Vattimo, poderia ser aplicada ao cristianismo “a superação do absolutismo da instituição religiosa, presente em seus dogmas, em suas prescrições morais e em suas regras disciplinares” (GONCALVES, 2018, p. 246).



Um dos principais elementos da elaboração do pensamento de Vattimo sobre o retorno da dimensão religiosa, tanto na cultura como no pensamento, está na crise da razão, na crise do pensamento técnico-científico que, diante dos problemas aparentemente insolúveis da sociedade mundial, como os prementes e inéditos riscos apocalípticos, não encontrar soluções plausíveis para seus desafios. Ao não encontrar respostas aos seus desafios, existe uma busca de solução na religião. Sendo assim, para Vattimo, o estudo do fenômeno religioso assume um caráter crítico de relevância, e a filosofia não pode deixar de considerar essa importância.

Em um mundo que, para muitos, já poderia ser considerado secularizado, para Vattimo a secularização é um traço constitutivo de uma experiência religiosa autêntica. Um reencontro, um retorno de algo que acreditávamos ter esquecido. A secularização não é, portanto, um abandono da religião, mas é um reencontro com uma experiência religiosa autêntica.

Este trabalho utilizou como método um estudo hermenêutico em algumas obras de Gianni Vattimo, como: *Crer que se Crê*, *O fim da Modernidade* e *A tentação do realismo*, e de seus comendadores. Buscou-se interpretar o retorno do fenômeno religioso e suas debilidades e demonstrar a caridade como uma dimensão ética.

Nesse sentido, esta dissertação tem como objetivo defender que, no pensamento de Vattimo, a caridade é a dimensão ética do cristianismo. Como hipótese a ser pesquisada, temos que a caridade, como elemento central do cristianismo, nos conduz a uma ética de não violência, pois, apesar de não ser um fundamento último, é um fundamento hermenêutico e historicamente determinado, que abre o caminho para o diálogo. Ao expor que o limite da secularização é a caridade, Vattimo demonstra a importância do debilitamento do pensamento religioso como influência ético-política no nosso historicizar.

Devido à extensa obra realizada por Vattimo, que ainda está em andamento, optamos por um recorte bem específico na análise dessa dissertação e optamos pela obra: *Crer que se crê - é possível ser cristão apesar da Igreja?* Esse recorte foi escolhido porque acreditamos que, nele, Vattimo fala do retorno da experiência religiosa na sociedade contemporânea secularizada, que busca um elemento ético para ultrapassar a violência gerada pela razão forte da mentalidade técnico-cientificista. Fala também de demitologização da moral

e dos dogmas, buscando um limite. E o limite da secularização é, para Vattimo, a caridade, um preceito cristão. Buscamos, então, defender que a caridade é a dimensão ética do cristianismo.

Esta dissertação está dividida em dois capítulos. No primeiro, buscamos analisar e compreender a secularização como o debilitamento do cristianismo, conceito estudado, tendo como categoria analítica o niilismo. Concentramo-nos no retorno da experiência religiosa na Pós-modernidade, na relação da herança cristã com o niilismo e nos conceitos descritos por Vattimo como Encarnação e Secularização na obra *Crer que se crê: é possível ser cristão apesar da Igreja?*

No segundo capítulo, analisamos o conceito de caridade, tendo como categoria analítica a ética. Buscamos uma compreensão que nos levasse a afirmar ou negar que a caridade é a essência ética do cristianismo, na visão de Vattimo – sendo este exatamente o objetivo desta dissertação. A fonte primária desse segundo capítulo também é a obra de Vattimo: *Crer que se crê: é possível ser cristão apesar da Igreja?*

Selecionamos alguns estudiosos atuais de Gianni Vattimo, aos quais recorreremos durante a pesquisa.

Justificamos o debruçar sobre esses textos para confecção desta dissertação em Ciências da Religião pela devida relevância que se encontra na relação filosófica do *pensiero debole* com a mensagem cristã de *Kênosis* e caridade. O *pensiero debole* é uma categoria capaz de traduzir a experiência do Deus que se revela em um horizonte histórico-cultural, descrito como Pós-modernidade secularizada, que nos ajuda a compreender a situação da religião e da secularização na atualidade, diante da ameaça do fundamentalismo e da insurgente intolerância social que temos presenciado.

O caráter transgressor, porém, não violento, do pensamento debilitado /enfraquecido de Vattimo é o que nos faz refletir sobre um caminho alternativo para a construção de uma sociedade plural e de convivência mais harmoniosa. A intenção, portanto, partindo do conceito da *debilidade da religião*, é contribuir para a área de Ciências da Religião com reflexões acerca do caráter da religião na contemporaneidade, no intuito de expandir os diálogos a outras linhas pertinentes de pesquisa e construir interpretações éticas não violentas às discussões religiosas, políticas e filosóficas.

Um ponto de grande importância considerado nas reflexões teóricas de Vattimo é a centralidade que ele dá à *Kênosis*. A encarnação como *Kênosis*, na interpretação de Vattimo, possibilita-nos pensar em uma mudança radical do estatuto de Deus e da religião cristã junto aos seres humanos. De um povo servil e submisso, passamos a amigos de Deus. A caridade de Deus é exemplo ético-político de amor ao outro a ser seguido.

A proposta inicial desta dissertação foi modificada devido às sugestões, observações e orientações recebidas durante o exame de qualificação, realizado em junho de 2022. O título também foi modificado para se adequar ao objeto da pesquisa e às reflexões que nos trouxeram a essa dissertação de mestrado. O título passou, então, de *Morte e Deus e sua ressurreição à luz do pensamento de Vattimo* para *A debilidade da religião à luz do pensamento de Gianni Vattimo*. Outro ponto importante, que foi modificado após o exame de qualificação, foi o recorte da obra de Vattimo. Tornamos um objeto de pesquisa menor, reduzido a uma única obra que abordasse o tema da religião e trouxesse aspectos relacionados a uma ética de não violência que, de maneira geral, desde a proposta de projeto desta pesquisa, foi o fio condutor principal. Esse recorte nos possibilitou o aprofundamento de conceitos importantes do pensamento de Vattimo, como secularização e encarnação, como fio condutor de uma ética de não violência.

Ainda temos a considerar que os resultados da pesquisa por ora realizada refletem as obras mais centradas na ética e na sua relação com a religião, muito claramente a relação entre caridade e ética de não violência. Gostaríamos de destacar que essa obra vem sendo apresentada e discutida em importantes congressos da área de Ciências da Religião e Teologia no Brasil e em outros eventos, desde o início desta pesquisa, por considerarmos a atualidade do tema da não violência e a importância da sua abordagem sempre como uma alternativa de diálogo, com respeito e amor ao próximo.

Entre os eventos que participamos, destacamos: em julho de 2021, o 33º Congresso da SOTER, com a comunicação: *Ética da Interpretação: Uma proposta de ação não violenta em Gianni Vattimo*, publicada nos anais do congresso; em setembro de 2021, apresentamos a comunicação: *Uma proposta político-religiosa não violenta para o espaço público à luz de Gianni Vattimo*, na VIII ANPTECRE, publicada nos anais do evento; em outubro de 2021,

participamos do *III postgraduate meeting* da Pontifícia Universidade Católica de Campinas, onde apresentamos o projeto de dissertação no período do exame de qualificação, com o título: “*Morte de Deus*” e “*Sua Ressurreição*”: *Uma ontologia hermenêutica à luz do pensamento de Gianni Vattimo*. Outro importante evento, ao qual queremos dar a devida relevância, é a elaboração de um livro, organizado pelo Prof. Dr. Breno Martins Campos, da Pontifícia Universidade Católica de Campinas, em processo de revisão final, para o qual contribuimos com um capítulo com o nome: *Fundamentalismo e suas interpretações: Verdade metafísica no pensamento de Gianni Vattimo*. Em maio de 2022, participamos do Colóquio Internacional Além das Filosofias Continentais e dos Cristianismos Coloniais, promovido pela Pontifícia Universidade Católica de Campinas e Universidade Católica Portuguesa (UCP), Lisboa, Portugal, onde apresentamos, na sessão temática sobre Religião e Arte, uma comunicação com o tema: *A religião como espelho do homem: Lentes convergentes entre Gianni Vattimo e Rubem Alves sobre o futuro da religião*; em julho de 2022, apresentamos no 34º Congresso Internacional da Soter uma comunicação com o tema: *Inclusão, pluralidade e combate à violência: Ética do Cristianismo em Gianni Vattimo*; e, em Outubro de 2022, participamos da *Graduate Programme in Theology – School of Education and Humanities – PUC - Paraná*, com uma comunicação com o tema: *A química da religião universal: Aproximações entre religião como solvente em Pierucci e dissolução de estruturas fortes em Vattimo*. Ou seja, temos procurado contribuir com o objeto da pesquisa de maneira bastante ativa, buscando diálogos e oferecendo opções não violentas como possibilidades.

## CAPÍTULO 1 – O RETORNO E A DEBILIDADE DA RELIGIÃO: A SECULARIZAÇÃO COMO AUTÊNTICA EXPERIÊNCIA RELIGIOSA

### Introdução

Neste primeiro capítulo, buscamos analisar e compreender a secularização como o debilitamento do cristianismo, portanto, como uma autêntica experiência religiosa – uma experiência religiosa já vivida. O conceito a ser estudado é o debilitamento, tendo como categoria analítica o niilismo, elemento pelo qual a religião é aqui avaliada como débil. Nos concentramos no retorno da experiência religiosa na Pós-modernidade, na relação da herança cristã com o niilismo e nos conceitos descritos por Vattimo como Encarnação e Secularização. Centramos a análise nos capítulos 1 a 7 da obra: *Crer que se crê: é possível ser cristão apesar da Igreja?*

Para falar do retorno da religião e mostrar as nuances positivas do que descrevemos como debilidade da religião, Vattimo assume uma postura niilista da ontologia hermenêutica, afirmando que o cristianismo é uma religião da encarnação de Deus e centrada na caridade. A secularização, para ele, faz parte de uma autêntica experiência religiosa. Buscamos, neste capítulo, percorrer e analisar o percurso feito por Vattimo para chegar a tais conclusões.

O termo debilidade (*debole*), utilizado por Vattimo no seu *pensiero debole* não tem um caráter de fraqueza ou fragilidade, como a palavra poderia sugerir, mas representa a consciência expressa “no *pensiero debole* de que uma fundação última, única e normativa, não se dá” (TEIXEIRA, 2013, p. 7), mesmo quando tratamos de religião. A debilidade, então, é também como uma oportunidade de “restabelecer-se, sarar de uma doença; remeter-se a alguém, remeter-se a alguma coisa, como transmitir uma mensagem” (VATTIMO, 1996, p. 27).

Na dimensão religiosa, a debilidade teria a função de reinterpretar uma herança cristã recebida, distorcendo-a, e retransmiti-la como uma mensagem debilitada, sem fundamentos últimos, com verdades hermenêuticas e temporais. Vê-se a debilidade da religião como possibilidade, mesmo que provisória, para um novo caminho, um novo horizonte hermenêutico que, depois de debilitado e distorcido, poderia ser reenviado. É um horizonte que revela valores encobertos, mas que também possui limites. A debilidade da religião também pode ser vista como uma nova interpretação da mensagem do cristianismo, uma possibilidade

de revelação de algo que sempre esteve no cristianismo, porém esquecido, que precisa ser lembrado. A debilidade é como vestígio da experiência religiosa já vivida, que precisa de rememoração, enfraquecimento e reinterpretação.

Os temas tratados em cada item deste primeiro capítulo e os resultados são os seguintes:

Item 1.1 - O retorno da religião: o retorno de uma experiência religiosa autêntica em um ambiente de secularização. O resultado é verificar a secularização como um processo de debilitamento, uma possibilidade de reencontro com o esquecimento, mas que pode ser reinterpretado. O retorno da religião é o aspecto essencial da experiência religiosa.

Item 1.2 - Retorno da religião e pensamento filosófico. Discorremos sobre a dissolução dos pensamentos dominantes e seus fundamentos últimos. A conclusão a que pretendemos chegar é que, na obra de Vattimo, o niilismo é uma experiência desligada de pretensões últimas.

Item 1.3 - Herança cristã e Niilismo. Abordamos a herança cristã como resultado da cultura trabalhada e forjada pela mensagem cristã. Como resultado, vemos que Vattimo, a partir de suas reflexões sobre o pensamento de René Girard, inicia seu pensamento sobre a relação entre filosofia (*pensiero debole*) e a mensagem cristã, e postula uma reinterpretação da herança cristã através do niilismo.

Item 1.4 - Encarnação e secularização. Discutimos a secularização como um processo interior ao cristianismo. A partir da *Kênosis* de Jesus, Vattimo propõe que a secularização seja vista como um mecanismo violento que Jesus veio desvelar e desmentir.

Item 1.5 - Ontologia fraca, herança cristã e ética de não violência. Discutimos a relação de circularidade que Vattimo procura estabelecer entre secularização e debilitamento do ser, propondo analisar pensamentos fortes, tentando pensar o ser fora da objetividade metafísica. O resultado obtido é o conceito de *caritas*, chegando a uma ética da não violência.

Item 1.6 - Por que superar a metafísica? Discutimos os motivos que levaram Vattimo a considerar que a metafísica precisa ser superada. A resposta a essa pergunta é que temos que superar a metafísica por razões éticas, pois qualquer objetividade metafísica é o que nos leva à violência.

Vamos, então, ao retorno da religião e o que esse fato significa no pensamento de Vattimo.

### 1.1 O retorno da religião

Em sua obra *Crer que se crê* (VATTIMO, 2018c), o filósofo italiano inicia sua análise sobre a religião falando de retorno. A obra mostra a volta do interesse de Vattimo por religião e por reassumir sua fé cristã. Essa obra é escrita em primeira pessoa do singular, porque, para Vattimo, falar “do tema da religião e da fé parece requerer uma escritura necessariamente ‘pessoal’ e comprometida” (VATTIMO, 2018c, p. 7).

Vattimo confessa seu interesse pela religião desde muito cedo e constata um renascimento do interesse religioso nos ambientes que frequenta, um interesse comum, coletivo, sobre religião e seus temas. Portanto, confessa que seus motivos são subjetivos, imprecisos e indefiníveis, assim como o título da obra que escreve: *Crer que se crê*. Com essa expressão ambígua, Vattimo demonstra que acredita ser uma experiência bastante comum e difundida a muitos de nós e procura o significado da fé ligado a toda experiência que teve como filósofo e como intelectual.

O autor acredita que todos vivemos uma relação com o sagrado, Deus, e as razões últimas da existência que, em geral, são os temas da religião. Vattimo acredita que, em “nossas condições de existência (Ocidente cristão, modernidade secularizada, estado de ânimo de final de século tenso devido aos prementes e inéditos riscos apocalípticos), a religião é experimentada como um retorno” (VATTIMO, 2018, p. 91)

O retorno da religião tem um sentido de “retomada”, pois o discurso que desenvolve busca identificar a “secularização” como um traço constitutivo de uma experiência religiosa autêntica.

Ora, secularização significa, exatamente e antes de tudo, relação de proveniência de um cerne de sagrado do qual nos afastamos e que, todavia, permanece ativo, mesmo que em sua versão “decaída”, distorcida, reduzida a termos meramente mundanos etc. Os fiéis-fiéis podem obviamente ler a ideia da retomada e do retorno como um sinal de que aqui se trata apenas de reencontrar uma origem que é mesma dependência da criatura de Deus; mas, quanto a mim, considero que seja igualmente significativo e importante não esquecer que esse reencontro é também um reconhecimento de uma relação necessariamente desprezada. (VATTIMO, 2018c, p. 9)

Vattimo (2018c) enfatiza que a secularização não é o abandono da religião, mas sim um reencontro com a procedência de uma essência de sagrado da qual nos afastamos, mas que permanece em nós, mesmo que de maneira “decaída”, distorcida, reduzida a termos puramente mundanos. Esse retorno é o restabelecimento de algo que acreditávamos ter esquecido em definitivo, a reativação de um vestígio adormecido, a reabertura de uma ferida. Algo que acreditávamos ter sido uma “*Überwindung* (superação, aquisição de verdade e conseqüente um descarte) e ainda é somente uma *Verwindung*, uma longa convalescença que tem de tornar a enfrentar o vestígio indelével de sua doença” (VATTIMO, 2018, p. 91).

Podemos concluir que a secularização, para Vattimo, não é definitivamente um abandono da religião, mas um debilitamento. A secularização como debilitamento é uma possibilidade de reencontro com nossa procedência de uma essência sagrada da qual nos afastamos, um reconhecimento de algo que foi desprezado, mas que sempre esteve presente. O autor supõe “que o ‘retorno’ seja um aspecto (o aspecto) essencial da experiência religiosa” (VATTIMO, 2018, p. 92).

Falar do retorno da religião em um ambiente de secularização, à primeira vista, parece tremendo paradoxo. Em um ambiente de secularização, nossa primeira reação é pensarmos em uma saída da religião, um êxodo, como o próprio Vattimo nomeou. Outro paradoxo é falar do retorno especificamente do cristianismo. Para um fiel que vive ou se esforça para viver todos os preceitos da religião no seu dia a dia, falar de retorno é uma incoerência, para não dizer um absurdo.

A primeira impressão que temos é que estamos falando do retorno de algo que nunca se foi, ou pelo menos que está conosco, como o caso do cristianismo, há mais de dois mil anos, o que, convenhamos, não é uma tarefa fácil para qualquer religião. Que retorno é esse de uma religião com mais de 2022 anos? O que poderíamos chamar de debilitamento nesse caso?

Para responder a essas perguntas, Vattimo destaca que a possibilidade do retorno talvez seja a parte essencial da experiência religiosa. Parece “ser constitutivo do problema religioso justamente o fato de ela ser sempre uma retomada de uma experiência de algum modo já feita” (VATTIMO, 2018c, p. 8). Nesse aspecto, o retorno como uma retomada de algo já realizado, coisas de



outros tempos, talvez de interpretações que precisam ser revisitadas, fundamentos últimos dos quais precisamos nos libertar devido a sua estrutura de dominação/opressão, poderia ser um caminho, retorno, como um horizonte de algo importante que foi esquecido e desprezado. Horizonte que, apesar de abrir novas perspectivas, também terá seus limites.

Essa ambiguidade, esse paradoxo, parece ser uma parte muito importante das reflexões de Vattimo para abertura de horizontes ainda não visíveis, sem as devidas reflexões e ou ações de nossa parte. São experiências que já foram vividas, mas que precisam ser lembradas, retornadas à nossa consciência para novas reflexões. Uma retomada de uma experiência religiosa já feita, que precisa ser lembrada, cuidada como em um estado de convalescença. Precisa ser distorcida, enfraquecida para, somente então, ser retransmitida.

Outro ponto destacado por Vattimo sobre o retorno da religião é o reconhecimento da relação entre cristianismo e o ser como evento em Heidegger, tendo o enfraquecimento e a debilidade como destino.

Portanto, ele reencontra o cristianismo no fim da aventura metafísica, e esse parece ser um caminho, uma recordação de um esquecimento, um horizonte de abertura que Vattimo procura, e que assim descreve:

[...] não se trata de lembrarmos a origem esquecida, tornado plenamente presente, mas de lembrarmos que nos esquecemos dela e que a recordação desse esquecimento e dessa distância é a única coisa que constitui a autêntica experiência religiosa. (VATTIMO, 2018c, p. 9)

A autêntica experiência religiosa como retorno de algo que foi esquecido (ou menosprezado) parece abrir ou desvendar um horizonte até então escondido, não revelado, sem reflexões.

Essa relação entre cristianismo e o ser como evento é uma relação muito importante para Vattimo. Ele descreve que voltou a ser cristão, porque, para ele, Deus é uma experiência de liberdade e “é fundamental que sua liberdade nasça de um ato de liberdade” (VATTIMO, 2018d, p. 20). Comenta também que, para ele, “a filosofia de Martin Heidegger é isso: O ser que se dá. Doa-se. Acontece. Dá-se tornando-nos possíveis, torna-nos possíveis com um ato de amor” (VATTIMO, 2018d, p. 20).

Talvez haja coerência em falar de retorno da religião quando falamos de reencontro com valores que sempre estiveram na religião, mas foram esquecidos, “desprezados” ou considerados secundários, como “liberdade e o ser como evento”, o ser que se dá – doando-se, tornando outras pessoas possíveis devido ao nosso ato de amor. Esses valores estavam esquecidos até agora, mas, em nossa época histórica atual, precisam ser lembrados, redescobertos pelo próprio acontecer religioso atual, que procura no retorno da religião um guia para o futuro de nossas relações, tendo um compromisso ético e inclusivo. Essa também poderia ser a abertura de horizontes que o filósofo italiano parece procurar.

Nesse cenário, a interpretação de Vattimo sobre o retorno da religião, poderia ser entendida como um retorno de horizontes religiosos já vividos, que precisam ser reabertos, lembrados, reinterpretados, reconduzidos a uma renovada reflexão, não como um aspecto exterior e acidental da experiência religiosa, mas considerados como essenciais. Renovadas reflexões poderiam facilitar o diálogo inter-religioso, intercultural, social e ideológico, para citar apenas alguns exemplos.

Além disso, se possível reconhecer a relação entre cristianismo e o ser como evento, poderíamos postular que o destino de ambos é o debilitamento; o caminho natural seria reencontrar o cristianismo no fim de nossa aventura metafísica. A secularização, portanto, é como o caminho desse debilitamento do cristianismo, como um novo horizonte de possibilidade, como o reencontro de algo que sempre esteve no cristianismo, mas foi esquecido, que acreditávamos ter sido superado e descartado, mas que ainda está presente, mesmo que seja apenas um vestígio.

Outro ponto importante é descobrir quais as motivações para que o religioso retorne? Como se acorda desse sonho adormecido? Como se distorce, enfraquece uma realidade que, muitas vezes, nem conseguimos perceber? Como desvendar esse “abre-te, sésamo” do retorno religioso?

Vattimo (2018c) procura explicar esse retorno a partir do seu próprio contexto interno e objetivo, a partir de eventos sociais e políticos externos e subjetivos, nos quais a Igreja esteve envolvida, e a partir da filosofia. Vamos verificar cada uma delas.

### **Retorno da religião e forças internas:**

Para o autor, o retorno aconteceu com a experiência de morte de algumas pessoas queridas, com as quais ele gostaria de ter convivido muito mais, mas que infelizmente partiram ainda jovens. Ele cita também que seu retorno ao religioso teve relação “com a fisiologia do amadurecimento e do envelhecimento”. (VATTIMO, 2018c, p. 10). Esses são os seus motivos pessoais para buscar o retorno religioso.

Ele argumenta sobre o retorno da religião também filosoficamente, utilizando dois pensadores que ele define como pertencentes ao “sonho do idealismo Alemão”: Hegel e Fichte (VATTIMO, 2018c, p. 10). Sobre Hegel e suas definições sobre obra de arte, Vattimo (2018c) cita a busca da ideia de fazer com que o “exterior” e o “interior” coincidam.<sup>3</sup> Hegel procura conciliar “as condições exteriores para que não haja separação entre totalidade subjetiva e a existência exterior objetiva, que não sejam estranhas ou reciprocamente indiferentes a interna subjetividade e a exterior objetividade” (HEGEL, 1999, p. 251).

A mesma tentativa feita por Hegel na *Obra de Arte* foi feita por Fichte em seu trabalho sobre a *Razão*. Para Vattimo, os dois filósofos, em seus trabalhos concluem a mesma coisa: “a existência de fato, com seu significado, é redimensionada ao longo da vida” (VATTIMO, 2018c, p. 10). A consequência desse redimensionamento de significados da existência ao longo da vida é sempre um relevo à esperança, segundo nosso autor. Esse relevo à esperança é o desafio percebido por ele, porque, para uma vida humana média, parece que o significado da existência não é possível de ser realizável em seu tempo histórico. Como resolver, então, esse dilema do significado da nossa existência,

---

<sup>3</sup> Hegel, em sua obra: *Estética – O belo artístico ou o ideal*, faz uma análise sobre a determinação exterior do ideal. O texto que selecionamos pertence ao capítulo II – *Do acordo entre o ideal concreto e sua realidade exterior*, que diz: “[...] a esse respeito, a lei geral que se pode formular é aquela de que o homem se deve sentir no mundo que o cerca como em sua casa, de que a individualidade deve estar tão familiarizada com sua natureza e as condições exteriores que não haja separação entre totalidade subjetiva e a existência exterior objetiva, que não sejam estranhas ou reciprocamente indiferentes a interna subjetividade e a exterior objetividade. Preciso é, pelo contrário, que um acordo subsista entre elas e se adaptem mutuamente. Despojar-se-á a objetividade exterior, como realidade do *ideal que é*, da sua rudeza, e à sua objetiva independência renunciará para se revelar idêntica àquilo de que é manifestação exterior. [...] o mundo criado pelo espírito constitui, por sua vez, uma totalidade que, na sua existência em si e para si, forma uma objetividade com a qual os indivíduos, ao evoluírem neste terreno, devem permanecer em constante concordância” (HEGEL, 1999, p. 251).

quando ela é sempre redimensionada? Como tornar a própria morte aceitável e vivível quando ainda buscamos o significado de nossas vidas?

Uma das possíveis respostas, Vattimo vai procurar em Kant<sup>4</sup> em sua *Crítica da razão prática*. Para Vattimo (2018c), em Kant o esforço para fazer o bem, de agir segundo uma lei moral, deve ter um sentido da existência, que Vattimo assim descreve:

Se o esforço de fazer o bem, de agir segundo uma lei moral, deve ter um sentido, então é preciso que seja possível esperar racionalmente que o bem (ou seja, a união de virtude e felicidade) se realize num outro mundo, posto que neste, evidentemente isso não acontece. (VATTIMO, 2018c, p. 11)

Vattimo (2018c) interpreta que, com essa conclusão sobre a lei moral e a busca racional pelo bem, o significado da existência será alcançado somente em outro mundo, impossível ser alcançado em nosso tempo histórico. Para ele, isso pode ser entendido como uma renúncia fisiológica à vida terrena.

Apesar de um problema de difícil solução, sua resposta pessoal é que a discrepância entre existência e significado da vida e seu redimensionamento ao longo do tempo não poderia ser um problema fisiológico exclusivo. Para Vattimo (2018c), parece ser também a consequência de um processo histórico, no qual seus projetos, sonhos de renovação, esperanças de resgate político, nos quais esteve profundamente envolvido, foram todos despedaçados.

Filosoficamente, esse horizonte histórico no qual esteve sua vida traz o pensamento de Blaise Pascal, o teórico de entretenimento. Em Pascal, “mesmo quem consegue viver toda a vida num clima de intensidade ininterrupta de projeto nada mais faz senão esconder assim na possibilidade iminente da morte individual, para a qual não há em vista qualquer esperança razoável de resgate” (VATTIMO *apud* PASCAL, 2018c, p. 12). A possibilidade iminente da morte individual é como um problema possivelmente sem solução teórica.

Uma possibilidade de saída talvez seja a promessa cristã da ressurreição da “carne”. Para Vattimo (2018c) quando se trata da “carne” e de sua

---

<sup>4</sup> Os postulados de Kant e o primado da Razão Prática podem ser encontrados no Livro: *Kant - vida e obra* (1999) - ao explicar o imperativo categórico, Kant faz a seguinte afirmativa: [...] a razão não é constituída apenas por uma dimensão teórica, que busca conhecer (e ultrapassar os limites do conhecimento), mas também por uma dimensão prática, que determina seu objeto diante da ação. Nesse sentido, a razão cria o mundo moral e é nesse sentido que podem ser encontrados os fundamentos da metafísica (KANT, I. *Kant - Vida e Obra*. Tradução de Valerio Rohden e Udo Baldur Moosburguer. São Paulo: Editora Nova Cultural LTDA, 1999, p.14).

ressurreição, sua interpretação da esperança cristã é uma ideia que o cumprimento da redenção não está em descontinuidade total com nossa história e nossos projetos terrenos.

A partir desse discurso sobre a esperança cristã da ressurreição da carne, o filósofo Italiano reforça a sua mensagem de que o retorno da religião e do problema da fé não deixa de ter relação com a história mundana. “Acreditávamos poder realizar a justiça na terra, vemos que não é possível, e recorreremos à esperança em Deus” (VATTIMO, 2018c, p. 12).

Assim, também muito do retorno da religião poderia ser explicado em nossa cultura.

A aparente insolubilidade, com os instrumentos da razão e da técnica, de muitos problemas apresentados ao último homem da modernidade tardia: “questões relativas à bioética, da manipulação genética às questões ecológicas, além de todos os problemas ligados à explosão da violência nas condições de existência da sociedade massificada. (VATTIMO, 2018c, p. 13)

Podemos perceber que o enfraquecimento do ser e a impossibilidade da razão para dar caminhos e direcionamento convincente para os diversos desafios da humanidade aparentemente nos conduzem à inviabilidade de projetos modernos. A emancipação do ser humano prometido com os instrumentos da razão e da técnica não se realiza. Então, recorreremos à esperança em Deus.

É como se recorrêssemos a Deus somente em situações difíceis, nas quais nossa capacidade de resolução dos problemas não encontra alternativa plausível, e então recorreremos ao Criador, como uma figura transcendente. Essa é a ideia do Deus “tapa buracos”<sup>5</sup>. Para nosso autor, podemos encontrar objeções religiosas (inclusive de fiéis) e objeções do ponto de vista da razão, “Deus, se existir, não seria certamente apenas o responsável pelos nossos problemas, tampouco que se dá a conhecer principalmente pelos fracassos” (VATTIMO, 2018c, p. 14). A ideia de um Deus distante, todo poderoso, capaz de nos ajudar de acordo com as nossas vontades parece estar ligada à ideia de transcendência de Deus.

---

<sup>5</sup> Vattimo faz uma referência à polêmica de Dietrich Bonhoeffer contra a ideia de Deus como “tapa-buracos”. Mais informações podem ser encontradas em *Crer que se crê*, citando uma carta de 29 de maio de 1944 (BONHOEFFER, D. *Resistência e submissão - cartas e anotações escritas na prisão*. São Leopoldo: Sinodal/EST, 2003. In: (VATTIMO, 2018 c, p.13).

Todos os hábitos mentais herdados de uma religião natural antepassada, que enxerga Deus nas forças ameaçadoras da natureza, nos terremotos e nos furacões, dos quais não sabemos nos defender, são o início de nossas civilizações. Para nos sobrepor a essas forças, recorreremos às crenças e práticas mágicas e supersticiosas. Para Vattimo (2018c), a transcendência divina aparece particularmente nessa perspectiva. Determinadas teologias, e até mesmo o autoritarismo da Igreja Católica, parece querer perpetuar essas características como últimas e verdadeiras, segundo o filósofo italiano.

A experiência de fé, também poderia estar voltada à consumação e à dissolução dessa aparência inicial da religião natural herdada dos nossos antepassados. O verso bíblico de João 15.15 poderia ser utilizado como exemplo dessa dissolução e de retorno da religião. “Já não vos chamo servos, mas amigos” (VATTIMO, 2018c, p. 14).

Vattimo (2018c) espera que o retorno de Deus na cultura e na mentalidade contemporânea, com tantos problemas e desafios que enfrentamos, não venha a ser uma imagem da transcendência divina como uma força ameaçadora e negativa, uma imagem insuperável. A ultrapassagem (*Verwindung*) da transcendência divina como força ameaçadora poderia sim nos levar à alteridade, ao simplesmente humano, ao outro. Essa seria uma atualidade renovada, que poderíamos ter no presente, da religião.

### **Retorno da religião e forças externas político-sociais**

Para Vattimo existem também explicações “externas” denominadas por ele de político-sociais do renascimento da religião. O retorno a Deus na sociedade contemporânea acontece quando a razão está em xeque, com tantos problemas que enfrentamos.

[...] de um lado, com presença mais patente na cultura comum, o retorno do religioso (como exigência, como nova vitalidade das igrejas, seitas, como busca de doutrinas e práticas outras – a “moda das religiões orientais etc.) é antes de mais nada motivado pela premência de riscos globais, sem precedentes na história da humanidade. [...] outro medo, também bastante difundido, ao menos nas sociedades avançadas, é o da perda do sentido da existência, do verdadeiro tédio que parece acompanhar inevitavelmente o consumismo. (VATTIMO, 2018, p. 92 -93)

Com tantos desafios aparentemente insolúveis, é difícil não recorrer ao Deus todo poderoso e superar a imagem da transcendência divina como uma força ameaçadora e negativa. Nessa condição, cada vez mais, a imagem de Deus transcendente e ameaçador se fortalece e, ao mesmo tempo, reforça também nossa imagem de “simples humanos”, ao invés de amigos de Deus. Essa dramaticidade de problemas abertos “é apenas um dos fatores que terminam a atualidade renovada, hoje, da religião” (VATTIMO, 2018c, p. 14).

O filósofo Italiano ainda cita outras ordens de razão, definidas por ele como políticas e filosóficas. Quanto às políticas, Vattimo remete diretamente ao papel decisivo que o Papa João Paulo II teve na dissolução dos regimes comunistas do Leste Europeu. Fora da Europa cristã e católica, surge também a importância e presença política de hierarquias islâmicas no mundo muçulmano.

Esse novo peso político das hierarquias religiosas é apontado por nosso autor não como causas, mas como efeito da sensibilidade renovada da religião (VATTIMO, 2018c, p. 15). Ou seja, as hierarquias religiosas têm no mundo contemporâneo grande influência político-social devido à nova sensibilidade religiosa presente. Alguns novos fatos político-sociais são consequência desse retorno religioso, e não sua causa.

Naturalmente, Vattimo reconhece que o peso político das hierarquias religiosas não surge do nada.

[...] a atenção dispensada aos aiatolás das várias confissões, não somente por parte dos muçulmanos em seus países, mas também por partes dos governos e da opinião pública no Ocidente, não seria tamanha se não tivesse havido a “guerrilha” petrolífera dos anos 1970 e mais tarde o terrorismo dos fundamentalistas islâmicos das décadas seguintes, o que tem muito a ver com o período do fim do colonialismo do que com qualquer revivalismo religioso. (VATTIMO, 2018c, p. 15)

A mesma análise Vattimo faz a respeito do Papa João Paulo II e sua influência no mundo cristão. O compromisso do Papa João Paulo II, como polonês, “contra os regimes soviéticos, desdobrou-se num momento que não era antes de tudo religioso, aqueles regimes já estavam bem mais que desmantelados” (VATTIMO, 2018c, p. 16). A queda do regime dá nova credibilidade ao papa e amplia seu alcance de ação junto à opinião pública, reforçando a sensibilidade religiosa da população.

Outro exemplo se dá na Itália. O fim do catolicismo político que vinculava a fé e a orientação (e obrigação) eleitoral é, para o autor, um fator decisivo externo que, apesar de não estar ligado exclusivamente como o pontificado do Papa João Paulo II, ocorre em seu tempo de papado, um rompimento político-social, um efeito do aumento da influência religiosa na sociedade. A erosão do vínculo entre fé e política, nesse caso Italiano, finalmente tornou possível o ensinamento da Igreja por parte de quem nunca foi um democrata-cristão. Essas são as explicações “externas”, político-sociais do renascimento da religião na Itália, para Vattimo.

Os exemplos citados por nosso autor estão diretamente relacionados à Europa, mas as causas apontadas por ele afetam seguramente o mundo todo. A migração de pessoas das colônias europeias para a Europa, o fim do eurocentrismo, são fatores de extrema importância para abrir as mentes do Ocidente às outras culturas. Suas opiniões agora são uma entre muitas. A convivência com outras crenças nos conduz diretamente ao retorno da matriz religiosa.

Vattimo tem como objetivo em sua atitude filosófica, chamada de *pensiero debole*, desvincular religião e metafísica na modernidade tardia<sup>6</sup>, e isso só é feito com enfraquecimento da herança religiosa, de uma experiência religiosa já vivida. Para Vattimo, a possibilidade da religião se dá justamente pelo ultrapassamento da metafísica, o que significa colocar abaixo a estrutura rígida da realidade, colocar abaixo os fundamentos últimos e metafísicos.

Ao nosso entender, o que Vattimo propõe é um processo bastante disruptivo, pois o retorno da religião por ele proposto não se trata somente de um caminho natural reativo e esperançoso do indivíduo em direção à morte, mas poderíamos classificá-lo como um processo de transgressão da ordem metafísica estabelecida, além de uma renovação na nossa maneira de pensar que também poderia nos levar à redenção, um ato de libertação da violência

---

<sup>6</sup> Modernidade “tardia” ou modernidade “alta” é uma categoria formulada por Anthony Giddens. Em sua obra *Modernidade e Identidade*, Giddens define a modernidade como uma ordem pós-tradicional, mas não uma ordem em que as certezas da tradição e do hábito tenham sido substituídas pela certeza do conhecimento racional. “[...] a dúvida, característica generalizada da razão crítica moderna, permeia a vida cotidiana assim como a consciência filosófica, e constrói uma dimensão existencial geral do mundo social contemporâneo” (GIDDENS, 2002, p. 10). Para Giddens, nas situações chamadas por ele de modernidade tardia – no nosso mundo hoje – “o eu” deve ser construído reflexivamente (GIDDENS, 2002, p. 11, 12).



intrínseca dos fundamentos últimos, que poderia nos levar à salvação. O *pensiero debole* de Vattimo, por causa de seus conteúdos ontológicos (o ser da ontologia não é senão o ser que acontece), de seu modo de conceber a verdade e o ser, não poderá buscar uma soberania em relação ao pensamento forte e metafísico, nem mesmo soberania em relação à práxis proveniente deste. Mesmo sustentado, um pensamento ultrametafísico como uma nova relação entre filosofia e sociedade, Vattimo sabe que esse “pensamento-recordo é apenas um pensamento projeto que pode justificar um compromisso” (TEIXEIRA, 2013, p. 8).

Hoje, temos diversos tipos de fundamentalismos religiosos, políticos e econômicos, cada uma na busca de seus fundamentos para a sacralização de suas verdades. No mundo em condições pós-modernas, como descrito por Vattimo, com o fim das metanarrativas trazidas com o fim da modernidade – partindo da ideia de que vivemos em um mundo de interpretação, e que a hermenêutica exigiria o debilitamento (enfraquecimento) do sujeito, de modo que a “escuta”, como primeiro modo do conhecimento, o filósofo italiano defensor do *pensiero debole* procura debilitar qualquer possibilidade de pensamento forte, com verdades e fundamentos últimos.

Esse retorno da religião, no caso de Vattimo, se dá por motivação interna, e ele destaca também o interesse externo comum por religião, motivos que o levam a procurar as causas que conduzem ao renascimento da religião na consciência comum e no discurso filosófico.

Um dos motivos do retorno para a consciência comum é o significado da existência. Para Vattimo (2018c), esse significado é sempre redimensionado com o tempo, o que o leva a crer que, nessa existência temporal que vivemos, não conseguiríamos achar um significado para a existência. Procurando achar qual é o motivo da discrepância entre existência e significado da vida, ela chega a fatores fisiológicos – onde postergamos todo o significado da vida terrena, para uma vida no “além”, portanto, a Deus e a fatores históricos que nos conduzem à destruição de todos os nossos sonhos de justiça e esperança. Sem a esperança de novos projetos, reconduzimos todas as nossas esperanças a Deus.

Esse Deus “tapa-buracos”, como descrito por Bonhoeffer, resolvidor dos problemas insolúveis, é o Deus que Vattimo identifica como o Deus da transcendência, um Deus distante dos homens, todo poderoso, capaz de nos

ajudar de acordo com nossas vontades. É o Deus da religião “natural” herdada dos antepassados, o Deus visível nas forças ameaçadoras da natureza. Esse é o Deus do autoritarismo, que muitas teologias querem fixar como definitivo e verdadeiro. Essa é a ideia que precisa ser enfraquecida, que precisa ser secularizada.

Em uma condição de xeque em que a razão se encontra, Vattimo identifica pelo menos duas outras ordens de razão: uma política e outra ligada a fatos da filosofia. Quanto às políticas, tanto das hierarquias católicas quanto das hierarquias islâmicas e suas crescentes influências políticas, são efeitos da sensibilidade renovada à religião.

Os efeitos da sensibilidade renovada à religião não surgem por acaso, mas têm a ver com o período do fim do colonialismo, mais do que qualquer revivalismo religioso, e se encontra fora do mundo cristão, como nas ações dos fundamentalistas islâmicos, a partir da década de 1970, relacionado tanto à “guerrilha” petrolífera quanto ao terrorismo dos fundamentalistas islâmicos das décadas seguintes.

Essas são as possíveis causas internas e externas do retorno ou renascimento da religião, especificamente na Europa, na análise feita por Vattimo.

No próximo item, vamos verificar como as transformações ocorridas no mundo do pensamento foram determinantes na análise feita por Vattimo para o retorno ou renascimento da religião.

## **1.2 Retorno da religião e o pensamento filosófico**

Entre muitas outras explicações para identificar fatores determinantes para a volta da religião estão as transformações ocorridas no mundo do pensamento e no conteúdo das teorias filosóficas.

Apesar de muitas teorias e profecias feitas no século XIX sobre o fim da religião, principalmente pelas ciências, as promessas não se cumpriram. A ideia iluminista e positivista no progresso e na ciência, que persistiram por muitas décadas no século XIX, e indicavam as religiões “como formas de experiências ‘residual’ destinadas a se consumirem à medida que a vida ‘moderna’ se impunha” (VATTIMO, 2018c, p. 17), hoje testemunha o retorno da religião como

um horizonte de abordagem possível, um possível guia para o futuro, segundo o autor.

O fim da Modernidade ou a crise do pensamento, para ele, “levou consigo a dissolução das principais teorias filosóficas que acreditam ter liquidado a religião: o cientificismo positivista, o historicismo hegeliano, depois, o marxista” (VATTIMO, 2018c, p. 17). Todos esses pensamentos filosóficos que acreditavam ter descoberto um conhecimento universal, último, são apenas pensamentos fortes, que precisam ser debilitados. Em condições pós-modernas, tendo a hermenêutica como difusão de interpretações, o fundamento último acaba sendo dissolvido, debilitado.

O resultado é que “hoje, não há mais razões filosóficas fortes plausíveis para ser ateu, ou, em todo caso, para rejeitar a religião” (VATTIMO, 2018c, p. 17). Ou seja, a própria crise da razão leva à dissolução de teorias filosóficas e de seus fundamentos últimos e autoritários para o autor de *pensiero debole*.

Nessa perspectiva positiva de progresso, a religião era considerada um “erro destinado a ser desmentido pela racionalidade científica, ou um momento a ser superado da razão rumo a formas de autoconsciência mais plenas e mais verdadeiras” (VATTIMO, 2018c, p. 18). Nesse exemplo, dado pelo filósofo italiano do pensamento positivista, podemos notar todo o autoritarismo e a vontade de poder em tornar os fundamentos positivistas, como um fundamento último, universal, que necessitaria ser seguido por todos.

O autor ressalta, porém, que as crenças na verdade “objetiva” das ciências e a fé no progresso da razão aparecem como crenças superadas, pelo fato de não poder solucionar todos os nossos desafios, e cita que “O desencanto do mundo, produziu um desencanto radical da própria ideia de desencanto” (VATTIMO, 2018c, p. 18).

Em outras palavras, poderíamos dizer que toda desmitificação procurada pelos pensamentos filosóficos volta-se contra si mesmo, “ao reconhecer como mito o ideal de liquidação do mito” (VATTIMO, 2018c, p. 18). Para o autor, é esse o êxito do pensamento moderno, que ainda é uma fonte de discussão, não aceita por muitos.

É esse o ponto de inflexão, o início de suas reflexões sobre o retorno da religião e do pensamento filosófico. Tanto o racionalismo cientificista quanto o

racionalismo histórico, que inabilitavam a possibilidade da religião, tornam-se insustentáveis na cultura pós-moderna (contemporânea).

Vattimo (2018c) procura, então, pensar a religião vivida no contexto pós-moderno, como um horizonte de abordagem possível de significar aspectos da vida. Desse modo, vai empreender uma leitura do nosso tempo, a partir dos conceitos de Nietzsche e Heidegger.

### **Influência de Nietzsche e Heidegger**

Essa desmitificação procurada pelos filósofos, que acaba também desmitificando o ideal de liquidação do mito, é onde Vattimo traz o pensamento sobre niilismo e de vontade de potência de Nietzsche e sobre a tarefa do pensamento da superação da metafísica em Heidegger.

Nietzsche e Heidegger são, para nosso autor, os pensadores que influenciaram o surgimento do pós-moderno, como tempo da descrença em verdades últimas e objetivas. São os pensadores que revelam aquilo que os filósofos esqueceram, ou seja, que a ontologia não é outra coisa senão interpretação. Isso é bastante importante de ser destacado nesta análise.

O fim de verdades últimas e objetivas não significa que Vattimo não acredita em verdades, mas que acredita em verdades que foram debilitadas (enfraquecidas), verdades hermenêuticas que podem ser lembradas e reinterpretadas. Portanto, Vattimo não é um relativista, que não acredita em verdades, mas reconhece que o enfraquecimento (debilidade) do ser é sua inspiração: é o que o leva de volta ao cristianismo.

O enfraquecimento do ser só pode ser feito como o niilismo. Nas ideias de Nietzsche, do “niilismo e de ‘vontade de potência’, a interpretação da Modernidade é anunciada como a consumação final da crença no ser e na realidade como dados objetivos que o pensamento deveria se limitar” (VATTIMO, 2018c, p. 19). Baseado no reconhecimento do enfraquecimento do ser, Vattimo vai propor a interpretação do retorno da religião. Vamos interpretar esse pensamento.

### **A influência do niilismo de Nietzsche e a relação com a religião**

Em Nietzsche, Vattimo vai buscar na obra *O crepúsculo dos ídolos*, uma passagem conhecida por “Como o ‘mundo verdadeiro’ acabou por se tornar

fábula”<sup>7</sup> (VATTIMO, 2018c, p. 19). Nessa passagem, Nietzsche fala da história de um erro, que leva o “mundo verdadeiro” a se tornar uma fábula. Esse erro é a instituição do mundo verdadeiro para Platão e para o mundo filosófico. A instituição do mundo verdadeiro e sua queda e, com ela, a abolição do mundo aparente é a interpretação de Nietzsche sobre niilismo.

Para Nietzsche (2008), o niilismo pode ser visto como consequência da interpretação de valor da existência até hoje e, como consequência dessa interpretação de valor da existência, o niilismo significa que “os valores supremos se desvalorizam. Falta o fim; falta a resposta ao ‘por que?’” (Nietzsche, 2008, p. 29).

Na Interpretação de Vattimo, niilismo significa, em Nietzsche, “a ‘desvalorização dos valores supremos’ e a fabulação do mundo: não existem fatos, só interpretações, e também esta é uma interpretação” (VATTIMO, 1999, p. 25).

Em outras palavras, poderíamos dizer que, para o filósofo italiano, o fim da modernidade significou a dissolução das teorias filosóficas que previam ter liquidado com a religião e, para ele, ficou clara a impossibilidade de significar a existência a partir de sistemas metafísicos com pretensões últimas e universais.

O cristianismo, para Nietzsche, era como um grande movimento niilista da antiguidade, que influenciou a “história do niilismo europeu”. A moral cristã, com

---

<sup>7</sup> A definição nietzschiana do niilismo como instituição de um mundo verdadeiro e sua sucessiva queda está descrito no livro *Crepúsculo dos ídolos*, de Nietzsche. Nietzsche descreve no prólogo do livro um capítulo chamado *Como o “mundo verdadeiro” se tornou fábula - História de um erro*. O trecho, apesar de longo, vale a pena se transcrito aqui. “[...] Como o ‘mundo verdadeiro’ finalmente se tornou fabula - História de um erro: 1. O mundo verdadeiro, alcançável para o sábio, o devoto, o virtuoso – ele vive nele, ele é ele. (A mais velha forma da ideia, relativamente sagaz, simples, convincente. Paráfrase da tese: “eu, Platão, sou a verdade”). 2. O verdadeiro mundo, inalcançável no momento, mas prometido para o sábio, o devoto, o virtuoso (“para o pecador que faz penitência”). (Progresso da ideia: ela se torna mais sutil, mais ardilosa, mais inapreensível – ela se torna mulher, torna-se cristã...) 3. O mundo verdadeiro, inalcançável, indemonstrável, impossível de ser prometido, mas, já enquanto pensamento, um consolo, uma obrigação, um imperativo. (o velho sol, no fundo, mas através de neblina e ceticismo; a ideia tornada sublime, pálida, nórdica, Königsbeguiana). 4. O mundo verdadeiro – alcançável? De todo modo, inalcançado. E, enquanto não alcançados, também desconhecido. Logo tampouco salvador, consolador, obrigatório: a que poderia nos obrigar algo desconhecido?... (Manhã cinzenta. Primeiro bocejo da razão. Canto o galo do positivismo.) 5. O “mundo verdadeiro” – uma ideia que para nada mais serve, não mais obriga a nada - ideia tornada inútil, logo refutada: vamos eliminá-la! (Dia claro; café da manhã; retorno do *bom senso* (bom senso) e da jovialidade; rubor de Platão; algazarra infernal de todos os espíritos livres.) 6. Abolimos o mundo verdadeiro: que mundo restou? A aparente talvez?... Não! Com o mundo verdadeiro abolimos também o mundo aparente” (meio-dia; momento da sombra mais breve; fim do longo erro; apogeu da humanidade; INCIPIT ZARATUSTRA (começa Zaratustra) (NIETZSCHE, 2019, p. 25-26).

sua noção de Deus e suas verdades transcendentais, é o elemento que desencadeia o processo niilista.

Para Vattimo (2018c), aquele que se chamou de “mundo verdadeiro”, ao qual se atribuía um valor próprio de verdade, não é o mundo verdadeiro, mas, sim, um mundo onde não há mais nada a acrescentar, um mundo que ele chamou de “mundo *tout court*” (VATTIMO, 1996, p. 10). Esse “mundo verdadeiro” é o mundo que se torna fábula:

[...] a fábula não mais o é porque não há verdade alguma que a desvende como aparência e ilusão, a noção de fábula não perde em absoluto seu sentido. De fato, ela proíbe atribuir às aparências que a compõem a força coercitiva que pertencia ao *ontos on* metafísico. (VATTIMO, 1996, p. 10)

Vattimo (1996), em sua apologia ao niilismo, destaca que o niilista consumado é aquele que compreendeu que o niilismo é sua (única) chance. A constatação do niilismo, após a morte de Deus, significa a impossibilidade de sistemas últimos, rígidos e universalistas da realidade.

Para o autor, a partir dessa constatação, somos levados a significar a realidade de outra maneira. Com o niilismo, temos o evento hermenêutico. Não podemos falar de realidade como uma estrutura fixa e imutável. Vivemos em uma época de várias histórias, várias realidades diferentes, portanto, de diversas maneiras de significar a realidade. Lidamos, assim, com interpretações exatamente como descritas por Nietzsche: “não existem fatos, só interpretações e essa também é uma interpretação” (VATTIMO, 1999, p. 25). É baseado nessa linha de raciocínio que Vattimo vai trabalhar seu *pensiero debole* e o retorno da religião, como o pensamento hermenêutico, sem pretensões de ser um pensamento ou uma atitude filosófica que constrói uma razão forte e objetiva, como era o pensamento metafísico, mas que considera as interpretações.

Para Evilázio Teixeira (2013), a verificação do retorno da religião reabre uma ferida que a modernidade acreditava estar cicatrizada no período Iluminista, baseada no ideal racionalista da verdade como objetividade. Essa reabertura da cicatriz é, para ele, a base da intuição de Vattimo para fundamentar “sua convicção da hermenêutica como teoria filosófica capaz de dar razão às diversas imagens do mundo” (TEIXEIRA, 2013, p. 152). Para Teixeira (2013), existe também um risco em tal colocação se a hermenêutica ficar confinada somente no jogo das interpretações. Se isso ocorrer, corre-se o risco da hermenêutica

“transformar-se numa espécie de metafísica camuflada” (TEIXEIRA, 2013, p. 152).

A saída seria uma hermenêutica niilista, “única capaz de estar aberta ao evento do ser, que, no acontecer histórico, se dá na forma de anúncio. Vislumbra-se, portanto, uma nova estação, na qual o pensamento se caracteriza como pensamento da “proximidade” e da “escuta crítica” (TEIXEIRA, 2013, p. 152). A hermenêutica da escuta se constitui como novo método de interpretar, exprimindo responsabilidade como possibilidade e reconhecimento do “não dito” que o dito evoca, uma atitude que “permite e revela o ser das coisas no seu ‘velado desvelamento’” (TEIXEIRA, 2013, p. 152).

Pires (2007) comenta que pensar em desvalorização dos valores supremos poderia representar a decadência. Mas ressalta que, em Nietzsche, “o niilismo comporta uma ambiguidade: é sinal de decadência, mas também pode indicar vitalidade. Com a desvalorização dos valores supremos, ainda permanece o mundo. Este mundo impulsiona a criação de novos valores” (PIRES, 2007, p. 168).

Essa é a experiência do niilismo, uma experiência desligada dos pretensos valores últimos e, para Vattimo, somente assim os valores que a tradição metafísica considerou baixos são resgatados para sua verdadeira dignidade. Dessa maneira, “os valores de culturas marginais, das culturas populares, opostos ao das culturas dominantes; a eversão dos cânones literários, artísticos” (VATTIMO, 1996, p. 11) poderiam ser resgatados. Esse resgate só pode ser feito com a dissolução dos valores metafísicos.

O niilismo estaria consumado como uma (única) chance porque, com ele, somos levados a nos libertar das significações fortes e violentas da realidade, abrindo novos horizontes possíveis para o pensamento, novas interpretações das realidades, talvez não tão violentas, talvez nem tanto autoritárias, como a realidade em que vivemos.

### **A dissolução dos valores metafísicos no pensamento filosófico de Nietzsche**

Segundo Vattimo (2018c), Nietzsche percorreu todas as etapas dessa dissolução dos valores metafísicos, desse niilismo consumado. A primeira etapa foi a da consumação da ideia de verdade no pensamento filosófico grego. A

filosofia grega, ao situar a verdade do mundo no além – metafísico – o mundo das ideias de Platão, as quais poderíamos conhecer com seu caráter definitivo e estável, “deveriam garantir a possibilidade de conhecer as coisas móveis e mutáveis da experiência cotidiana” (VATTIMO, 2018c, p. 19).

A segunda etapa da consumação da Ideia de Verdade vem com Kant e sua descoberta de “que o mundo da experiência é constituído pela intervenção do sujeito humano” (VATTIMO, 2018c, p. 19). Kant afirmava que, sem as formas *a priori* da sensibilidade e do intelecto, não há mundo, apenas uma “coisa em si”, da qual, porém, nada sabemos, senão que não podemos lhe negar a existência.

A terceira etapa da consumação da ideia de verdade vem do pensamento positivista, ao afirmar que o que é realmente real, o “fato positivo”, como chamado pelos positivistas, é um dado certificado pelas ciências – certificação que é, por sua vez, uma atividade humana. A realidade do mundo para os positivistas “se identifica como aquilo que é produzido pela ciência e seus experimentos, pela técnica, com seus aparatos” (VATTIMO, 2018c. p. 19).

Para o filósofo italiano, a eliminação do “mundo verdadeiro” ocorre exatamente quando a verdade é reduzida por aquilo que é posto pelo homem. Essa verdade também é consumada quando imposta pela ciência e pela técnica que, mesmo revelando o caráter interpretativo da existência humana, acabam por manipular a positividade do ser humano, transformando-os em objeto de produção e consumo. Inicia-se nos gregos e se molda na Modernidade, na emergência do mundo técnico-científico positivista, até chegar no mundo da organização total de Adorno, uma grande aventura racional do Ocidente. O “mundo verdadeiro” de Nietzsche é o mundo em que vivemos, é nele que os filósofos vivem.

Segundo Ferreira (2015), “a época do niilismo, que Nietzsche mostrou em *Crepúsculo dos Ídolos* e no niilismo europeu como o mundo verdadeiro acabou se tornando fábula, implicando a crise da modernidade e o início do além do homem” (FERREIRA, 2015, p. 46).

O retorno da religião pode ser compreendido, portanto, à luz do fim da modernidade, que traz consigo o enfraquecimento e a dissolução de vários sistemas que o identificavam como um erro a ser combatido, permitindo reconhecer na religião valores que foram esquecidos ou desprezados.



A queda dos interditos filosóficos contra a religião, já que justamente disso que se trata, coincide com a dissolução dos grandes sistemas que acompanharam o desenvolvimento da ciência, da técnica e da organização social modernas, portanto, com o desaparecimento de qualquer fundacionalismo - em outras palavras, daquilo que a consciência comum parece buscar em sua volta à religião. (VATTIMO, 2018, p. 93)

Vattimo (2018c) identifica que é nessa condição de verdade, posta pelo homem, que Nietzsche identifica como pura “vontade de potência”. É nesse momento que precisamos aprender a sermos niilistas. Somente o niilismo pode nos salvar.

### **O Niilismo em Heidegger - metafísica e violência?**

Vattimo (2018c) defende que Heidegger retoma essa reconstrução nietzschiana da história da cultura ocidental. Em Heidegger, “o pensamento que identifica o ser como dado objetivo, com a coisa diante de mim, da qual nada posso senão assumir a atitude de contemplação” (VATTIMO, 2018c, p. 20), um pensamento metafísico. “A metafísica, como pensamento do ser como presença e objetividade, é intrinsecamente violenta” (PECORARO, 2005, p.106).

Esse apelo ao fundamento objetivista é o que, para Vattimo, acaba legitimando toda forma de violência e abuso em relação aos outros. É o que faz o diálogo cessar. Podemos perceber, em todos os campos de relacionamento, seja político, religioso, cultural ou familiar, que quando alguém afirma poder descrever as coisas como são, quer, na realidade, impor seus pensamentos sobre os demais, portanto procura dominar. Essa forma de dominação é violenta e cessa qualquer outro tipo de interpretação que outra pessoa possa ter. Cessa o diálogo.

Para Vattimo (2018c), na retomada da reconstrução nietzschiana da história da cultura Ocidental, Heidegger afirma que, com o niilismo, “torna-se explicitamente conhecimento de que o ser e a realidade são posição, produto do sujeito” (VATTIMO, 2018c, p. 20). Para Heidegger, em tal posição niilista, a metafísica acabou (VATTIMO, 2018c). Esse sentido de acabar naturalmente é interpretativo e significa que, com o niilismo, Heidegger considera tal identificação do ser como dado objetivo.

Tomar o ser como um dado objetivo, do qual nada posso fazer senão assumir uma atitude de contemplação é o que Heidegger chama de metafísica

da objetividade. Em outras palavras, poderíamos dizer que “a metafísica tem o desejo de dizer como as coisas são” (PIRES, 2007, p. 19).

Para Vattimo (2018c), a experiência do pensamento do século XX está ligada ao crescimento do mundo técnico e da sociedade racionalizada. Esse vínculo também traz diversas interpretações entre concepções diferentes do significado da crise. Então, os motivos para superar a metafísica para Heidegger são os mesmos motivos de muitos pensamentos de vanguarda, não só da filosofia, mas também da literatura e do pensamento artístico do século XX.

Vattimo (2018c) cita alguns desses pensamentos que buscam superar a metafísica, como, por exemplo: o pensamento de Ernst Bloch, em *Espírito de utopia*; o pensamento da sociedade de “organização total”, postulada por Adorno; o marxismo de Lukás e a escola de Frankfurt. Vamos, resumidamente, verificar cada uma dessas posições.

Vattimo (1996), quando fala da perspectiva teórica sobre a crise do humanismo, refere-se a uma corrente de pensamento marxista que nasce da Ortodoxia Lukasiana e no Utopismo de Ernest Bloch, *Gesit der Utopie* (1918; 1923). A obra de Bloch é, para Vattimo, uma das obras filosóficas do século XX que mais se abriram para explorar as possibilidades positivas relacionadas aos aspectos desumanizantes das novas condições de existência do mundo técnico. Nessa obra de Bloch, o “sujeito reapropriado” era configurado segundo o modelo de um palhaço (*Clown*), uma forma “desequilibrada” e, nas palavras de Vattimo, “pouco assimilável ao *homo humanus* da tradição” (VATTIMO, 1996, p. 27). Na utopia de Bloch, a consciência das novas possibilidades de existência ajuda a dissolver progressivamente essa imagem, quando se pensa no acolhimento geral dos conteúdos do humanismo, criando uma imagem utópica do homem a ser realizada com a revolução.

Vattimo (1996) cita também, na mesma linha de pensamento, como uma vocação – no fundo ainda humanista – poderia ser vista na obra de Adorno, que foi profundamente condicionada pelo utopismo de Bloch. A diferença entre eles é que Adorno evita qualquer conciliação com a existência técnica, “sempre à procura de um ideal de homem que se mantém substancialmente ligado à tradição” (VATTIMO, 1996, p. 27). Adorno analisa que, se destacarmos o plano de organização social e política racionalmente dirigidas, deixa-nos pressentir, e mesmo prever uma sociedade de “organização total”, uma sociedade totalmente

administrada, justamente a crítica de Adorno ao Iluminismo como um sistema que pretendeu racionalizar o mundo, torná-lo manipulável e subjugável pelo homem, o que nos levaria à autodestruição. Para Vattimo (2018c), na sociedade de “organização total”, “o sujeito humano tenderia fatalmente a se tornar puro material, parte da engrenagem geral de produção e do consumo” (VATTIMO, 2018c, p. 20).

Tanto na utopia de Bloch como na sociedade de organização total de Adorno, a concepção do ser como um objeto acaba identificando a verdade do ser com a calculabilidade, mensurabilidade que pode ser manipulada como objeto pela tecnociência. A tendência final é a consolidação de uma sociedade de “organização total” como descrita por Adorno, na qual o ser humano tenderia a se tornar apenas parte da engrenagem geral da produção e consumo. Essa concepção do ser como algo manipulado e parte de uma engrenagem geral é inimiga da liberdade e da historicidade da existência.

Vattimo (2018c) busca um novo horizonte de pensamento, de novas reflexões a partir da negação do ser como engrenagem manipulável, pois que se mostra inimiga da liberdade e da historicidade da existência. Na visão do autor, deveríamos fazer oposição a esse pensamento reduutivo, e essa oposição deve ser feita não por razões teóricas, mas por razões ético-políticas.

Uma das ideias bastante difundidas é que a nova vitalidade da religião depende justamente do fato de a filosofia e o pensamento crítico não conseguirem fornecer sentido à existência, por terem abandonado a própria noção de fundamento.

Para o filósofo italiano, o niilismo no qual Nietzsche e Heidegger veem êxito não parece ser um erro humano do qual seria possível sair mediante uma correção de rota. Isso, para ele, seria comprovar uma mentalidade objetivista. Heidegger postula que os esforços para “encontrar no ser algum imediatismo vivido, ainda não enjaulado nos esquemas do método científico, e escapando dos mecanismos de objetivação” (VATTIMO, 2018c, p. 22) são inexistentes. Todos os esforços nesse sentido, portanto, seriam vãos.

Se é verdade que a religião hoje se nos reapresenta como uma exigência profunda e também filosoficamente plausível, isso se deve, também e primeiramente, a uma dissolução generalizada das certezas racionalistas das quais o sujeito moderno se alimentou; exatamente

aquele sujeito para o qual o sentimento de culpa e a “inexplicabilidade” do mal são elementos centrais e decisivos. (VATTIMO, 2018, p. 100)

Vattimo (2018c) parece nos conduzir à necessidade de tomarmos consciência da crise de fundamentos que estamos vivendo, inclusive o pensamento filosófico. Essa crise, para ele, não necessariamente é má.

Teixeira (2013) fala também da crise e de sua superação em relação à metafísica. Para ele, deveríamos nos acostumar “à ideia de ultrapassagem da metafísica, porque isto impõe da parte da subjetividade arrogante típica da modernidade, se não o abandono do pensamento ‘forte’, ao menos o nivelamento de sua violência” (TEIXEIRA, 2013, p. 130). Teixeira cita ainda que a metafísica, para privilegiar categorias unificantes, soberanas, generalizantes, reage com excesso de defesa. Todas as categorias metafísicas: o ser e os seus atributos, a causa “primeira”; o homem como responsável, bem como “a vontade de potência, lida com a afirmação – tomada de poder sobre o mundo –, são categorias violentas, portanto, devem ser enfraquecidas e despotencializadas” (TEIXEIRA, 2013, p. 130).

Podemos perceber que, tanto em Vattimo como em um dos seus comentadores, a crise pela qual passamos tem o ultrapassamento de um pensamento forte, metafísico. Em ambos os casos, a conclusão é que precisamos debilitar esses pensamentos, pois são autoritários e violentos.

Se não há ponto de estabilidade que permita uma descrição do real, separado da historicidade e da nossa maneira de interpretar, os sentidos e valores precisam ser reinterpretados niilistamente *no pensiero debole*, enfraquecidos, distorcidos e ultrapassados.

Vattimo (2018c) conclui seu pensamento sobre o retorno da religião, fazendo referência a conclusões, tanto de Nietzsche como Heidegger, sobre seus posicionamentos teóricos sobre o êxito do niilismo. Porém, apesar dos aspectos teóricos e argumentos persuasivos, declara sua preferência pela solução heideggeriana. Por quê? Porque, para Vattimo, a solução de Heidegger para os problemas da filosofia de hoje é baseada e inspirada na herança cristã.

Poderíamos, resumidamente, dizer que Vattimo procura relacionar os fatores determinantes para a volta da religião com as transformações ocorridas no pensamento e no conteúdo filosófico.

Analisando especificamente décadas do século XIX, ele inicia sua análise sobre o pensamento positivista e o raciocínio ateu, baseado na crença exclusiva da ciência experimental da natureza e a fé no desenvolvimento rumo à emancipação plena do homem de todas as autoridades transcendentais.

Vattimo constata que a crise da razão provoca a dissolução desses pensamentos dominantes e que todas as correntes de pensamento filosófico, com o cientificismo positivo, o historicismo hegeliano e, depois, o materialismo marxista, passam por essas dissoluções.

O desencanto do mundo produziu um desencanto radical da própria ideia de desencanto. Todas as teorias que inabilitavam a possibilidade da religião tornam-se insustentáveis na cultura contemporânea.

Vattimo acredita que o pensamento sobre niilismo e de vontade de potência de Nietzsche e a tarefa do pensamento da superação da metafísica em Heidegger revelam o que os outros filósofos esqueceram: a ontologia não é outra coisa senão interpretação.

Buscando as razões em Nietzsche, Vattimo interpreta que o niilismo significa a desvalorização dos valores supremos e a fabulação do mundo: não existem fatos, só interpretações, e também esta é uma interpretação.

Nietzsche ainda afirma que a história do niilismo europeu se deve ao cristianismo, o grande movimento niilista da Antiguidade. A moral cristã, com sua noção de Deus e suas verdades transcendentais é o elemento que desencadeia o processo niilista. O niilismo comporta uma ambiguidade, podendo ser um sinal de decadência ou um sinal de vitalidade. Com a desvalorização dos valores supremos, ainda permanece o mundo, que pode impulsionar novos valores.

A experiência do niilismo é uma experiência desligada de pretensos valores últimos. Vattimo percorre exemplos da consumação de valores e pensamentos filosóficos considerados metafísicos, principalmente a ideia de verdade. Inicia pelos pensamentos da filosofia grega, passando por Kant, chegando nos positivistas. A ideia de verdade é consumada quando imposta pelo homem, ou pela ciência e pela técnica que, apesar de revelarem seu caráter interpretativo, acabam por manipular a positividade do ser humano.

A crise do pensamento é a queda dos interditos filosóficos contra a religião e contra qualquer fundacionismo; a reconstrução nietzschiana da história cultural

ocidental foi feita por Heidegger. O pensamento que identifica o ser como um objeto dado objetivo é um pensamento metafísico que Vattimo relaciona diretamente com a violência. Para Vattimo, com o niilismo, a metafísica acaba, ou seja, torna-se explicitamente conhecimento de que o ser e a realidade são posição, produto do sujeito.

Na experiência do pensamento do século XX, ligada ao mundo técnico e da sociedade racionalizada, o sujeito tenderia fatalmente a se tornar puro material, parte da engrenagem geral de produção e do consumo, e essa concepção do ser manipulado é uma concepção inimiga da liberdade e da existência humanas, e precisa ser combatida por razões éticas, segundo o autor.

Vamos, então, procurar interpretar essa vocação niilista do ser e sua relação com a herança cristã.

### **1.3 Herança cristã e niilismo**

Para Vattimo (2018c), a herança cristã tem um sentido amplo, refere-se à nossa cultura geral que, segundo ele, foi “trabalhada” e forjada pela mensagem cristã, principalmente pela revelação bíblica do Antigo e do Novo Testamentos. Em sentido pessoal, Vattimo (2018c) classifica o cristianismo como herança, porque, para ele, o cristianismo fez parte de sua vida desde sua infância, algo presente diariamente, parte importante de seu passado que foi deixado de lado. Essa herança volta à sua vida, se é que um dia deixou de estar presente, depois de suas reflexões inspiradas em Nietzsche e Heidegger.

Ele descreve essa herança que recebeu do cristianismo como as reflexões inspiradoras recebidas do pensamento de Nietzsche e de Heidegger, e sua volta para o cristianismo como uma relação de “circularidade”, e acredita que pode ser, inclusive, escandalosa do ponto de vista da lógica. Porém, acredita que, ao analisar e refletir os textos de Nietzsche e de Heidegger, consegue viver e reinterpretar sua condição existencial na sociedade contemporânea.

[...] volto a pensar seriamente no cristianismo porque construí para mim uma filosofia inspirada em Nietzsche e Heidegger, à luz dela, interpretei minha experiência no mundo atual; mas, muito provavelmente, construí essa filosofia preferindo esses autores por obter partido justamente da herança cristã que ora creio reencontrar, mas que, na verdade, nunca abandonei de verdade. (VATTIMO, 2018c, p. 24)

Essa circularidade de seu retorno para religião ele observa também na contemporaneidade: a relação da sociedade ocidental com a herança judaico-cristã. Depois de algumas leituras e conversas com René Girard, Vattimo (2018c) decide assumir, em forma de texto, suas reflexões e seu modo de entender o nexos entre cristianismo e niilismo.

Vattimo (2018c) acredita que o pensamento heideggeriano, caracterizado no sentido “fraquista” (débil) é onde sua inspiração cristã mais se faz sentir. Apenas recordando o sentido “fraquista” de Heidegger na interpretação de Vattimo: “O ser que se dá. Doa-se. Acontece. Dá-se tornando-nos possíveis, torna-nos possíveis com um ato de amor” (VATTIMO, 2018d, p. 20).

[...] se de fato, não é possível continuar a crítica heideggeriana à metafísica objetivista substituindo-a com uma concepção mais adequada do ser (portanto, ainda pensado como objeto), então é preciso conseguir pensar no ser não identificado, em nenhum sentido, com a presença característica do objeto. (VATTIMO, 2018c, p. 25)

Para o autor, todo projeto de reapropriação de uma essência ameaçada é inútil. Não se pode impedir a saída niilista, segundo sua visão. Também não se pode considerar a história do niilismo apenas como história do pensamento; “como se a metafísica - que identifica o ser como objeto e, no fim reduz a um produto de vontade de potência – fosse apenas ideias dos homens, dos filósofos, dos cientistas ocidentais na sua independência objetiva” (VATTIMO, 2018c, p. 25-26).

Para Vattimo (2018c) o ser possui uma vocação niilista que tem como traço o enfraquecimento, redução, subtração precisamente na época do fim da metafísica, o que o tornaria um problema para a objetividade. Dessa maneira, “o pensamento heideggeriano como “ontologia *debole*” ou ontologia débil pode ser concebida como um reencontro com o cristianismo e como resultado permanente de sua herança” (VATTIMO, 2018c, p. 26).

Vattimo (2018c) relata que, a partir de suas reflexões sobre a obra de René Girard, *Das coisas escondidas desde a fundação do mundo*,<sup>8</sup> inicia-se seu pensamento sobre a relação entre filosofia (*Pensiero debole*) e mensagem cristã. Vattimo assim descreve:

---

<sup>8</sup> O título original descrito por Vattimo é: *Delle cose nascote sin dalla fondazione del mondo*, que foi traduzido literalmente como *Das coisas escondidas desde a fundação do mundo*, em livre tradução.

Da obra de Girard, da qual me aproximei lendo antes *Delle cose cascate sin dalla findazione del mondo*, é fato que, num certo momento, me via pensando que a leitura fraquista de Heidegger e a ideia de que a história do ser tem como fio condutor o enfraquecimento das estruturas a suposta peremptoriedade do real, dado “lá fora” como um muro contra o qual se vai trombar (trata-se de uma imagem da realidade do ser, no fundo, da transcendência de Deus...), não fosse outra coisa senão a transcrição da doutrina cristã da encarnação de Deus. (VATTIMO, 2018c, p. 27)

O que Vattimo procura fazer é conceber a doutrina cristã da encarnação do filho de Deus como um anúncio de uma ontologia de enfraquecimento. Ao se deparar com o muro com o qual se vai trombar, na analogia de Vattimo (2018c), deve-se reconhecer a efetividade do real. Falar da transcendência de Deus seria, portanto, reconhecer a efetividade da doutrina cristã da encarnação do filho de Deus, em termos de novas reflexões, em termos de enfraquecimento, como foi o exemplo dado pelo próprio Jesus. Isso faria sentido? Poderíamos relacionar a encarnação do filho de Deus com uma teoria de enfraquecimento, de debilidade?

Vattimo (2018c) procura na obra de René Girard, chamada *A violência e o sagrado* (para, ele, um texto de antropologia filosófica), uma teoria sobre o desenvolvimento da civilização humana. É fundamental, portanto, atentarmos para a influência do pensamento de Girard na compreensão que Vattimo possui sobre o desenvolvimento da civilização e especificamente do cristianismo.

Girard (2008), em sua obra *A violência e o sagrado*, centra suas reflexões no que considera ser os eventos primordiais do processo civilizatório. Para ele, “há um mistério do sacrifício” (GIRARD, 2008, p. 12) e, destacando o papel da violência fundadora, apresenta uma nova teoria do sagrado, que lhe permite um reexame dos grandes temas míticos e rituais. Para explicar “o mistério do sacrifício”, ele procura remontar o que denomina a origem de toda violência. Na visão de Girard, as religiões arcaicas são baseadas na necessidade de criar vítimas para manter a ordem na sociedade. O impulso mimético dos humanos para desejar sempre as mesmas coisas que desejam os outros, tende a um tipo de “conflito que é interno, recíproco e potencialmente interminável, que instaura círculos viciosos de violência aos quais nenhum sistema ‘judicial’ consegue pôr freio” (GIRARD, 2010, p. 24).

Esse impulso mimético dos humanos em desejar sempre as mesmas coisas que os outros desejam aumenta, até que a violência ameaça consumir a sociedade. Essa crise se conclui como uma alteração repentina da unanimidade



mimética, pela qual a violência da comunidade, “a violência coletiva, polariza-se sobre uma única vítima, eleita por razões arbitrárias: por meio de seu assassinato, volta a ser restabelecida a ordem social” (GIRARD, 2010, p. 24).

Um bode expiatório sacrificial é morto para evitar a destruição da sociedade. Com o tempo, surge um rito que assume um caráter sagrado e divino. Para Girard, “sacrifício” significa, de fato, “tornar sagrado”. O mito das religiões naturais coloca em cena uma farsa, na qual acredita a multidão tomada pelo paroxismo, pela agonia mimética, acredita Girard.

Em um texto chamado *Das coisas ocultas desde a fundação do mundo*, Girard aplica sua teoria “sobre o sacrifício” ao cristianismo. Toda a Bíblia é, então, analisada como texto antropológico. Vattimo (2018c) classifica René Girard como sua inspiração, e confessa que a leitura desse texto o ajudou a tornar “possível compreender a essência eventual e histórico-progressiva do cristianismo e da modernidade” (VATTIMO, 2010, p. 27).<sup>9</sup>

Para Girard (2010), o cristianismo, do ponto de vista sociológico e antropológico, nega a ordem e as leituras míticas, uma vez que descreve a mesma cena, mas o faz do ponto de vista da vítima, que é sempre inocente. O Novo e o Antigo Testamento, para René Girard, são uma tentativa de demonstrar esse mecanismo baseado na vítima. Girard acredita que Jesus foi colocado na cruz para revelar esse mecanismo sustentado na vítima, ao invés de ser o sacrífico perfeito, como propõe a teologia cristã. Esse tipo de consciência, para Girard, “leva à ruptura daquele mecanismo de menosprezo, de aparência cognitiva que estava na base do esquema mítico: de agora em diante, não podemos fazer de conta que não sabemos que a ordem social está construída sobre peles de vítimas inocentes” (GIRARD, 2010, p. 26).

Para Girard (2010), o cristianismo tem trazido uma ruptura na história do homem e, em particular, na história das religiões. As religiões, para ele, foram aquilo que permitiu às comunidades primitivas não se autodestruírem. O ser humano e suas dinâmicas sociais violentas, tais como represálias, vinganças, o querer retribuir olho por olho e dente por dente, encontram na religião um freio desse mecanismo violento. Descrevendo a mitologia e os mitos de origem,

---

<sup>9</sup> In: Girard, R. *Cristianismo e Relativismo: Verdade ou fé Frágil* / René Girard, Gianni Vattimo; Tradução Antonio Bicarato. Aparecida, SP: Editora Santuário, 2010.

Girard (2010) cita a força de um linchamento fundador, uma expulsão, no início real e, depois, simbólica, de vítimas inocentes como um esquema de estrutura mítica das culturas e das religiões primitivas. No mito, o ponto de vista “é sempre aquele da comunidade violenta que descarrega sua violência sobre uma vítima que julga culpada e por meio da expulsão restabelece a ordem social” (GIRARD, 2010, p. 25). A vítima é sempre apresentada como culpada.

O cristianismo inverte totalmente essa ordem e leitura mítica, e descreve a mesma cena, mas do ponto de vista da vítima, que é sempre inocente. Jesus revela a lógica entre o sagrado e a violência e, ao fazer isso, nos tira daquele mecanismo fundamental da ordem social e religiosa arcaica, iniciando uma nova fase da história do homem.

O cristianismo é, do ponto de vista sociológico e antropológico, “destruidor daquele tipo de religião que une e alia as pessoas contra vítimas arbitrárias, como todas as religiões naturais sempre fizeram, com exceção das religiões bíblicas” (GIRARD, 2010, p. 25).

Vattimo (2018c) descreve que essa revelação de Girard, a revelação do sistema vitimário que está na base da religião, o ajudaram a dissolver crenças próprias das religiões naturais, o ajudaram na dissolução dos elementos de violência natural, de sagrado natural, que ainda existem na igreja.

Girard sustenta, a meu ver com bons motivos, que essa leitura vitimária das Escrituras está errada. Jesus não se encarna para fornecer ao Pai uma vítima aquedada à sua ira, mas vem ao mundo justamente para desvelar e, por isso, também liquidar o nexo entre violência e sagrado. Ele é morto porque tal revelação resulta em ser intolerável demais aos ouvidos de uma humanidade arraigada na tradição violenta das religiões sacrificais. (VATTIMO, 2018c, p. 29)

Na visão de Girard, descrita por Vattimo (2018c), a teologia cristã perpetua o mecanismo vitimário. Jesus Cristo é a “vítima perfeita” que com seu sacrifício de valor infinito, como infinita é a pessoa humano-divina de Jesus, satisfaz plenamente a necessidade de justiça de Deus pelo pecado de Adão.

Para Vattimo (2018c) a revelação bíblica nos Antigo e Novo testamentos é um processo educativo de Deus com a humanidade que caminha em direção diferente e distante da religião natural, do sacrifício exigido por ela. O sentido educativo ainda não está completo “e é esse o sentido das sobrevivências vitimadas na teologia cristã” (VATTIMO, 2018c, p. 29). A herança cristã é o

elemento niilista dentro da religião natural, dissolvendo seu discurso de culpabilidade das vítimas e invertendo os valores.

Resumidamente, poderíamos dizer que, para Vattimo (2018c) a herança cristã tem um sentido amplo, refere-se à nossa cultura, que foi “trabalhada” e forjada pela mensagem cristã, principalmente pela revelação bíblica.

Ele afirma que volta a pensar seriamente no cristianismo porque construiu para si uma filosofia inspirada em Nietzsche e Heidegger e, à luz dela, interpreta sua experiência no mundo atual. Acredita também que o pensamento heideggeriano, caracterizado no sentido “fraquista” é onde sua inspiração cristã mais se faz sentir, e a atitude filosófica que ele cunharia, chamada *pensiero debole*, significaria “sobretudo uma teoria de enfraquecimento como caráter constitutivo do ser na época do fim da metafísica” (Vattimo, 2018c, p. 25).

Para ele, não é possível continuar a crítica heideggeriana à metafísica objetivista, substituindo-a com uma concepção mais adequada do ser (portanto, ainda pensado como objeto), então, é preciso conseguir pensar no ser não identificado, em nenhum sentido, com a presença característica do objeto. O ser é um evento que acontece. Toda concepção objetivista do ser é uma concepção metafísica que precisa ser dissolvida, precisa passar pelo processo de niilismo.

Vattimo relata que, a partir de suas reflexões sobre a obra de René Girard, inicia seu pensamento sobre a relação entre filosofia (*Pensiero debole*) e mensagem cristã. Vattimo se baseia na antropologia teológica de René Girard para revelar os mecanismos que sustentam a sociedade.

O impulso mimético dos humanos, para desejar sempre as mesmas coisas que desejam os outros, tende a um tipo de conflito que é interno, recíproco e potencialmente interminável. Esse impulso mimético dos humanos em desejar sempre as mesmas coisas que os outros desejam aumenta até que a violência ameaça consumir a sociedade.

Essa crise se conclui como uma alteração repentina da unanimidade mimética, pela qual a violência da comunidade, a violência coletiva, polariza-se sobre uma única vítima, eleita por razões arbitrárias: por meio de seu assassinato, volta a ser restabelecida a ordem social. (GIRARD, 2010, p. 24)

Um bode expiatório sacrificial é morto para evitar a destruição da sociedade. Com o tempo, surge um rito que assume um caráter sagrado e divino. A vítima é sempre apresentada como culpada.

O cristianismo inverte totalmente essa ordem e essa leitura mítica. O cristianismo descreve a mesma cena, mas do ponto de vista da vítima, que é sempre inocente. Assim, o cristianismo é o elemento niilista agindo nas religiões naturais, o que vai enfraquecer os valores dos fundamentos, distorcê-los e, assim, transmitir um novo significado que, agora revelado, pode ser reinterpretado. Então, o cristianismo, além do elemento niilista dentro das religiões naturais, é também responsável por emitir uma nova mensagem religiosa, na opinião de Vattimo, de maneira enfraquecida. O cristianismo é, então, considerado o elemento niilista dentro das religiões naturais.

Uma vez interpretada a relação entre herança cristã e niilismo, vamos procurar analisar e interpretar a encarnação e a secularização descrita por Vattimo.

#### **1.4 Encarnação e secularização: um reencontro niilista do cristianismo**

Vattimo (2018c) procura conceber a doutrina cristã da encarnação do filho de Deus como um anúncio de uma ontologia de enfraquecimento (débil). Falar da transcendência de Deus seria, portanto, reconhecer a efetividade da doutrina cristã da encarnação do Filho de Deus, em termos de novas reflexões, em termos de enfraquecimento, como foi o exemplo dado pelo próprio Jesus.

Além de sua inspiração em Nietzsche e Heidegger, Vattimo (2018c) procura na obra de René Girard chamada *A violência e o sagrado*, sobre o qual esclarece ser um texto de antropologia filosófica, uma teoria sobre o desenvolvimento da civilização humana. É fundamental, portanto, atentarmos para a influência do pensamento de Girard na compreensão de Vattimo sobre o desenvolvimento da civilização e especificamente do cristianismo.

Para Vattimo (2018c) a obra de Girard é muito rica e articulada, e faz destaque de duas de suas principais ideias em sua teoria: a primeira é o reconhecimento de que a pedagogia divina ainda está em curso, isto é, a revelação não está totalmente concluída (VATTIMO, 2018c, p. 30), ainda que essa ideia não se coloque de maneira explícita; a segunda, é a ideia de encarnação como dissolução do sagrado enquanto violento.

Vattimo (2018c) acredita ainda que Girard é herdeiro da teologia do século XX, que insistiu na diferença radical entre fé e religião. A religião, nessa teoria,

tem para Vattimo (2018c) o sentido natural da propensão do homem para se pensar dependente de um ser supremo, nada mais que uma projeção dos desejos humanos, abrindo-se, assim, à crítica inaugurada por Feuerbach e continuada por Marx.

Para um reencontro niilista do cristianismo, Vattimo (2018c) acredita que basta ir um pouco além de Girard, e admitir também que o sagrado natural é violento, não apenas enquanto mecanismo vitimário sedento de vingança, “mas também enquanto atribui a essa divindade todas as características de onipotência, absolutismo, eternidade e “transcendência com relação ao homem” (VATTIMO, 2018c, p. 31), pois essas são as características conferidas a Deus pelas religiões naturais.

Baseado nesse reencontro niilista do Cristianismo que Vattimo procura fazer, chegaríamos aos atributos conferidos a Deus pelas teologias naturais e, não por coincidência, chegaríamos também a todos os atributos considerados princípios da fé cristã. Nesse reencontro niilista do cristianismo, admitindo que o sagrado natural seja violento não apenas como mecanismo vitimário, “mas também que atribui a essa divindade todas as características de onipotência, absolutismo, eternidade e “transcendência” em relação ao homem” (VATTIMO, 2018 c, p.31), Vattimo acredita que o Deus violento de Girard é o deus da metafísica. Esse deus que a metafísica chamou *de Ipsum esses subsistem* (o deus da própria subsistência – em tradução livre), para Vattimo (2018c), sintetiza de forma eminente todas as características do ser objetivo como ela o concebe.

Para Vattimo (2018c), a dissolução da metafísica é também o fim dessa imagem de Deus, é a morte de Deus defendida por Nietzsche. Mas esse fim do Deus metafísico não pode ser visto como um reencontro com o Deus cristão só porque revela e nos liberta do campo dos preconceitos da religião natural. Como o fim da metafísica, tem também o sentido de desvelar o ser ao afirmar a própria verdade mediante ao seu enfraquecimento. A ontologia *debole* não seria uma preparação negativa do retorno da religião, mas

a encarnação, ou seja, o abaixamento de Deus ao nível do homem, a que o Novo Testamento chama de *Kénosis* de Deus, deve ser interpretada como sinal de que o Deus não violento e não absoluto da época pós-metafísica tem como traço distintivo a mesma vocação ao enfraquecimento de que fala a filosofia de inspiração heideggeriana. (VATTIMO, 2018c, p. 31-32)

Essa passagem parece ser bastante importante na teoria do filósofo italiano. A encarnação, isto é, o abaixamento ou rebaixamento de Deus, o que o Novo Testamento chama de “*Kênosis* de Deus”<sup>10</sup>, o seu auto esvaziamento, assumindo o papel de servo e tornando-se semelhante aos homens, apresentando-se como simples homem, é uma saída hermenêutica niilista procurada por Vattimo na volta da religião. A *Kênosis* de Deus tem centralidade na teoria de Vattimo e deveria ou deverá ser interpretada como um sinal de que o Deus não violento e não absoluto da época pós-metafísica tem como característica principal sua vocação para o debilitamento de que fala a ontologia de Heidegger.

Para Vattimo (2018 c), o que a filosofia e o pensamento religioso “ganham” com esse reconhecimento é uma “descoberta” decisiva. Reconhecer a relação entre ontologia *debole* e encarnação foi decisivo, pois lhe permitiu restabelecer a continuidade da sua vida religiosa. Nas palavras do autor, encontrou “um conjunto de fios de discursos que tinha deixado suspenso, e que agora pareciam reencontrar coerência e continuidade” (VATTIMINO, 2018c, p. 32). Descobrir o nexos entre a história da revelação e a história do niilismo é confirmar a validade do discurso heideggeriano sobre metafísica e seu fim. Era também, e principalmente, descrever que se interpretava como niilismo a história da religião cristã, que “não só faz parte da história do Ocidente, mas constitui também uma espécie de fio condutor desta” (VATTIMO, 2018c, p. 33).

O fio condutor encontrado pelo autor é que deveríamos considerar a secularização como fato interior ao cristianismo, ligado positivamente ao sentido da mensagem de Jesus Cristo na encarnação, e a história da Pós-modernidade

---

<sup>10</sup> Cfr. Paulo, Carta aos Filipenses, 2.7.

A descrição total da Carta aos Filipenses é a seguinte: Evangelho autêntico — **1**Portanto, se há um conforto em Cristo, uma consolação no amor, se existe uma comunhão de espírito, se existe ternura e compaixão, **2**complete a minha alegria: tenham uma só aspiração, um só amor, uma só alma e um só pensamento. **3**Não façam nada por competição e por desejo de receber elogios, mas por humildade, cada um considerando os outros superiores a si mesmo. **4**Que cada um procure, não o próprio interesse, mas o interesse dos outros. [2,1-4]**5**Tenham em vocês os mesmos sentimentos que havia em Jesus Cristo: **6**Ele tinha a condição divina, mas não se apegou a sua igualdade com Deus.**7 Pelo contrário, esvaziou-se a si mesmo, assumindo a condição de servo e tornando-se semelhante aos homens. Assim, apresentando-se como simples homem, 8**humilhou-se a si mesmo, tornando-se obediente até a morte, e morte de cruz!**9**Por isso, Deus o exaltou grandemente, e lhe deu o Nome que está acima de qualquer outro nome; **10**para que, ao nome de Jesus, se dobre todo joelho no céu, na terra e sob a terra. (Bíblia Paulus, disponível em: <https://biblia.paulus.com.br/biblia-pastoral/novo-testamento/cartas-de-sao-paulo/carta-aos-filipenses/2> Acesso em: out. 2022. (Grifo nosso).

como uma dissolução e debilitamento do ser metafísico. Na hermenêutica niilista de Vattimo, a secularização vista como um êxodo do cristianismo, ao ser comparada com o debilitamento de Jesus na *Kênosis*, passa a ser um evento positivo e com nexos em relação ao evento do debilitamento do ser na história do Ocidente.

Para o filósofo Italiano, abre-se o caminho para uma concepção de secularização como fato interior ao cristianismo, então, “ligado positivamente ao sentido da mensagem Jesus, e uma concepção da história da modernidade como enfraquecimento e dissolução do ser (da metafísica) (VATTIMO, 2018c, p. 33). Ele não teme a desconfiança, que define como preconceituosa, dessa sua linha de pensamento, porém, acredita que, além de razoável e persuasiva, seria:

[...] uma maneira de aceitar acriticamente uma concepção apocalíptica ou, ao menos, fragmentária do ser, uma espécie de teologia negativa que se satisfaz com que reconhecer Deus não é adequadamente nomeável com nenhum dos nomes que lhe possamos dar. (VATTIMO, 2018c, p. 33)

Aceitar acriticamente uma concepção fragmentária do ser significaria, dentro do *pensiero debole* de Vattimo, pensar no ser como evento (*Ereignis*), e a verdade seria uma mensagem que deveríamos agora interpretar.

Outro ponto importante ressaltado por Vattimo nessa última passagem que destacamos é que o Deus sobre o qual agora podemos falar não seria o Deus da metafísica, que não é adequadamente nomeável com qualquer dos nomes que pensemos lhe dar.

Temos a herança cristã e, na Pós-modernidade, procuramos nos desvencilhar de toda e qualquer objetividade da realidade. O Deus de que podemos falar é o Deus bíblico, assim, o discurso filosófico sobre Deus não estaria mais preso à existência ou não de Deus. A filosofia, de maneira interpretativa, deve rememorar sua herança cristã, voltar ao texto bíblico, como esse da *Kênosis* de Deus, e se reencontrar com o Deus cristão, não metafísico, não violento, não bizarro da metafísica.

O reencontro niilista com o cristianismo é o momento no qual o ser humano está livre de sua objetividade e não mais prevê a uma compreensão definitiva e objetiva da realidade; é o momento em que o pensamento se dá como interpretação, uma hermenêutica niilista.

Para o autor, a “pedra angular” de todo esse discurso sobre religião, realizado até aqui, é, portanto, a secularização que pode ser descrita como uma desvinculação da civilização laica moderna de suas origens do sagrado, e poderia ser interpretada de outra maneira se entendêssemos o sagrado natural como um mecanismo violento que Jesus veio desvelar e desmentir.

Para o filósofo italiano, se interpretamos que o sagrado natural é um mecanismo violento que Jesus veio desmentir, torna-se possível que a secularização tenha também outra interpretação, um modo positivo do ensinamento de Jesus, que nos aproximaria dele, ao invés de distanciar. Naturalmente, para Vattimo (2018c), a secularização, mesmo em uma nova interpretação, significaria:

[...] perda de autoridade temporal por parte da Igreja, autonomização da razão humana em relação à dependência de um Deus Absoluto, Juiz ameaçador, de tal modo transcendente em relação às nossas ideias do bem e do mal a ponto de parecer um soberano caprichoso e bizarro. (VATTIMO, 2018c, p. 34)

O sentido “positivo” da secularização, principalmente a ideia de que a modernidade laica é também continuação e interpretação “de-sacralizante” da mensagem Bíblica, vem de Max Weber, com sua tese<sup>11</sup> sobre o capitalismo moderno como efeito da ética protestante e a ideia de que a racionalização da sociedade moderna é incompatível fora do monoteísmo judaico cristão. Para ele, é fundamental “a ideia de ‘dessacralização’ do sagrado enquanto violento, autoritário e absoluto da religiosidade natural - da Modernidade como secularização” (VATTIMO, 2018c, p. 34).

A obra de Max Weber é um dos textos básicos para a descrição da modernidade em termos de secularização, e Vattimo assim a descreve:

[...] a relação entre capitalismo e a ética cristã é uma relação de aplicação interpretativa e não de abandono ou oposição polêmica. Segundo Weber, o capitalismo só pode ser explicado como

---

<sup>11</sup> Max Weber, em sua obra *A ética protestante e o espírito do capitalismo*, procurava abordar um aspecto difícil de ser compreendido: “[...] a influência de certas ideias religiosas no desenvolvimento de um espírito econômico, ou o *ethos* de um sistema econômico. Nesse caso, lidando com a conexão do espírito da moderna vida econômica com a ética racional da ascese protestante” (WEBER, 2001, p. 32). Weber vincula o nascimento do capitalismo à doutrina calvinista da predestinação e à consequente interpretação do êxito material como garantia da graça divina. Assim, mostra que o advento da modernidade e todas as suas características racionais, tecnológicas, científicas e econômicas é o resultado da própria secularização da mensagem bíblica.



consequência daqueles princípios éticos. O sentido em que emprego o termo secularização é exatamente este: uma aplicação interpretativa da mensagem bíblica que a desloca para um plano que não é estritamente sacramental, sagrado, eclesiásticos. (VATTIMO, 2002, p. 59-60)

Podemos notar que Vattimo procura, no pensamento de Weber, a relação entre capitalismo e ética cristã, e busca relacioná-lo com sua interpretação de secularização como parte do cristianismo. Se em Weber a ética cristã e o capitalismo são uma relação interpretativa, Vattimo busca a mesma relação interpretativa com a secularização e o cristianismo.

Vattimo (2018c) defende que poderíamos citar muitos outros sentidos ligados à ideia de dessacralização do sagrado enquanto violento, absoluto da religião natural, da modernidade como secularização, por exemplo, do poder estatal da monarquia de direito divino à monarquia constitucional e desta às atuais democracias representativas, também em termos de secularização.

Norbert Elias é também usado por Vattimo para falar de secularização como essência da modernidade. Vattimo (2018c) explica que as obras de Elias têm sempre como objetivo “ilustrar as transformações modernas do poder no sentido de uma formalização que o despoja cada vez mais do caráter absoluto ligado à soberania de uma pessoa sagrada” (VATTIMO, 2018c, p. 35).

Um ponto muito interessante que gostaríamos de destacar é que, para Vattimo (2018c), entre tantas outras coisas, ocorre também a secularização da

[...] subjetividade moderna, no sentido de, ao entrar num sistema de relações sociais e de poder mais complexo do que o da relação com uma pessoa soberana deve também necessariamente articular-se de acordo com um sistema de mediação que tornam a subjetividade menos peremptória, a predispõe para tornar o sujeito da psicanálise. (VATTIMO, 2018c, p. 35)

Um sistema de mediação que torna a subjetividade menos peremptória, menos categórica e decisiva, nos desvencilha de toda e qualquer objetividade da realidade.

Vattimo, em sua obra *Para além da interpretação* (1999), define as pretensões da objetividade metafísica como a presença do ser de maneira definitiva, como um fundamento último. Esse dogmatismo é assim definido por ele:

[...] enquanto pensamento da presença peremptória do ser – como fundamento último diante do qual é possível apenas calar-se e, talvez, sentir admiração – que a metafísica se configura como um pensamento violento: o fundamento, só se dá na evidência, incontroversa e que não deixa mais espaço para perguntas posteriores, é como uma autoridade que cala sem “dar explicações”. (VATTIMO, 1999, p. 52)

Ao reivindicar qualquer acesso privilegiado ao ser, por qualquer autoridade, seja ela “autoridade política, o Deus ameaçador e bizarro das religiões naturais, a ultimidade sagrada da consciência” (VATTIMO, 2018c, p. 35), é cessada qualquer possibilidade de diálogo. Essa busca pelo fundamento último diante do qual é possível apenas calar-se ou admirar-se, pode legitimar toda a forma de abuso e violência contra o outro.

Outro ponto importante é que o próprio Vattimo (2018c) reconhece que, ao utilizar a noção de secularização a fenômenos tão diferentes, corremos o risco de cair no arbítrio. Então, Vattimo prefere falar de enfraquecimento ou debilitamento, considerando a secularização como um caso muito representativo, um caso eminente de enfraquecimento (debilitamento), porém, fazendo a ressalva de que a secularização continua sendo central por evidenciar o significado de todo o processo.

Por todos esses motivos é que Vattimo acredita poder falar “de secularização positiva como traço característico da modernidade” (VATTIMO, 2018c, p. 36).

Aqui, gostaríamos de fazer um contraponto bastante importante em relação à interpretação dada por Vattimo à *Kênosis* de Deus como uma passagem central do cristianismo. Como dito anteriormente, o texto bíblico utilizado na obra *Crer que se crê* é a Carta de Paulo aos, Filipenses 2.7, que foi citado como nota nesta dissertação. Nessa carta, Vattimo destaca o papel do esvaziamento de Deus. Para Pires (2007), esse detalhe ressaltado por Vattimo “é parte de um hino composto antes do apóstolo Paulo. Na sua versão completa, ele trata de várias etapas da vida de Cristo: pré-existência, encarnação, morte na cruz e glorificação” (PIRES, 2007, p. 215). O termo esvaziar é o termo que interessa para Vattimo e a passagem fundamental do cristianismo. Para Pires (2007), ao definir o cristianismo a partir da *Kênosis*, Vattimo acaba sendo muito seletivo na sua interpretação cristã. Para Pires (2007), “a *Kênosis* faz parte de um conjunto maior. Este Jesus que assume a fraqueza como possibilidade é o

mesmo que se tornará *Kýrios*, Senhor” (PIRES, 2007, p. 216). Pires ressalta ainda que:

[...] ao analisar a teologia de Paulo, percebemos que o evento salvífico não está na encarnação. Paulo reserva este ato à morte e à ressurreição, de maneira que o esvaziamento é acompanhado por sua exaltação e sua majestade. Os milagres e prodígios que abundam nos evangelhos ressaltam este aspecto de um Deus que assume a forma humana sem abandonar sua natureza divina. (PIRES, 2007, p. 216)

Pires (2007) reconhece que a crítica à apropriação que Vattimo realiza do cristianismo poderia ser minimizada por dois aspectos importantes. A saber:

[...] Em primeiro lugar é “fundamental lembrarmos que a referência a Paulo não se configura como uma prova textual de sua posição filosófica. [...] Além do mais, a ênfase no elemento kenótico da tradição crista permite a Vattimo compreender a secularização como a realização plena do cristianismo, ressaltando o papel que a hermenêutica desempenha como realização plena do cristianismo. [...] Em segundo lugar, é fundamental atentarmos para a influência do pensamento de R. Girard na compreensão que Vattimo possui do Cristianismo. (PIRES, 2007, p. 217)

Como podemos observar, existe uma ressalva bastante importante sobre a centralidade dada por Vattimo à *Kênosis de Deus* – passagem que é considerada fundamental do cristianismo na interpretação de Vattimo. O debilitamento de Jesus na encarnação como possibilidade, não seria, portanto, a parte final do evento salvífico que Vattimo procura destacar. A parte final estaria na ressurreição, quando Jesus se torna o Senhor. O autor do *pensiero debole* faz uma reinterpretação bastante seletiva à procura, talvez, de reforçar o debilitamento de Jesus. Porém, existem também outras interpretações que poderiam nos ajudar a minimizar essa crítica, que foram destacadas por Pires, como a própria influência de René Girard na compreensão do cristianismo de Vattimo. Feita a ressalva, vamos continuar na análise feita por Vattimo.

Resumidamente, poderíamos dizer que Vattimo (2018c) concebe a doutrina cristã da encarnação do filho de Deus como uma ontologia de enfraquecimento. Além de sua inspiração de Nietzsche e Heidegger, procura na Antropologia Teológica de René Girard duas ideias principais: a primeira, que a pedagogia divina ainda está em curso; e a segunda, que relaciona a ideia de encarnação como dissolução do sagrado natural metafísico enquanto violento.

Indo além nas reflexões de Girard, Vattimo conclui que o sagrado natural é violento não apenas por seu mecanismo vitimário sedento de vingança, mas

também enquanto todas as características de onipotência, absolutismo, eternidade e transcendência com relação ao homem.

No reencontro niilista do cristianismo, Vattimo chega no Deus da metafísica e em todas as características do ser objetivo como ela o concebe.

A morte de Deus, anunciada por Nietzsche, é também o fim do Deus metafísico. O fim da metafísica tem o sentido de desvelar o ser, ao afirmar sua própria verdade mediante o enfraquecimento. Deveríamos ver a encarnação, o abaixamento de Deus ao nível do homem, como um sinal do Deus não violento e não absoluto da época pós-metafísica, que tem como traço distintivo a mesma vocação de enfraquecimento.

A *Kênosis* de Deus tornando-se semelhante aos homens é uma saída hermenêutica niilista procurada por Vattimo na volta da religião. Interpretada como niilismo, a história da religião cristã não só faz parte da história do Ocidente, mas é seu fio condutor.

A história da religião cristã como niilismo no Ocidente tem, para Vattimo, inspiração principal em René Girard, ligada positivamente ao sentido da mensagem de Jesus. E na concepção da história da modernidade como enfraquecimento e dissolução do ser abre-se o caminho para uma concepção de secularização como fator interior ao cristianismo.

A secularização é a pedra angular de todo discurso sobre religião até aqui. A secularização pode ser descrita como a desvinculação da civilização laica moderna de suas origens do sagrado, e poderia ser também interpretada de outra maneira se interpretássemos o sagrado natural como um mecanismo violento que Jesus veio desvelar e desmentir.

A noção de secularização, para Vattimo (2018c), pode ser aplicada a diversos fenômenos, então, Vattimo, para não cair no arbítrio, prefere se referir ao termo enfraquecimento ou debilitamento, considerando a secularização um caso iminente. Porém, a secularização continua central, para evidenciar o papel de todo o processo. A secularização é positiva, pois mesmo que a civilização não se professe mais explicitamente cristã, contudo é profundamente moldada por essa herança em suas raízes. Vattimo acredita que essa herança cristã é um traço característico da secularização na modernidade, ou seja, um desvelar de toda objetividade e da violência.

Vattimo considera a secularização como um fenômeno chave extremamente importante para o entendimento da relação modernidade-religião ou, ainda, entre ocidente e cristandade. Vattimo afirma que “se a civilização moderna se seculariza, este é um modo positivo com o qual ela responde ao apelo de sua tradição cristã” (VATTIMO, 2004, p. 38).

A secularização, portanto, está fortemente ligada à própria história do cristianismo, sendo um fenômeno entendido enquanto enfraquecimento da mensagem cristã, que abre o campo para uma interpretação, uma retomada da religião na Pós-modernidade.

A secularização seria, nesse contexto, a dissolução progressiva de toda sacralidade naturalista, portanto, a própria essência do cristianismo. O debilitamento da religião, tema da nossa dissertação, seria a própria secularização.

### **1.5 Ontologia fraca, herança cristã e ética de não violência: uma relação de circularidade.**

Como vimos anteriormente, Vattimo (2018c) considera que a secularização é um traço constitutivo da modernidade. Então, procura estabelecer uma relação entre a secularização e a ontologia *debole* (do debilitamento ou enfraquecimento). Para ele, ao fazer essa relação, conseguiríamos propor desenvolvimentos significativos na filosofia da história, conferindo ao enfraquecimento e à secularização o significado de um fio condutor crítico, com implicações avaliativas.

Note que Vattimo (2018c) parece querer nos conduzir a reavaliar pensamentos fortes, debilitando-os para que possam ser distorcidos e ultrapassados. Esse processo de debilitamento no retorno da religião é o próprio processo de secularização.

Para que esse processo de debilitamento/enfraquecimento seja justificado em bases teóricas, Vattimo (2018c) utiliza-se do discurso heideggeriano de que não há “traços objetivos do ser em relação aos quais deveríamos criar um consenso e aos quais nós deveríamos conformar” (VATTIMO, 2018c, p. 37). Essa posição de consenso ou conformação em relação aos traços objetivos do ser são posições metafísicas ou, até mesmo, metafísica-historicistas que precisariam ser debilitadas, enfraquecidas.

A saída dessa posição metafísica ou metafísica-historicista é pensar o ser fora da metafísica da objetividade, e precisaríamos “fazer isso justamente por razões éticas (VATTIMO, 2018c, p. 37). Naturalmente, essas razões devem ser nossas guias na elaboração das consequências e implicações de uma concepção não metafísica do ser como uma ontologia *debole* (do debilitamento ou enfraquecimento).

Esse ponto é bastante importante na teoria de Vattimo, pois a herança cristã que retorna no *pensiero debole* é a “herança do preceito cristão da caridade e de sua rejeição à violência” (VATTIMO, 2018c, p. 38). Nesse ponto da análise, Vattimo (2018c) descreve novamente uma relação de “circularidade” entre aspectos importantes:

[...] da ontologia fraca, como vou mostrar agora, “decorre” uma ética da não violência; mas somos conduzidos à ontologia fraca, desde suas origens no discurso heideggeriano sobre os riscos da metafísica da objetividade, por que em nós age a herança cristã da rejeição à violência. (VATTIMO, 2018c, p. 38)

Para que essa relação de circularidade ocorra, é necessário que reconheçamos que a história do ser tenha um “sentido redutor, niilista, uma tendência em afirmar a verdade do ser mediante a redução das impondências das entidades, por termos sido educados na tradição cristã” (VATTIMO, 2018c, p. 38).

Para Scopinho (2004), quando Vattimo faz suas reflexões sobre a crise da modernidade, a questão religiosa é analisada a partir da crítica à tradição ortodoxa e metafísica. Também destaca o trabalho de Vattimo em compreender “o fenômeno religioso e sua manifestação numa sociedade secularizada e, muitas vezes ateia” (SCOPINHO, 2004, p. 96). Para Scopinho (2004), a pretensão de Vattimo não é elaborar um tratado filosófico sobre religião, “mas apresentar a complicada relação *circular* entre herança cristã, ontologia fraca e ética da não violência” (Scopinho, 2004, p. 96).

Nessa relação circular entre herança cristã, ontologia fraca e ética da não violência, um tema bastante importante é a linguagem mítica, presente na religião e que se torna de grande importância para compreender os desafios da sociedade moderna. Para Vattimo (1992), o mito significa, de fato, narração. O mito se distingue do saber científico por um aspecto específico positivo: a estrutura narrativa. Vattimo (1992) assim descreve:

Podemos chamar de uma teoria de racionalidade limitada aquele conjunto de atitudes culturais que consideram o saber mítico, na sua qualidade essencialmente narrativa, como uma forma de pensamento mais adequada a certos âmbitos da experiência, sem contestar, ou sem por explicitamente em questão, a validade do saber científico-positivo para outros campos da experiência. (VATTIMO, 1992, p. 42)

A sociedade moderna procurou desmitificar alguns valores presentes em outras culturas, classificando-as como “atrasadas” ou “arcaicas”, quando comparadas à civilização ocidental idealizada como hegemônica. O resultado é uma nova concepção mítica do mundo. O processo de emancipação da razão e conceitos unitários de história são uma nova roupagem do pensamento mítico que estamos relacionando a o que Vattimo chama de “imponência de entidades”. O que isso significa?

Vattimo (2018c) cita algumas como “imponência de entidades”, um amplo espectro de abrangência, a saber: “autoridade política, o Deus ameaçador e bizarro das religiões naturais, a ultimidade peremptória do sujeito moderno como garantia de verdades” (VATTIMO, 2018c, p. 38). Todas essas imponências de entidades, políticas, religiosas ou pessoais, ao serem pensadas com um fio condutor da redução das estruturas fortes, orientadas a uma ética de não violência, fora de uma objetividade metafísica, levam-nos a reformular de outra maneira um apelo, para Vattimo, um “chamado” que lhe fala “a tradição na qual se encontra e da qual a ontologia *debole* é apenas uma interpretação arriscada” (VATTIMO, 2018c, p. 38).

Essa relação que Vattimo procura estabelecer, portanto, conta com três eixos fundamentais: herança cristã, ontologia *debole* e ética da não violência. Vattimo (2018c) reconhece que, ao “fundamentar” uma ética da não violência em uma ontologia do enfraquecimento, pode sim parecer um retorno à metafísica, pela qual a moralidade coincide com o reconhecimento e o respeito de essências ou de leis naturais. Porém, em sua defesa, destaca que:

se a ontologia que estamos falando fala do ser como algo que se subtrai constitutivamente e cuja subtração se revela também no fator de o pensamento não poder ser mais espelhamento de estruturas objetivas, mas apenas interpretações arriscadas de heranças, apelos, proveniências, então esses riscos parecem ser totalmente imaginários, mero fantasma lógico. (VATTIMO, 2018, p. 39)

O único conteúdo dessa filosofia da história é a consumação de toda filosofia objetiva da história. Tem o caráter paradoxal de uma filosofia não

metafísica, que acredita poder falar ainda do ser e uma tendência sua, um caráter de interpretações razoáveis, segundo Vattimo (2018c), da nossa condição, aqui e agora, e que não pretende ser válida do ponto de vista “universal “ou de nenhum ponto de vista, mas que sabe que provém e se dirige a o que está implicado no processo, e que, portanto, nunca teve dele uma visão neutra, mas arrisca sempre uma sua interpretação” (VATTIMO, 2018c, p. 40).

Vattimo busca seguir o caminho de Heidegger, e procura ultrapassar a metafísica por razões éticas. Também procura estabelecer uma relação de circularidade entre: herança cristã, ontologia *debole* e ética da não violência. Mas por que deveríamos ultrapassar e superar a metafísica? Quais as razões, afinal, para superá-la? Qual é a relação entre ética da não violência e metafísica?

### 1.6 Por que superar a metafísica?

Vattimo também fala de superação da metafísica em muitas outras de suas obras, relacionando o fim da metafísica a outros pensadores, como Nietzsche, Heidegger e Adorno. Vamos, resumidamente, verificar cada uma delas.

Vattimo (1994) em um texto<sup>12</sup> que fala de *metafísica, violência e secularização*, destaca que Nietzsche, de maneira paradoxal, fala do desmascaramento, relacionando metafísica com conhecimento. Citando Nietzsche, afirma que a própria ideia de verdade, de esforço e a pretensão de alcançar para além das ideologias e de todas as formas de falsa consciência, “um pano de fundo sólido que permitisse revelar seu caráter é, de fato, mais uma vez uma devoção ‘demasiadamente humana’, novamente uma máscara” (VATTIMO, 2014, p. 64). Ele interpreta que deveríamos desconfiar da metafísica, a partir da crença em uma estrutura estável de ser que rege o devir e dá sentido aos saberes e regras de conduta, o que definitivamente não ocorre, por razões de conhecimento. “Para Nietzsche, a metafísica não é outra coisa senão uma forma de vontade de poder” (VATTIMO, 1994, p. 66). Fica claro, portanto, que não se deve a metafísica por razões epistemológicas, mas por vontade de poder.

---

<sup>12</sup> Metafísica, violencia, secularización. In: VATTIMO, G (comp) *La secularización de la Filosofía. Hermeneutica y posmodernidad*. Barcelona: Editorial Gedisa, 1994, p.63-88.



Vattimo (1994) nesse mesmo texto acima citado (*Metafísica, violência e secularização*) fala também sobre Heidegger que, para ele, foi o teórico mais radical sobre a necessidade de superar a metafísica. Para Vattimo (1994), nem em Heidegger havia uma motivação teórica para superar a metafísica, mas uma razão ética. Em *Ser e tempo*, Heidegger parte da impossibilidade de pensar no quadro das categorias da metafísica tradicional, “e sobretudo à luz da noção de ser como presença deslocada, a existência do homem” (VATTIMO, 1994, p. 67). Para Vattimo (1994), em *Ser e tempo*, Heidegger vai criticar “toda noção de verdade como adequação da proposição à coisa” (VATTIMO, 1994, p. 67). Já na obra de Heidegger maduro, o motivo para superar a metafísica está na imposição do mundo técnico (*Ge-Stell*), no mundo da organização técnico-científica total, em que o ser só pode ser pensado como simples-presença. O esforço de Heidegger é, para Vattimo, o mesmo esforço de Nietzsche, o desmascaramento do desmascaramento, que é feito através de um pensamento de rememoração e como ultrapassagem (*Verwindung*).

Não opõe a violência metafísica a outra metafísico-ética da não-violência e, conseqüentemente, não está em condições de fazer “denúncias” muito estritas, mas deve ser o caminho da ultrapassagem (*Verwindung*), da aceitação-distorção, que deixa a metafísica apenas por uma via secularizante. (VATTIMO, 1994, p. 68)

Sobre Adorno, na sua obra *Dialética Negativa*, Vattimo (1994) descreve a violência da técnica. Adorno descreve a metafísica como a racionalização, “que na modernidade se torna uma efetiva organização técnico-científica da sociedade” (VATTIMO, 1994, p. 68). Os fornos crematórios de Auschwitz são, para Adorno, consequência de uma determinada visão racionalista do mundo e são também a imagem antecipada do mundo da organização total e seu funcionamento normal, que afirma e universaliza “a absoluta indiferença para a vida de todo indivíduo” (VATTIMO, 1994, p. 68).

No mundo da técnica e da organização total se esquece do contingente e do particular. Ao trazer a violência imposta em Auschwitz, para Vattimo (1994), Adorno revela que “a metafísica é desacreditada, antes de mais nada, pela indiferença à vida do indivíduo” (VATTIMO, 1994, p. 69) que está enfraquecido, desprotegido frente à violência de uma sociedade de organização total, possibilitada pela crença metafísica da objetividade.

Como vimos nos exemplos acima, Vattimo (1994) busca encontrar em pensamentos filosóficos razões para superar ou ultrapassar a metafísica. Declara sua preferência pelo pensamento de Heidegger, e acredita que as razões para superar ou ultrapassar a metafísica sejam éticas. Não há possibilidade de superar a metafísica e substituí-la por outros conceitos novos, por fundamentos últimos novos. Caso o fizéssemos, estaríamos na mesma lógica metafísica. Deve-se fazer uma ultrapassagem (*Verwindung*), uma aceitação-distorção de uma herança metafísica que recebemos e que devidamente debilitada/enfraquecida poderia ser reenviada.

Também em Adorno, para Vattimo (1994), a razão para ultrapassar a metafísica é evitar a violência causada pela indiferença ao indivíduo e a sua contingência.

Somente como contraponto, vamos trazer agora um posicionamento contraditório a essa linha de pensamento sobre a necessidade de superar a metafísica, encontrado em Urbano Zilles, em sua obra *Discurso sobre o fim da metafísica*. O autor destaca que o pensamento metafísico plasmou a cultura ocidental durante séculos e que o sentido original do termo metafísica é problemático, pois “etimologicamente, *metafísica* significa o que está para além da física” (ZILLES, 2019, p. 11). A separação entre a atividade teórica da razão e a experiência prática da vida está na origem do discurso sobre o fim da metafísica. Segundo Zilles (2019), podemos encontrar esse discurso no positivismo de Augusto Comte, no neopositivismo do Círculo de Viena, na filosofia da linguagem, na hermenêutica filosófica recente, no materialismo e na teoria das ciências. No entanto,

[...] quando se leem atentamente os argumentos dessas correntes, logo se percebe que, ao buscarem uma fundamentação última do saber científico, facilmente caem na velha tradição metafísica do ser e do conhecer, negligenciando a ciência da totalidade, que engloba os princípios mais elementares da realidade. (ZILLES, 2019, p. 30)

Assim, “o problema começa onde a crítica nega realidade a esse *mundo impreciso*, no qual se movem a metafísica, a arte, a religião e o mito, investigando questões tão ou mais reais e mais importantes que os resultados da tecnociência” (ZILLES, 2019, p. 34). Zilles faz também uma análise bastante profunda de toda a obra de Heidegger sobre o fim da metafísica, que foi utilizada por Vattimo como sustentação de seu *pensiero debole*. Ao final de suas análises

das obras de Heidegger, Zilles se pergunta até que ponto toda a obra de Heidegger também não poderia ser considerada metafísica, argumentando que caberia indagar se a redução do ser ao tempo e à história feita por Heidegger

[...] não o finitizou a ponto de também reduzi-lo ao ente, com o “ente” que é a fonte na qual participam os entes. Também se pode ter a impressão de que sua crítica contra tendências importantes da metafísica tradicional visa projetar uma nova metafísica. Nesse sentido, parece um equívoco citar o seu nome como sendo simplesmente um pensador antimetafísico. Sua posição, no mínimo, é ambígua e complexa. (ZILLES, 2019, p. 105)

Concluindo, Zilles (2019) destaca que tudo parece indicar que, na filosofia, pode “renunciar-se ao nome, mas não à realidade, por mais imprecisa e ambígua que seja, expressa na filosofia primeira ou metafísica, pois corresponde a uma disposição natural do ser humano” (ZILLES, 2019, p. 141).

O posicionamento de Zilles é bastante compreensível, pois, para ele, qualquer tentativa de ultrapassar a realidade do mundo impreciso leva a renunciá-lo, e isso não é possível. Para ultrapassar a metafísica, Vattimo propõe um pensamento ultrametafísico. Mas isso não seria apenas uma troca de nomes?

Teixeira (2013) também nos alerta que o caminho da hermenêutica que Vattimo percorre não o permitiria permanecer confinado na interpretação, pois poderia incorrer no risco de uma metafísica camuflada. Para sairmos dessa armadilha, deveríamos adotar a hermenêutica da escuta, que exprime uma “responsabilidade”. Escutar, para Teixeira (2013), implicaria no abandono do homem de suas posições fortes e de estruturas fechadas.

Acreditamos que o mais relevante no problema levantado por Heidegger, e que foi assumido por Vattimo, é que a diferença entre o ser e o ente foi abonada. O ser como algo presente à nossa frente e cujas propriedades se pode representar é uma abertura para um discurso sempre mais verdadeiro do que o outro, à medida em que se conforma e se adequa a essa nova estrutura. O ser como simples presença, possuindo uma essência da qual poderíamos julgar os pensamentos, os valores e as atitudes em relação à sua proximidade com essas estruturas, é um pensamento metafísico que precisa ser debilitado, pois nos levam a objetividade e a violência que Vattimo quer combater. Essas essências parecem estar muito presentes atualmente, sob um domínio do mundo técnico

que, como vimos em Adorno, pode nos levar a situações de extrema violência quando o mundo da técnica e da organização total se esquece do contingente e do particular. Esse é o comportamento que Vattimo procura ressaltar e que procura, por razões éticas, ultrapassar.

Vattimo declara, desde o início do seu pensamento, que as ideias de Heidegger indicam que precisamos superar as pretensões da objetividade metafísica e suas implicações ético-políticas. Então, o motivo para superar a metafísica é basicamente esse: superar as pretensões da objetividade da metafísica sobre a realidade, entendendo que a objetividade metafísica é o que nos leva à violência. Evitar a violência é o pensamento ético-político e religioso que Vattimo procura.

### **1.7 Conclusão**

Neste primeiro capítulo, buscamos analisar e compreender a secularização como o debilitamento do cristianismo, como um retorno de uma experiência religiosa já vivida, que Vattimo define como uma experiência religiosa autêntica. Para falar de retorno da religião e mostrar as nuances positivas de sua debilidade, Vattimo assume uma postura niilista da ontologia hermenêutica, afirmando que o cristianismo é uma religião centrada na encarnação de Deus e na caridade.

O retorno da religião tem um sentido de “retomada”, pois busca identificar a secularização como um traço constitutivo da experiência religiosa, uma relação de proveniência de um cerne sagrado do qual nos afastamos, e que permanece ativo. A secularização é vista por Vattimo não como um abandono definitivo, mas como um debilitamento do cristianismo, como um novo horizonte de possibilidades, como o reencontro de algo que sempre esteve no cristianismo, mas foi esquecido, que acreditávamos ter sido superado e descartado, mas que ainda está presente, mesmo que apenas como vestígio. O retorno da religião torna-se, assim, o aspecto essencial da experiência religiosa.

Outro fator importante para a volta da religião está nas transformações ocorridas no mundo do pensamento e no conteúdo das teorias filosóficas. Com o fim da modernidade ou com a crise do pensamento contemporâneo, ocorre a dissolução das principais teorias filosóficas que acreditavam ter liquidado a religião. O resultado disso é que, hoje, não há mais razões filosóficas fortes

plausíveis para ser ateu ou, em todo caso, para rejeitar a religião, segundo Vattimo.

O desencanto do mundo produziu um desencanto radical da própria ideia de desencanto. O pensamento sobre niilismo e de vontade de potência em Nietzsche e a tarefa do pensamento de superação da metafísica em Heidegger revelam o que os outros filósofos esqueceram: a ontologia não é outra coisa senão interpretação.

Para Vattimo, a experiência do niilismo é uma experiência desligada de pretensos valores últimos. A ideia de verdade é consumada quando imposta pelo homem ou pela ciência e pela técnica que, apesar de revelarem seu caráter interpretativo, acabam por manipular a positividade do ser humano. O pensamento que identifica o ser como um objeto dado, objetivo, é um pensamento metafísico que nosso autor relaciona diretamente com a violência. O ser é um evento que acontece, e toda concepção objetivista do ser é uma concepção metafísica que precisa ser dissolvida, precisa passar pelo processo do niilismo.

O filósofo italiano relata que, a partir de suas reflexões sobre a obra de René Girard, inicia seu pensamento sobre a relação entre filosofia (*pensiero debole*) e mensagem cristã. A antropologia teológica de René Girard enfocou a importância da morte e da ressurreição de Cristo para revelar os mecanismos que sustentam a sociedade. As religiões arcaicas são baseadas na necessidade de criar vítimas para manter a ordem da sociedade. O impulso mimético dos humanos para desejar sempre as mesmas coisas que os outros desejam aumenta até que a violência ameace consumi-la. Um bode expiatório sacrificial é morto para evitar a destruição da sociedade. No mito, o ponto de vista é sempre daquele da comunidade violenta, que descarrega sua violência sobre uma vítima que julga culpada. Com o tempo, isso se torna um rito e assume um caráter sagrado e divino.

Girard analisa o Antigo e o Novo Testamento e pensa que o cristianismo, do ponto de vista sociológico e antropológico, nega essa leitura mítica e essa ordem, uma vez que descreve a mesma cena, mas do ponto de vista da vítima, que é sempre inocente. O propósito de Jesus ao ser colocado na cruz era o de revelar esse mecanismo violento, sendo ele uma vítima inocente, sacrificada por uma multidão que unanimemente contra ele se volta.

Para Vattimo, conhecer a obra de Girard significou descobrir que Jesus tinha vindo para revelar qualquer coisa que as religiões naturais não haviam revelado, revelação que lhe permitia dissolver numerosas crenças próprias das religiões naturais. Para o filósofo italiano, após as leituras de Girard, a palavra secularização passou a representar a efetiva realização do cristianismo como uma religião não sacrificial.

A partir da *Kênosis de Jesus*, Vattimo propõe que a secularização seja vista como mecanismo violento do sagrado natural que Jesus veio desvelar e desmentir. Se para Girard o mistério do sacrifício é a estrutura básica de vítima de toda cultura humana, Vattimo interpreta que Heidegger expõe o segredo da metafísica, que é justamente o esquecimento do ser e a sua identificação como objetividade.

O significado da história, para Girard e Heidegger, assim como Vattimo os lê, é a emancipação da violência. Baseado nisso, postula uma relação de circularidade entre ontologia fraca, herança cristã e ética de não violência. Essa é a relação de circularidade que Vattimo procura estabelecer entre secularização e debilitamento do ser, propondo analisar pensamentos fortes, tentando pensar o ser fora da objetividade metafísica que, por sua vez, precisa ser superada, pois envolve violência. Temos que superar a metafísica por razões éticas, pois qualquer objetividade metafísica é o que nos leva à violência.

No capítulo dois, procuramos estabelecer essa relação do cristianismo secularizado como um reencontro do cristianismo, e a caridade como uma escolha ética possível.

## CAPÍTULO 2 – CRISTIANISMO SECULARIZADO E CARIDADE: O REENCONTRO DO CRISTIANISMO E UMA ESCOLHA POSSÍVEL

### Introdução

Este segundo capítulo oferece uma análise do conceito de caridade, tendo a ética como categoria analítica. Buscamos abordar a secularização como um reencontro com o cristianismo, e a caridade como uma escolha possível, no pensamento de Vattimo.

Continuamos o percurso de Vattimo na sua obra: *Crer que se crê*, abordando alguns aspectos sobre cristianismo e modernidade, e como eles nos conduzem à debilidade da religião. Para isso centramos a análise nos capítulos 8 a 20. A questão da secularização como essência do cristianismo e a maneira como deve ser entendida na sociedade contemporânea é a preocupação de Gianni Vattimo.

A condição humana, para o autor, precisa ser valorizada e aperfeiçoada constantemente e, para isso, precisamos purificar a fé. A condição pós-moderna de secularização deve ser vista, então, como a *Kênosis* de Jesus que, na interpretação de Vattimo, é o pacto entre Deus e seu povo, que deve prosseguir à obra de educação iniciada por Deus.

Entender o cristianismo secularizado nos seus aspectos de ensinamentos e transmissão de mensagens através da *Kênosis* de Jesus nos possibilita ver essa encarnação de Deus como uma ontologia de enfraquecimento, ou uma ontologia débil ou da atualidade, na qual o Deus cristão rompe o vínculo com a violência e o sagrado. Para nosso autor, “Jesus Cristo veio ao mundo para revelar que a religiosidade não consiste em sacrifícios, mas no amar a Deus e ao nosso próximo” (VATTIMO, 2010d, p. 29).

Para Vattimo (2018c) a *Kênosis* de Jesus é uma expressão radical de uma pedagogia divina que ainda está em andamento, e na condição pós-moderna, a secularização tem um limite que é a caridade. A releitura do cristianismo, baseada na caridade, resulta no cristianismo que pode ser debilitado de suas superstições metafísicas e reinterpretar a mensagem evangélica.

Os temas aqui discorridos e os resultados esperados são os seguintes:

Item 2.1 - Modernidade e cristianismo: influência da Filosofia. Em nome da liberdade e da historicidade da existência, Vattimo acredita que precisaríamos

sair da metafísica e de todos os fundamentos últimos. Como resultado, ele propõe uma saída redutiva do sagrado natural e de seus fundamentos últimos.

Item 2.2 - *Kênosis*: demitologização contra os paradoxos e a violência. Vamos verificar a *Kênosis* como a essência da salvação e como fundamento principal do Cristianismo no pensamento do filósofo italiano. Ao demitologizar a religião, Vattimo acredita que poderíamos superar os fundamentos últimos religiosos, portanto, somente através da demitologização existe a possibilidade de a religião sair de seus fundamentos metafísicos.

Item 2.3 - Secularização e seu limite: caridade. O reencontro com o cristianismo torna-se possível pela dissolução da metafísica. Constatamos que a *caritas* é o limite da secularização e que, como o amor de Deus por suas criaturas, não apresenta um sentido peremptório metafísico, mas torna-se o princípio último (que nunca é realmente último).

Item 2.4 - Razões para reencontrar o cristianismo: crer na salvação significa, para Vattimo, antes de tudo, interpretar os sentidos dos textos evangélicos. O resultado obtido foi o de fazer a releitura do cristianismo através da descoberta da secularização como sentido da história da salvação e da nossa herança cristã de rejeição à violência.

Item 2.5 - A releitura do cristianismo na Caridade: tendo como premissa que a secularização é o princípio que lhe permite escutar os conteúdos bíblicos, Vattimo faz a releitura do cristianismo baseada na caridade. O resultado é o reencontro com o cristianismo que pode ser debilitado de suas superstições metafísicas e reinterpretar a mensagem evangélica segundo o princípio ético do amor.

Item 2.6 - A fé reduzida como única fé possível: a essência da revelação reduzida à caridade e ao caráter não definitivo das diversas experiências históricas é o caminho percebido por Vattimo. O resultado encontrado é que a caridade, como escolha, trata-se de uma reconstrução ética não violenta.

## **2.1 Modernidade e cristianismo: influência na filosofia**

A interpretação que Jesus dá ao Antigo Testamento é, para Vattimo (2018c) “a nova relação mais intensa entre Deus e a humanidade” (VATTIMO, 2018c, p. 45). O fio condutor da interpretação como possibilidade de consumação de violência e uma nova possibilidade de interpretação da tradição



cristã em uma época pós-metafísica, através do exemplo da caridade feito Deus e os homens, e que os homens precisariam aprender aplicar entre si.

A secularização, nesse contexto, seria a expressão do debilitamento da religião, uma vez que ela representa a possibilidade da aplicação interpretativa da Escritura. A secularização também seria a dissolução progressiva de toda sacralidade naturalista, portanto, a própria essência do cristianismo.

“Uma primeira consequência de a secularização ser considerada a essência do cristianismo é a transformação cristã da Modernidade” (VATTIMO, 2018c, p. 46), que provoca em paralelo uma transformação do ponto de vista filosófico sobre a civilização moderna.

Vattimo (2018c) acredita que o pensamento foi dominado, no século XX, por todos os desenvolvimentos “apocalípticos” da crítica existencialista do início do século. Esse pensamento existencialista é o que vai inspirar Heidegger na sua polêmica contra a metafísica.

O pensamento técnico científico objetivamente, transforma de maneira radical todas as esferas da mentalidade. Como observou Adorno, essa mentalidade objetivista pode nos levar a situações de extrema violência, quando o mundo da técnica e da organização total se esquece do contingente e do particular. Portanto, é esse pensamento radical que o existencialismo quer combater, tratando de “defender a liberdade, a historicidade e também a finitude da existência humana contra as consequências de uma extensão radical de todas as esferas da mentalidade metafísica” (VATTIMO, 2018c, p. 46).

Para o filósofo italiano, Heidegger, na fase chamada “reviravolta” de seu pensamento, vai concluir que a subjetividade humana que se deseja defender contra a organização total da tecnociência “é profundamente cúmplice da metafísica, por crer que se possa fazer valer os próprios direitos em nome de uma essência estável, e mais uma vez objetiva” (VATTIMO, 2018c, p. 46).

Vattimo traz como suporte teórico a carta de Heidegger sobre humanismo, escrita em 1946 (*Ueber den Humanismus*). Na interpretação de Vattimo (1996) sobre os escritos de Heidegger, o “humanismo é nada menos do que sinônimo de metafísica, na medida em que somente na perspectiva de uma metafísica como teoria geral do ente, que pensa o ser em termos ‘objetivos’” (VATTIMO, 1996, p. 18). Não há humanismo, a não ser como metafísica, em que o homem

determina um lugar para si, mesmo que não necessariamente central ou exclusivo.

Vattimo também cita que a crise do humanismo em Heidegger está ligada diretamente “à culminância da metafísica e seu fim, ao relacionar-se de maneira não acidental à técnica moderna” (VATTIMO, 1996, p. 20). Vattimo descreve a influência da técnica da seguinte maneira:

A técnica se apresenta como um plano possível de organização social e política, um processo racional com características de um processo geral de desumanização, que obscurece as ideias humanistas da cultura em favor da formação de um homem centrado nas ciências e nas habilidades produtivas racionalmente dirigidas. (VATTIMO, 1996, p. 20)

Toda organização social e política passa, então, por um processo de racionalização técnica que, como resultado, busca uma sociedade de organização total. A organização total é sempre baseada em habilidades técnico-científicas que, no final, geram a desumanização. Para Vattimo (1996), a conexão entre a crise do humanismo e a presença triunfante da civilização técnica na cultura atual é o que Heidegger oferece às melhores indicações teóricas, pois reconhece que “justamente mediante a dissolução do sujeito que acontece a nessa sociedade, é possível que se prepare a saída metafísica” (VATTIMO, 2018c, p. 47).

Vattimo (1996) destaca que a passagem do século XIX ao XX é muito significativa, e ali é travado um debate sobre as distinções entre “ciências da natureza” e “ciências do espírito”. A imposição das ciências da natureza é como uma ameaça sobre valores humanos peculiares, que “são subtraídos à lógica quantitativa do saber positivo” (VATTIMO, 1996, p. 21). Após alguns decênios, surge a necessidade no campo das ciências humanas de uma forma de rigor e “exatidão que satisfaça às exigências de um saber metódico” (VATTIMO, 1996, p. 21). E aí está o nexos que liga Heidegger a Dilthey, ou seja, a ciência do espírito desenvolverá a hermenêutica, e com ela vêm todas as implicações antimetafísicas e anti-humanistas.

Para Vattimo (2018c) Heidegger descobre em suas obras tardias, que a subjetividade humana que se deseja defender contra a organização total da tecnociência, é cúmplice da metafísica, por crer que se possa fazer valer os próprios direitos em nome de uma essência estável, mais uma vez objetiva.

Então o sujeito humano, humanista, que se trataria de precaver dos efeitos nefastos da organização total, afirma Heidegger, é apenas o “sujeito” do objeto” - que poderíamos dizer, sujeito cristão-burguês que construiu o mundo da vontade de potência e que agora se retrai assustado diante das consequências da própria ação. (VATTIMO, 2018c, p 47)

Ou seja, a inimizade da filosofia de origem existencialista com relação ao mundo técnico-científico está baseada na ideia da essência humana a ser defendida. Porém, em nome da historicidade da existência e da liberdade, deve-se reconhecer a necessidade de sair da metafísica, ou seja, devemos também reconhecer a necessidade de fugir da ideia de essência humana, que é um conceito objetivo e metafísico.

Portanto, a disputa entre a filosofia do mundo existencialista em relação ao mundo técnico-científico já não pode ser considerada válida, pois são as duas saídas objetivas e metafísicas. Vattimo (2018 c) reconhece que Heidegger, atento a essa disputa, identifica no mundo da organização total técnico-científica moderna um primeiro e possível anúncio de uma nova relação entre homem e ser, não mais metafísica, e, a partir desse ponto crucial em Heidegger, Vattimo irá formular seu *pensiero debole*.

Exatamente igual à saída da metafísica, a saída da crise do humanismo ocorre quando há uma abertura ao apelo da imposição (*Ge-Stell*) do mundo da técnica. A imposição (*Ge-Stell*) representa, para Heidegger, “a totalidade do ‘por’ técnico, do interpretar, provocar, ordenar, que constitui a essência histórico-destinal do mundo da técnica” (VATTIMO, 1996, p. 28). Esse momento de imposição da totalidade do mundo técnico, em ordenar o mundo, é o momento também que Heidegger chama o primeiro lampejar do ser (*Ereignis*), “um anúncio do evento do ser como seu dar-se além dos quadros imêmorens da metafísica” (VATTIMO, 1996, p. 29).

Pensando assim, poderíamos relacionar a história do ser com a história da encarnação. Para Vattimo (2018b) a relação problemática entre filosofia e revelação religiosa é o próprio sentido da encarnação, assim descrita:

Deus encarna, isto é, se revela, num primeiro momento, na anunciação bíblica que, no final, “dá lugar” ao pensamento pós-metafísico da eventualidade do ser. Só na medida em que se reencontra a própria proveniência neotestamentária é que esse pensamento pós-metafísico pode se configurar como um pensamento da eventualidade do ser não reduzido à pura aceitação do existente, ao puro relativismo histórico e

cultural. Ou ainda: é o fato da Encarnação a conferir à história o sentido de uma revelação redentora. (VATTIMO, 2018b, p. 106).

Em outras palavras, poderíamos dizer que o “lampejar do ser” também poderia ser interpretado como “revelar” do ser. O papel da tecnologia seria também o momento em que a tecnologia “revela”, “abre”, faz uma exposição da situação que estamos vivendo. No mundo da tecnologia, o ser humano está, de alguma maneira, reduzido ao nível de objetos usados em cada etapa de produção. A imposição do mundo técnico é também um momento de revelação, pois mostra essa posição em que estamos, devido à imposição técnica ao mundo que, por sua vez, mostra que somos incapazes de construir uma sociedade de planejamento total, pesando causa e efeito. A encarnação vem conferir à história o sentido de uma revelação redentora. Nesse sentido, a história da salvação identifica-se com a história do ser, que é a história da metafísica. O ser debilitado, enfraquecido pelo niilismo, pode se inserir nessa abertura que afirma a debilidade como uma nova possibilidade.

A saída proposta por Heidegger é a de considerar as transformações técnico-científicas que parecem ameaçar a subjetividade moderna como alternativas possíveis de emancipação em relação à metafísica. Como fazer isso? O que Heidegger quer dizer com essa proposta de saída?

Para Vattimo (2018c), a resposta está propriamente na dissolução do indivíduo pela racionalização técnica. Nas sociedades de massa, de comunicação generalizada, a dissolução da individualidade seria a oportunidade de “salvação”, “no sentido do mote evangélico: quem não perder a sua alma não a salvará” (VATTIMO, 2018c, p. 48).

Vattimo (2018c) aproveita essa abertura sobre a dissolução da individualidade como possibilidade de salvação, para indicar a ideia de que a secularização é a própria essência do cristianismo e também da modernidade.

A ameaça que vem junto com a sociedade técnico-científica, descrita por Heidegger, contra o sujeito e sua individualidade, do ponto de vista religioso, é vista por Vattimo (2018c) como a oportunidade de dissolução dos valores sagrados por parte de sociedades cada vez mais materialistas, consumistas e babélicas. Essa dissolução da individualidade, a que Vattimo (2018c) aplica o nome de secularização, poderia ser também chamada de debilitamento ou

enfraquecimento de estruturas fortes, nos quais “deve-se reconhecer o caráter da *Kênosis* na qual a nossa história da salvação age” (VATTIMO, 2018c, p. 49).

Vattimo (2018c) reconhece que a ideia apresentada do debilitamento das estruturas fortes poderá sacudir o hábito religioso e filosófico, e, como por ele colocado, pode parecer escandalosa e provocatória. Porém, acredita que seja necessário reavaliar e considerar como óbvio que a modernização seja apenas uma ameaça aos valores, à liberdade e à autenticidade.

Especificamente sobre a Igreja na modernidade, Vattimo (2018c) destaca que a doutrina autêntica, que muitas Igrejas consideram sempre a mais antiga e, mais concretamente, da defesa de aspectos da doutrina que refletem o vínculo com a cultura de certo mundo histórico, devem ser debilitadas, pois são consideradas erroneamente como únicas em conformidade com o ensinamento evangélico. A noção de secularização defendida por Vattimo não defende que a Igreja deva prosseguir rumo a uma separação cada vez mais clara de sua doutrina do envolvimento com a história” (VATTIMO, 2018c, p. 50). Mas deveríamos, segundo ele, reconhecer a *Kênosis* na qual a nossa história da salvação age.

Vattimo (2018c) postula que a secularização é “a transformação ‘reduzida’ do sagrado metafísico natural em virtude da relação de amizade que Deus decide estabelecer com o homem, e que é o sentido da encarnação de Jesus, é a essência da história da salvação.” (VATTIMO, 2018c, p. 50). Essa essência da história da salvação, para Vattimo, é oposta a qualquer determinada realidade histórica e é “o que Jesus faz em sua leitura e ‘realização’ das profecias do Antigo Testamento” (VATTIMO, 2018c, p. 50).

Resumidamente, poderíamos dizer que a secularização seria a expressão do debilitamento da religião, uma possibilidade da aplicação interpretativa da Escritura, uma dissolução de toda sacralidade naturalista. Portanto, é considerada por Vattimo a essência do cristianismo. A secularização é a transformação da concepção cristã da Modernidade; paralelamente, é a transformação do ponto de vista filosófico sobre a civilização moderna.

Para o autor, no início do século XX, com o surgimento e aperfeiçoamento da mentalidade tecno-cientificista, surge a crítica do movimento humanista que se trataria de precaver dos efeitos nefastos da organização total. Para nosso autor, Heidegger se opunha a essa crítica existencialista que acreditava poder

valer os próprios direitos em nome de uma essência estável e, mais uma vez, subjetiva. Para Vattimo (2018c) Heidegger descobre em suas obras tardias, que a subjetividade humana que se deseja defender contra a organização total da tecnociência, é cúmplice da metafísica, por crer que se possa fazer valer os próprios direitos em nome de uma essência estável, mais uma vez objetiva.

A objetividade do pensamento existencialista, para Heidegger, era outro aspecto da essência, do qual provém o objetivismo tecno-científico, portanto, também metafísica. Em nome da liberdade e da historicidade da existência, existe a necessidade de sair da metafísica.

A saída está na imposição da totalidade do mundo técnico em ordenar o mundo, momento que Heidegger chama de primeiro lampejar do ser, que poderia ser interpretado como o primeiro revelar do ser (*Ereignis*). O momento de imposição da totalidade do mundo técnico é o momento também de revelação da situação que vivemos.

A saída é a dissolução do indivíduo pela racionalização do mundo técnico, que Vattimo (2018c) chama de secularização. Todas as doutrinas que se consideram autênticas devem ser debilitadas, pois não são únicas nem estão em conformidade com o ensinamento evangélico, na visão de Vattimo.

A transformação “reduziva” do sagrado metafísico natural em virtude da relação de amizade que Deus decide estabelecer com o homem é a essência da história da salvação. A debilidade da religião seria, portanto, a transformação reduziva do sagrado metafísico natural, em virtude da relação de amizade que Deus decide estabelecer com os homens.

No próximo item, vamos analisar o que Vattimo entende por demitologizar a moral e os dogmas.

## **2.2 Kênosis: demitologização contra os paradoxos e a violência**

Vattimo (2018c) acredita que deveríamos reconhecer a “*Kênosis* de Jesus” como a relação de amizade que Deus decide instaurar com os seres humanos, portanto a *Kênosis* é a essência da história da salvação. Partindo dessa premissa, Vattimo (2018c) quer desmitificar o sentido da *Kênosis* e aproximá-lo do ponto de vista da razão moderna – que, para ele, ainda é inimiga da fé.

Para essa aproximação, Vattimo se utiliza do termo “demitologização”, que descreve “como um dos termos mais populares em determinada teologia do século XX – não tanto a teologia católica” (VATTIMO, 2018c, p. 51), termo que é encontrado em Bultmann (2000), na obra *Jesus Cristo e Mitologia*.

Apesar de não utilizar o termo como originalmente descrito por Bultmann, Vattimo (2018c) recorre ao conceito para apontar que o Evangelho necessita da eliminação dos mitos. Especificamente sobre o texto evangélico, Vattimo cita que ele “tenha justamente necessidade de uma boa dose de demitologização, de eliminação do mito, para falar de modo sensato ao homem medianamente culto de hoje” (VATTIMO, 2018c, p. 51-52).

Para o filósofo italiano (2018c), a revelação cristã da *Kênosis*, a moralidade e os ensinamentos dogmáticos da Igreja necessitam ser demitologizados. Vattimo suspeita que a revelação e os ensinamentos dogmáticos da Igreja e todas essas retóricas estejam fundamentadas e “profundamente ligadas a uma concepção ainda metafísico-naturalista de Deus” (VATTIMO, 2018c, p. 52).

Vattimo descreve que o único grande paradoxo e escândalo da revelação cristã é justamente a encarnação de Deus, descrito assim:

a *Kênosis*, ou seja, a inabilitação de todas as características transcendentais, incompreensíveis, misteriosas e, creio, também bizarra que, no entanto, muito comovem os teóricos no salto da fé. Em nome do qual, aliás, é fácil fazer passar também a defesa do autoritarismo da Igreja e de muitas de suas posições dogmáticas e morais ligadas a absolutização de doutrinas e situações historicamente contingentes e, no mais, já superadas de fato. (VATTIMO, 2018c, p. 52)

Vattimo (2018c) procura resgatar a *Kênosis* como fundamento principal do cristianismo, que nos leva à direção oposta às características transcendentais, incompreensíveis, misteriosas e, nas palavras de Vattimo (2018c), bizarras de Deus. A *Kênosis* é a pedra angular da doutrina cristã, não apenas um evento histórico-linear do evento cristão. O resgate da *Kênosis*, na tentativa de sua demitologização, nos conduziria para o reencontro com a religião cristã.

Vattimo (2018c), portanto, defende o “direito de reivindicar o não sermos afastados da verdade do Evangelho em nome de um sacrifício da razão exigido

apenas por uma concepção naturalista, e não cristã da transcendência de Deus” (VATTIMO, 2018c, p. 52).

Para Vattimo (2018c) deveríamos nos ater mais fielmente à “afirmação paradoxal de Jesus, segundo o qual não devemos mais nos considerar servos de Deus, mas seus amigos” (Vattimo, 2018c, p. 52). Trata-se, portanto, de um cristianismo amigável, seguindo as palavras de Jesus Cristo.

Poderíamos, então, dizer que, para Vattimo (2018c), a demitologização é a secularização do cristianismo. E poderíamos também dizer que a demitologização é operada através da mensagem cristã, afirmando um cristianismo amigável, que em condições históricas, em cada época, prevê a sua forma de se realizar.

Podemos notar, portanto, que em *Crer que se crê*, obra realizada entre 1996 e 1998, a preocupação de Vattimo com o retorno da religião e, principalmente, com o posicionamento do cristianismo em uma sociedade secularizada, se dá através do próprio debilitamento do Evangelho.

Vamos verificar o que Vattimo considera sobre a moral e sua demitologização.

### **Demitologizar a moral**

Ao iniciar seu discurso sobre moral, Vattimo (2018c) fala especificamente de um aspecto por ele descrito como paradoxal do atual retorno da religião, e particularmente do cristianismo, na Itália. O retorno do cristianismo na Itália e o próprio ensinamento da Igreja são percebidos pelo autor como muito maiores em respeito e atenção dos devotos. Vattimo assim descreve esse momento:

Os “valores cristãos” parecem mais populares que outrora: há uma reprovação geral do racismo, difunde-se (às vezes inclusive com aspectos de uma retórica doentia que o tornam grotesco) um humanitarismo que rejeita a ideia de guerra, que se comove com a ideia de miséria do terceiro mundo e que invoca a paz e a solidariedade. (VATTIMO, 2018c, p. 53)

Para Vattimo (2018c), pelo menos na Itália e no Ocidente, poderíamos dizer que acabou o anticlericalismo moderno que se baseava em uma razão científica e historicista fundamentada na sua própria segurança, e que não via limites nas suas próprias afirmações.



A própria Igreja, na tentativa de evitar qualquer impressão de enfraquecimento da doutrina e da moral cristã, acaba gerando uma mentalidade dogmática que, segundo Vattimo “sacrifica a inteligência”, para afirmar uma postura fundamentalista que se confunde com os valores cristãos e traz a violência como resultado. Os exemplos citados por Vattimo são variados, mas podemos destacar alguns, tais como: “a defesa de uma moral familiar e sexual que nem os católicos praticamente levam mais a sério – (por exemplo, onde parecem identificar a masturbação como genocídio)” (VATTIMO, 2018c, p. 54); “a moral sexual católica – proibição do uso de camisinha em tempos de Aids” (VATTIMO, 2018c, p. 54).

Para Vattimo (2018c), a ideia não é tornar a moral mais leve através da facilitação da fé que pode derivar da ideia de secularização, como a própria mensagem cristã da salvação. A ideia principal é revelar o suposto realismo da moral eclesiástica. Com a debilitação da moral religiosa tradicional, a própria moral perde sua aura sagrada, e debilita também seu caráter violento. Portanto, existe uma dimensão ética importante.

Outro aspecto é a demitologização dos dogmas, que veremos na sequência.

### **Demitologizar os dogmas**

Se a moral religiosa tradicional é ou deve ser objeto da secularização, como vimos no parágrafo anterior, para Vattimo (2018c), também a visão geral cristã de Deus e do homem pode enfrentar um processo de demitologização sem receio de perder o essencial, sem receio de desfigurar, se é verdade que a *Kênosis* é o conjunto da relação de Deus com o mundo.

Vattimo quer nos conduzir para o ponto de vista da *Kênosis* como debilitamento, “a redução, o desmentido daquilo que a mentalidade religiosa natural acreditava dever pensar sobre a divindade” (VATTIMO, 2018c, p. 56). A dúvida que levanta é se seria impossível escutar o ensinamento de Deus, se não se admite que Deus seja demonstravelmente a causa da existência do mundo (VATTIMO, 2018c, p. 56-57).

Reconhecendo que a Bíblia chama Deus de Pai e criador, Vattimo argumenta que, na mesma Bíblia, Deus é também chamado de pastor e, muitas vezes, de “guerreiro”, compartilhando o ódio de Israel contra os inimigos. Se a

razão for o critério de verdade, Vattimo (2018c) acredita que uma demitologização do cristianismo poderia “levá-lo de volta ao seu cerne ineliminável de verdade” (VATTIMO, 2018c, p. 57).

Vattimo reconhece que a verdade do cristianismo é aquela produzida mediante “autenticações” que acontecem no diálogo com a história e com a assistência do Espírito Santo. Se a verdade do cristianismo está em diálogo com a história, para Vattimo (2018c) pensamos isso legitimamente somente a partir do nosso ponto de vista historicamente situado, em virtude do que aconteceu e do que aprendemos.

A partir desse ponto de vista, de que a verdade do cristianismo é produzida mediante autenticações e no diálogo com a história, que é um ponto de vista historicamente situado, o autor questiona a verdade eterna, tanto da ciência como das Escrituras. Reconhece, porém, que o empreendimento de demitologizar a mensagem cristã de modo definitivo é impensável, e ressalta que “é somente a história da salvação, que avança por meio de épocas e momentos diferentes ao longo de uma linha guiada pela providência” (VATTIMO, 2018c, p. 57), portanto ele procura demitologizar a salvação. Esse é o intento de Vattimo.

A salvação baseada no cristianismo, para Vattimo (2018c), possui “um sentido de progresso rumo à maturidade e ao fim dos tempos, que adquire sentidos cada vez menos comprometidos com a religiosidade naturalista do sagrado com a violência” (VATTIMO, 2018c, p. 58). Mas, o que é secularizar a história da salvação, então? Como entender a história da salvação no cristianismo secularizado?

Para Vattimo (2018c), secularizar a história da salvação significa, em primeiro lugar, não se afastar do ensinamento de Cristo por causa de preconceitos metafísicos criados e historicamente situados por mentalidade cientificista ou historicista. Em segundo lugar, é não se afastar de Cristo por autoritarismos eclesiásticos que fixam “o sentido da revelação na forma de mitos irracionais, aos quais devemos aderir em nome da absoluta-metafísica e violenta – transcendência de Deus” (VATTIMO, 2018c. p. 58).

Para nosso autor, a religiosidade moderna, para ser autêntica, não pode prescindir da ideia do “livre-exame” das Escrituras, como defendia Lutero. E um ponto importante destacado por Vattimo é que, além do livre-exame das

Escrituras, “não podemos mais imaginar a salvação como escuta e aplicação de uma mensagem que não precise de interpretação” (VATTIMO, 2018c, p. 59).

A atualidade da hermenêutica, que por bons motivos, se pensa ser a filosofia da Modernidade, do ponto de vista da experiência religiosa significa que, para nós, talvez muito mais do que em outras épocas do passado da Cristandade, a salvação passa pela interpretação; não só é preciso entender o texto evangélico para aplicá-lo praticamente em nossa vida, mas, antes e mais em geral que qualquer “colocação em prática”, essa compreensão se identifica com a própria história de (nossa) salvação, e a interpretação pessoal das Escrituras é o primeiro imperativo que a própria Escritura propõe. (VATTIMO, 2018c, p. 59)

A hermenêutica pertence à modernidade e, para o filósofo do *pensiero debole*, somente “na base de sua completude niilista do princípio da realidade, que era sua interpretação e caracteriza a modernidade, se põem os fundamentos de sua verdade (não há fatos, só interpretação)” (VATTIMO, 1999, p. 69). Vattimo (1999) também acredita que a modernidade é filha da tradição religiosa do Ocidente, sobretudo como secularização dessa tradição.

Nascendo da dissolução da metafísica da objetividade, ou seja, uma consequência da secularização moderna, a hermenêutica para ele é sobretudo um agente no rompimento da unidade católica da Europa, tendo como peso decisivo o novo modo de ler a Bíblia, pelo princípio luterano *Sola Scriptura*, mas também e “principalmente pela exegese racionalista de Spinoza” (VATTIMO, 1999, p. 69). Citando especificamente a obra de Dilthey, *Origens hermenêuticas*, Vattimo (1999) aponta que a hermenêutica moderna surge, quando Dilthey “fala da libertação da exegese pelo dogma” (VATTIMO, 1999, p. 69).

O filósofo Italiano destaca que, depois de reflexões e conclusões alcançadas “no campo filosófico, mas também por um conjunto de motivações ‘culturais’ que divide com o mundo e, sobretudo, por uma herança cristã que não parou de agir” (VATTIMO, 2018c, p. 59), tem um reencontro com o cristianismo. Mas, nesse reencontro, não está o cristianismo dogmático e disciplinar, pois ele não acredita que essa forma do ensinamento de Cristo seja capaz de nos chamar novamente e falar.

O reencontro com o cristianismo de pessoas como ele, que se descrevem como “fiéis pela metade” (VATTIMO, 2018c, p. 59) ou também a Igreja Oficial, compreende a questão da reinterpretção contínua da mensagem da Bíblia.

O que Vattimo (2018c) reencontra é uma doutrina que possui sua pedra angular na *Kênosis* de Deus, na salvação entendida como a dissolução do

sagrado natural-violento. Essa doutrina lhe é transmitida por meio de uma intuição, que tende a colocar em segundo plano esse núcleo *Kenótico* e secularizante, mas não a ponto de impedir que ele se manifeste sobretudo na experiência concreta de crente, e escapar do juízo que, “em nome dele se faz da própria intuição” (VATTIMO, 2018c, p. 60).

Um contraponto importante sobre a constante demitologização feita por Vattimo pode ser encontrado em Teixeira (2013). Para o autor, à luz da modernidade-pós-modernidade-secularização se encontra a provocação filosófica de Gianni Vattimo. “A secularização representa uma maneira de ‘contra utopia’ capaz de desmascarar as pretensões da modernidade e de exprimir e favorecer a intencionalidade na Pós-modernidade” (TEIXEIRA, 2013, p.154). Em termos religiosos, a secularização representaria uma alteridade de Deus que convida a uma interpretação depositada no escândalo pascal, assim descrito por Teixeira:

A liberdade da fé reenvia a uma “iniciativa-iniciada”. Neste ponto, porém, a busca de Vattimo permanece suspensa no “crer-esperar de crer”, bloqueada no fundo de um sujeito que se esforça para confiar-se ao Outro e a sua revelação. Aqui está presente a ambiguidade que emerge da insistência Vattimiana de uma revelação contínua, que autoriza infinitas interpretações, jogadas ao ritmo de demitologização. (TEIXEIRA, 2013, p.154)

Para Teixeira (2013), Vattimo, ao sustentar que a atualidade ontológica da salvação não nasce somente de uma necessidade, mas provém do “dom que vem de um Outro”, abre espaço para um ceticismo, que corre o risco de minimizar a radicalidade própria do perguntar da fé, reduzindo-a a uma hermenêutica cujo único ponto seja a circularidade infinita da decisão. Esse seria o risco de um existencialismo subjetivista para Teixeira (2013). Seria uma “impostação subjetivista de todo pensamento moderno, que nega a existência de Deus fora da consciência que o pensa” (TEIXEIRA, 2013, p. 155).

Quando analisamos a crítica de Teixeira em confronto com a obra de Gianni Vattimo, não nos parece que a atualidade ontológica da salvação provém do dom que vem do outro apenas, e nem que isso abra um ceticismo para a própria fé. A herança cristã que recebemos é sim uma ética de amor ao próximo, que tem como premissa receber o mesmo tratamento doado, mas que tem um componente inicial próprio, um compromisso ético de não violência.

A reinterpretação niilista da salvação talvez nasça em Vattimo pela sua própria interpretação de Deus que, como destaca Vattimo (2018d) em sua autobiografia, se encarna, mas vem como carpinteiro, que morre crucificado. Ou seja, é um Deus humilde, que demonstra seu amor à humanidade. Isso poderia representar também o ensinamento que Vattimo parece querer ressaltar na obra. Essa é a herança que recebemos, reinterpretada na visão de Vattimo. Junto com o nosso acontecer, essa herança recebida precisará de intencionalidade de nossa parte, e de práxis para uma ética da não violência, assim como nos foi ensinado. Portanto, mais do que uma relação de circularidade infinita de decisão, seria um compromisso ético do cristão e de seu agir.

Resumidamente, poderíamos dizer que, para Vattimo (2018c), a doutrina cristã possui sua pedra angular na *Kênosis* de Deus. A salvação é entendida como dissolução do sagrado natural-violento. Vattimo acredita que não deveríamos nos afastar de Jesus Cristo por causa dos escândalos da Igreja oficial, pois esses escândalos servem para purificar a fé e para deixar-nos alertas para a necessidade de uma interpretação pessoal das Escrituras. A hermenêutica na base de sua completude niilista do princípio da realidade, que era sua interpretação que caracteriza a modernidade, se põe aos fundamentos de sua verdade (não há fatos, só interpretação). A interpretação pessoal das Escrituras é a possibilidade de acesso a Jesus e à salvação. Desvincular religião e metafísica é um passo extremamente importante para Vattimo. A possibilidade da religião se dá justamente pela superação da metafísica, que significa dissolver estruturas rígidas da realidade e considerar o que sobrou – as interpretações.

Se pensarmos em um horizonte aberto para a religião, para além dos dogmas e doutrinas, horizonte que foi aberto pela experiência do niilismo e para a possibilidade de sermos niilistas consumados, essa consumação poderia nos levar à libertação de pensamentos fortes e suas significações objetivas e violentas da realidade, dando-nos espaço e liberdade para pensamentos que sejam interpretações.

Vamos analisar, no próximo item, a relação que Vattimo estabelece entre secularização e caridade.

### 2.3 Secularização e seu limite: caridade

No item 2.2, vimos que Vattimo (2018c) destaca que teve um reencontro com o cristianismo, depois de reflexões e conclusões alcançadas “no campo filosófico, mas também por um conjunto de motivações ‘culturais’ que divide com o mundo e, sobretudo, por uma herança cristã que não parou de agir” (VATTIMO, 2018c, p. 59). Para ele, nesse reencontro, existe um movimento estranho de busca e decepção. O movimento de busca está relacionado à sua busca, e de muitos, em relação ao interesse pelo cristianismo; e o movimento de decepção é sobre o ensinamento e a mensagem recebidos e escutados pelos fiéis do Papa (na época em que escreveu o livro sobre o Papa João Paulo II) e dos bispos, dos quais, segundo Vattimo (2018c), nos afastamos novamente devido a uma visão rígida e teoricamente insustentável da natureza humana e de toda moral que decorreria dela. Também porque “esse ensinamento não diz ‘palavra de vida eterna’” (VATTIMO, 2018c, p. 61).

No campo filosófico, o reencontro com o cristianismo torna-se possível pela dissolução da metafísica. Ou seja, “pelo fim das filosofias objetivas, dogmáticas, e das pretensões de uma cultura, a europeia, que acreditava ter descoberto e realizado a verdadeira “natureza do homem” (VATTIMO, 2018c, p. 61). Qualquer pessoa que reencontra o cristianismo nessas condições filosóficas, ou de quem vive na realidade pluralista das sociedades contemporâneas, para Vattimo (2018c), não pode propor uma doutrina metafisicamente engessada, devido aos danos e prejuízos por ela causados. Mas ainda estão em muitas das bases fundamentalistas, em meios às quais vivemos. Portanto, no campo filosófico, o reencontro se dá através de uma hermenêutica niilista, que procura através de uma filosofia da interpretação a dissolução das filosofias objetivas, dogmáticas, pois, com a dissolução, o homem moderno poderia deixar de se apoiar em algo definitivo. Na condição pós-moderna, pode-se, então, retornar ao cristianismo.

No campo religioso, o reencontro de Vattimo com o cristianismo se dá com o encontro da doutrina da salvação, através da *Kênosis* e da secularização. A doutrina da salvação, baseada na *caritas*, é o que fornece um princípio crítico suficientemente claro para nos orientar, seja em relação a este mundo ou em relação à Igreja.

Mas, afinal, o que é a *caritas*?

### **Caritas e suas definições na obra de Vattimo**

Em sua texto *Dialettica, differenza, pensiero debole* (2010b), Vattimo descreve caritas com o sentido de *Pietas*. Ao descrever o *pensiero debole* como forma de ultrapassar a metafísica ou para ultrapassar qualquer pretensão do ser como presença e estabilidade, recorre a três noções principais: rememoração (*An-denken*), ultrapassagem (*Verwindung*) e caridade (*Pietas*), e essas noções são as características básicas do *pensiero debole*, como um pensamento ultrametafísico.

A caridade (*pietas*) nessa obra é o termo que, antes de tudo, evoca a mortalidade, a finitude e a caducidade. A caridade como *Pietas* para relacionar o ambiente retórico da verdade<sup>13</sup> com a hermenêutica é uma maneira de interpretação do passado, presente e futuro. Os laços, respeitos e pertencimento são as substâncias da *Pietas* descritas por nosso autor. Junto com a retórica da verdade enfraquecida, temos uma ética possível. Note que o filósofo italiano parece querer fugir de uma ética de imperativos categóricos, como postulado por Kant.

Ainda relacionando caridade e *Pietas*, temos o pensamento de Scopinho (2004), que defende que, na condição pós-moderna, entendida como respeito ao diferente, todos os dialogantes estão determinados por um condicionamento histórico-cultural, sendo impossível uma transparência perfeita. Nessa condição pós-moderna, hermenêutica, *Pietas*, na sua interpretação da obra de Vattimo, seria uma alternativa de compreender a realidade, ligando-a a uma relação de piedade, caridade e compaixão.

Um segundo sentido de caridade encontramos na obra de Ferreira (2015) que tem como significado hospitalidade, entendida como a necessidade de ter a porta aberta ao outro. Quando se procura realizar a hospitalidade na atividade política, no esforço de construir um mundo melhor, mais humano, mais fraterno

---

<sup>13</sup> “O ambiente retórico da verdade (ou também podemos dizer: hermenêutico) é constituído desta forma livre mais “impura”, em analogia com aquele senso comum de que fala Kant na Crítica da Razão Pura. Laços, respeitos, pertencimento são as substâncias da *pietas*: isto delinea, junto como uma retórica da verdade “fraca”, também uma ética possível, na qual os valores supremos - aqueles que atuam como bens em si mesmos, não em vista de mais nada – são as formações simbólicas, os monumentos, os vestígios dos vivos (tudo o que se oferece e estimula a interpretação: uma ética dos “bens”, mais do que uma ética dos imperativos) (VATTIMO, 2010b, p. 26).

e mais amigável, estaríamos praticando a caridade, ou a hospitalidade. Nesse sentido, há um forte desvio em direção à ética, ligado ao êxito teórico da hermenêutica. Caridade como hospitalidade receberá uma verdadeira interpretação somente se houver uma práxis transformadora. Também em relação à transcendência de Deus, ela é encontrada como transcendência “histórica” no ato da resposta à solicitação do outro pela ajuda fraterna, em escuta amorosa.

Um terceiro sentido encontramos na obra *Crer que se crê*. O sentido descrito de *caritas* é o *diligere*. Há uma diferenciação entre o latim clássico e o bíblico: no bíblico, a palavra *caritas* estaria associada “à palavra *diligere*, que seria o ato de amar como uma escolha e não como um ato natural” (NOGUEIRA, 2008, p. 21-27)<sup>14</sup>. A *caritas*<sup>15</sup> é entendida como a interpretação que Jesus dá no Antigo Testamento, é a nova relação mais intensa entre Deus e a humanidade e, por consequência, dos homens entre si. A *caritas* é o princípio crítico a que podemos recorrer para atravessar o mar de incertezas e a Babel da linguagem do mundo pós-metafísico. A *caritas* poderia ser definida como o ato de amor por escolha de Deus, e que devemos seguir entre nós. Portanto, carrega também um forte apelo ético. A *caritas* é o princípio necessário, porque a *Kénosis* não pode ser concebida, de fato, como negação indefinida de Deus nem justificar toda e qualquer interpretação sagrada da Escritura.

---

<sup>14</sup> Maria Simone Marinho Nogueira, em sua tese de Doutorado chamada *Amor, caritas e dilectio – Elementos para uma hermenêutica do amor no pensamento de Nicolau de Cusa* (2008), descreve que o Novo Testamento passou por traduções que foram alterando o significado das palavras originais. É o caso da palavra *caritas* que, no latim clássico, veio a traduzir a palavra grega *ágape*. Contudo, há uma diferenciação entre o latim clássico e o bíblico, no bíblico a palavra *caritas* estaria associada à palavra *diligere*, que seria o ato de amar como uma escolha e não como um ato natural (NOGUEIRA, 2008, p. 21-27). “[...] Como há um predomínio de *caritas* sobre os outros termos não só no Novo Testamento, mas também em João e em Paulo, limitemo-nos, no momento, às definições dadas por esses. Deste modo, em João, os três termos (*diligere, caritas, dilectio*) têm o mesmo significado e designam o novo mandamento, o signo distintivo dos cristãos, o preceito de Jesus (Cf. João XIII, 34, 35). Além deste sentido, conforme Paulo, o amor é a maior das virtudes, e, segundo ambos, é tanto o amor que Deus tem pelos homens quanto o amor dos homens (Cf. I Coríntios, 13; João III, 16)” (NOGUEIRA, 2008, p. 25). No entanto, para Nogueira, a discussão sobre os termos (*amor, caritas e dilectio*) aparece, em toda a sua clareza, em Agostinho. “Santo Agostinho elaborou um sistema no qual une à caridade cristã o amor platônico e cria, assim, uma única noção que pode ser designada tanto por *caritas e dilectio* quanto por amor. Não queremos com isto dizer que a noção de amor em Agostinho seja unívoca, ela comporta muitos matizes, começando pelo sentido do desejo (*appetitus*), passando pelas *caritas* divina e humana, pela *dilectio carnalis* e mundana, até o *amor fraternus, proximi, hominum* [...] Quando falamos em noção única, isto diz respeito somente ao uso indiscriminado que ele faz dos três termos” (NOGUEIRA, 2008, p. 27).

<sup>15</sup> Vattimo (2018c, p. 45, 62).



Como Vattimo cita Santo Agostinho em *Crer que se crê*, procuramos um significado possível também nesse autor. Em sua tese de Doutorado sobre *Amor, Caritas e Dilectio*, Nogueira (2008) defende que Santo Agostinho elaborou um sistema que une a caridade cristã ao amor platônico, e cria, assim, uma única noção que pode ser designada tanto por *caritas* e *dilectio* quanto por amor. Essa definição de Nogueira comporta muitos matizes: do desejo (*appetitus*), passando pela *caritas* divina e humana, pela *dilectio carnalis* e mundana, até o *amor fraternus, proximi, hominimum*.

Uma quarta interpretação encontramos em Pires (2007)<sup>16</sup>. Para ele, parece haver em Vattimo uma recusa de uma definição rígida de *caritas* em suas obras. Segundo esse autor, Vattimo “se furta” a atribuir sentido dogmático ao termo, e esse pode ser um indício de caráter não-metafísico da palavra. Para Pires (2007), se procurarmos alguma essência do cristianismo nas obras de Vattimo, ela poderia ser encontrada na *caritas*.

Como podemos perceber, o significado de *caritas* é bastante variado e, como menciona Pires (2007), Vattimo procura escapar de qualquer definição que possa ser entendida como metafísica. Nos exemplos dados por ele em *Crer que se crê*, Vattimo relaciona a *caritas* a um pensamento ético capaz de uma práxis transformadora, portanto com significado muito próximo ao ato de amor por escolha. Isso demonstraria, em nossa opinião, uma atitude ética de não violência, que Vattimo defende em sua obra. É com essa definição que ficaremos concentrados.

### **O encontro da doutrina da salvação através da Kênosis e da secularização**

A doutrina da salvação baseada na *caritas* é o que fornece um princípio crítico suficientemente claro para nos orientar, seja com relação a este mundo, seja com relação à Igreja. Porém, como já destacado, para Vattimo, a *Kênosis* não pode ser concebida como negação indefinida de Deus, ou justificar qualquer interpretação da Bíblia.

Para respondermos à pergunta sobre qual é o limite da secularização, deveríamos retornar ao paralelismo entre a teologia da secularização e a

---

<sup>16</sup> *In*: Pires (2007, p. 228).

ontologia do enfraquecimento (debilitamento). Começando pela ontologia do enfraquecimento, Vattimo destaca que “o longo adeus às estruturas fortes do ser pode-se conceber apenas como um processo indefinido de consumação e dissolução dessas estruturas” (VATTIMO, 2018c, p. 62). Para Vattimo, quando Nietzsche fala do niilismo consumado, ele o entende como um niilismo vivido, não como perda ou lamento pelo fim da metafísica, mas como uma nova posição do homem em relação ao ser. O destino do ser está na sua tendência ao enfraquecimento. E como se dá essa tendência ao enfraquecimento? Segundo Vattimo (2018c), com o próprio cristianismo.

A relação da filosofia com a teologia cristã é reconhecida no contexto de uma concepção de secularização que, de algum modo, para Vattimo (2018c), prevê justamente a transcrição filosófica da mensagem cristã. Essa transcrição filosófica da mensagem bíblica não considera a transcrição da mensagem um equívoco, uma máscara, mas uma interpretação legitimada da doutrina da encarnação de Deus.

Se formularmos a ideia do niilismo como história infinita nos termos do “texto” religioso que, podemos admitir, está na sua base e a inspira, isso nos falará da *Kénosis* como dirigida e, portanto, também limitada e fornecida de sentido, pelo amor de Deus. “*Dilige, et quod vis fac*” (*Ama e faze o que quiseres*), um preceito que encontramos na obra de Santo Agostinho, exprime bem o único critério com base no qual devemos olhar a secularização. (VATTIMO, 2018c, p. 63-64)

Ou seja, essa tendência do enfraquecimento que regressa no *pensiero debole* é sobretudo uma herança do preceito cristão da caridade e da sua recusa da violência. O encontro com a caridade que Vattimo percebe na filosofia ele encontra também no seu reencontro com o cristianismo e no texto religioso. Para Vattimo isso está muito claro em todo o Novo Testamento. Também está muito claro nas interpretações que Jesus Cristo faz das profecias do Antigo Testamento que revelam o amor de Deus por suas criaturas. “Esse é o sentido ‘último’, porém, pelo fato de ser *caritas*, nunca é realmente o último, não possui o caráter peremptório do princípio metafísico além do qual não se vai adiante e todo princípio cessa” (VATTIMO, 2018c, p. 64).

Nesse ponto, Vattimo faz uma correlação bastante interessante entre niilismo e *caritas*. “A infinidade que jamais termina do curso do niilismo talvez

seja motivada pelo fato do amor como sentido ‘último’ da revelação não possuir qualquer ultimidade” (VATTIMO, 2018c, p. 64).

Pelo lado filosófico, Vattimo (2018c) acredita que, no fim da época da metafísica, descobriremos a impossibilidade de crer em um fundamento “último”, na causa primeira objetivamente dada diante de nós. A filosofia, assim, percebe a violência implícita em todas as verdades “últimas”, em todo princípio primeiro, que faria calar qualquer interrogação ulterior. E um fator importante é que Vattimo (2013) acredita que a filosofia só percebe isso porque foi educada na tradição cristã, que rejeita a violência.

Resumidamente, poderíamos dizer que Vattimo se articula para transmitir o nexo entre a ontologia fraca e a ideia de secularização de maneira positiva para o sentido da racionalização social e, principalmente, tenta reabrir o caminho para dialogar com a tradição cristã. Tanto a mentalidade filosófica moderna, com sua rigidez metafísica, como o fechamento dogmático-disciplinar da Igreja são os alvos de enfraquecimento que Vattimo pretende abordar. A tradição cristã em que fomos educados é o nosso grande diferencial, pois por sua herança transmitida, presente em nós, temos essa rejeição implícita à violência, e todas as formas de suas manifestações, inclusive o conceito de ultimidade e seu caráter autoritário e violento.

Na questão religiosa, a ideia de secularização como deriva indefinida, limitada somente pelo princípio da *caritas*, é o caminho que Vattimo acredita correto para sair do impasse da consciência moderna, ou seja, a impossibilidade de aderir a uma doutrina que parece estar em oposição às “conquistas” da razão iluminada, demais impregnada de mitos, que precisam também ser desmascarados.

Esse desmascaramento quem faz é o próprio Cristo, e Vattimo (2018c) vai além: para ele, Cristo inaugura esse desmascaramento com o significado da história da salvação. Assim, crer na história da salvação “não quer dizer aceitar ao pé da letra tudo que está escrito no Evangelho e no ensinamento dogmático da Igreja” (VATTIMO, 2018c, p. 67). O cristianismo, religião do amor, o ato de amar como uma escolha e não como um ato natural, seria o caminho natural à salvação.

Vamos analisar, no próximo item, o significado da salvação no pensamento de Vattimo, e as suas razões para reencontrar o cristianismo.

## 2.4 Razões para reencontrar o cristianismo

Para Vattimo (2018c), crer na salvação significa, antes de tudo, entender os sentidos dos textos evangélicos no momento histórico que estamos vivendo, no aqui e agora, ler os sinais dos tempos utilizando como guia o mandamento do amor, este sim, sem possibilidade de secularização. O amor como princípio último, “que não comanda algo determinado de uma vez por todas, mas aplicações a serem ‘inventadas’ no diálogo com as situações específicas à luz do que a Sagrada Escritura ‘revelou’” (VATTIMO, 2018c, p. 67).

Para conciliar seu reencontro com o cristianismo, mesmo mediante a ideia de *Kênosis* como secularização, e o desmascaramento radical feito por Cristo, Vattimo persegue dois caminhos. O primeiro é o da teologia do nosso século: em que certos aspectos essenciais do desmascaramento moderno foram acolhidos como aspectos da “autenticação” secularizante da fé. Nesse caso específico, Vattimo (2018c) dá como referência teórica o pensamento de Dietrich Bonhoeffer. Nesse percurso, deveríamos dirigir-nos “a Deus não mais como *deus ex machina* que resolve todos os problemas e conflitos” (VATTIMO, 2018c, p. 68). Vattimo parece querer recusar de maneira explícita o cristianismo que pretende afirmar a religião como uma saída necessária de uma realidade difícil e, muitas vezes, insuportável.

O segundo caminho surge para Vattimo “nas várias posições que, sobretudo em consideração ao Holocausto dos judeus sob o nazismo, começaram a refletir sobre a pensabilidade num Deus não todo-poderoso, mas em luta junto com o homem, pelo triunfo do bem” (VATTIMO, 2018c, p. 69). Dentre outras possibilidades de conciliação, essas duas se raciocinadas abstraíndo “as pretensões de objetividade da metafísica, hoje ninguém deveria poder dizer que Deus não existe nem, de outro lado, que sua existência e sua natureza são racionalmente estabelecidas de uma vez por todas” (VATTIMO, 2018c, p. 69).

Não existiriam também razões para não procurar entender o sentido cristão da demitologização moderna, desde que elas abandonem as pretensões de absolutismo metafísico que as inspiram. Vattimo (2018c) acredita que o que se pode dizer de um pensamento não metafísico é que grande parte das conquistas da razão moderna estão enraizadas na tradição hebraico-cristã, e

não são pensadas fora dela. Encarando esse fato, e reconhecendo ou tomando consciência de que não se pode julgá-lo do ponto de vista externo, absoluto, e tentar uma interpretação desse pensamento, isto é, como diria o seu mestre e mentor Luigi Pareyson, “que capta a regra interna do processo, como o sentido do itinerário no qual estamos implicados que contém indicações a ter em conta nossos juízos e nas nossas escolhas” (VATTIMO, 2018c, p. 69).

Para Vattimo (2018c,) captar a regra de um processo que estamos envolvidos não quer dizer que conseguimos vê-la objetivamente e demonstrá-la como única verdade, e por isso fala de interpretações. Outra razão para reencontrar o cristianismo é o fato de que na doutrina cristã está previsto o caráter interpretativo universal (*kenótico*) da história do ser.

Resumidamente, podemos dizer, pelas posições adotadas por Vattimo em sua formulação até aqui, que o núcleo filosófico de todo o seu discurso é um núcleo hermenêutico, utilizando a filosofia da interpretação. Crer na salvação significa, antes de tudo, interpretar os sentidos dos textos evangélicos. Em nossa condição pós-moderna, a descoberta de secularização como sentido da história da salvação e nossa herança cristã de rejeição à violência são o caminho que Vattimo utiliza para fazer uma releitura do Cristianismo, trilhado pela caridade. Como? Vejamos na sequência deste texto.

## **2.5 A releitura do cristianismo na caridade**

Mesmo com essa “descoberta” da secularização como sentido da salvação, Vattimo (2018c) não tem a pretensão de um enunciado metafísico, objetivo e essencial. Ele acredita, porém, que, tendo em vista nossa “situação” em condição pós-moderna,<sup>17</sup> “que essa história do ser como enfraquecimento e de sua revelação cristã parece racionalmente (a mais) sustentável” (VATTIMO, 2018c, p. 71).

Tomando como premissa apreendida que o princípio da secularização é o princípio que lhe permite escutar novamente os conteúdos da revelação

---

<sup>17</sup> Vattimo, em sua obra *O fim da modernidade*, deixa claro a concordância que tem com o pensamento de Jean-Francois Lyotard sobre o pós-moderno e sua condição. Lyotard, em sua obra *A condição pós-moderna*, destaca: “O pós-moderno, enquanto condição da cultura nesta era, caracteriza-se exatamente pela incredulidade perante o metadiscurso (metanarrativa) filosófico-metafísico, com suas pretensões atemporais e universalizantes” (LYOTARD, 2013, p. VIII).

bíblica, Vattimo (2018c) fará sua transcrição, sua releitura do cristianismo através do princípio da caridade, reavaliando também o posicionamento e todas as críticas feitas pelo Iluminismo à religião e a herança judaico-cristã da civilização ocidental. O conteúdo da fé é também reavaliado por Vattimo, que admite não professar mais o desprezo que sentia “como católico militante ante ‘os fiéis pela metade’, justamente aqueles que vão à igreja apenas para casamentos, batismos, enterros” (VATTIMO, 2018c, p. 71). Reconhece também que seu discurso, até aqui, é típico de um fiel pela metade.

Na sua apologia a esses fiéis, Vattimo reconhece “que como católico praticamente-militante acreditava saber que a rejeição era em relação à ética pregada pela Igreja, especialmente pela intolerância quanto ao sexto mandamento e a moral sexual católica” (Vattimo, 2018c, p. 73). Os fiéis pela metade ou os chamados católicos não praticantes são defendidos por Vattimo (2018c), pois são capazes de encontrar a riqueza da revelação se ficarem presos ao corpo de doutrina da Igreja (doutrina, por exemplo “que proíbe o uso de camisinha em tempos de Aids” (VATTIMO, 2018c, p. 73)). Outro ponto destacado na análise é a situação embaraçosa de “quem frequenta a Igreja e não tem qualquer intenção de abandonar a vida de ‘pecado’ na qual, segundo o ensinamento oficial, vive” (VATTIMO, 2018c, p. 73).

Em relação à questão moral cristã, em uma reflexão pessoal, Vattimo (2018c) acaba explicando as razões que o levaram a se afastar da igreja:

Decidi não mais ir à Igreja quando, de um lado, no estudo da filosofia, encontro cada vez mais os motivos para considerar insustentável a “metafísica cristã” e, do outro, na esfera pessoal, passei a tentar construir para mim uma vida sentimental livre do esquema neurótico de pecado e confissão. Além disso, como eu poderia pertencer a uma Igreja cujo ensinamento público me considera uma pessoa moralmente desprezível ou, no máximo, se eu aceitasse esse adjetivo, como um doente a ser curado, um irmão monstruoso a ser amado, mas a se manter escondido? (VATTIMO, 2018c, p. 76)

Em relação à moral cristã, Vattimo (2018c) não está convencido que a verdade esteja nas margens, na minoria marginalizada. Contudo, acredita que os desvios cometidos são um aspecto da violência ligado ao sagrado natural que a encarnação de Cristo chama a eliminar. Como? Para Vattimo (2018c) com amor ao próximo, para evitar se tornar um combatente violento contra a violência. É uma atitude ética contra a violência baseada na caridade, no amor ao próximo.

### **Reencontro com o cristianismo – debilitando as superstições metafísicas.**

A maneira que Vattimo (2018c) pretende retornar ao cristianismo é não se submetendo novamente à tutela da Igreja e da sua metafísica, mas reinterpretando a mensagem evangélica segundo o amor e considerando a redução da violência “como um processo sempre em andamento e não como uma condição ideal de autenticidade que se pode estabelecer, de uma vez por todas, adequando-se a uma essência eterna do homem, da moral, e da sociedade” (VATTIMO, 2018c, p. 78).

Para Vattimo, portanto, reencontrar o cristianismo “significa antes de tudo a tarefa de repensar os conteúdos da revelação em termos secularizados” (VATTIMO, 2018c, p. 79). Ele reivindica a maneira de reinterpretar a palavra evangélica, como Jesus mesmo ensinou a fazer, “traduzindo a letra frequentemente violenta dos preceitos e das profecias em termos mais de acordo com o mandamento supremo da caridade” (VATTIMO, 2018c, p. 80).

Secularizar significa também reinterpretar as superstições metafísicas da Igreja, “como por exemplo a negação obstinada do sacerdócio feminino por parte do Papa João Paulo II” (VATTIMO, 2018c, p. 80). Para Vattimo, trata-se de uma superstição, um preconceito que é resultado de uma mentalidade metafísica baseada na chamada “natureza da mulher”. Essa mentalidade metafísica, precisa ser debilitada, secularizada. E o que significa isso realmente? “não significa reivindicar o ‘natural’ direito da mulher ao sacerdócio, opondo uma metafísica a outra [...], mas significa que é expressão da caridade o reconhecimento de ‘novos’ direitos, a atenção para todos aqueles movimentos de ‘promoção’ que tendem a reduzir situações de violência objetiva contra alguém” (VATTIMO, 2018c, p. 80).

Vattimo acredita que exemplos como o sacerdócio feminino e o tabu da homossexualidade são temas relativamente fáceis e apropriados de seu discurso sobre secularização. Em tom provocativo, Vattimo (2018c) também nos desafia a pensar outros “conteúdos” da revelação cristã, tais como paternidade de Deus, estrutura “familiar” da trindade, maternidade virginal de Maria - não seriam objetos de leituras secularizadoras e demitologizantes? E se os fizéssemos estabelecendo a caridade como o limite da secularização? Poderíamos crer que se crê?

Um questionamento importante é o que sobraria da Igreja nesse contexto de reinterpretação da moral cristã e de todas as suas crenças? Aparentemente, para Vattimo, sobraria uma comunidade cristã que pratica a *caritas*.

Resumidamente, poderíamos dizer que, para Vattimo, a releitura do cristianismo é feita na “descoberta” da secularização como sentido da salvação. Utilizando-se da releitura do cristianismo através do princípio da *caritas*, Vattimo reinterpreta a questão moral cristã e de seus fiéis, inclusive os católicos não praticantes, que ele denomina de “fiéis pela metade”. Faz apologia aos fiéis que são capazes de encontrar a riqueza da revelação sem ficarem presos ao corpo da doutrina da Igreja. A questão moral cristã como praticada hoje é o motivo do afastamento de muitos fiéis da Igreja, segundo sua linha de pensamento, pois há uma violência praticada em nome dessas questões morais e dos preconceitos aos fiéis que não se encaixam a ela.

O reencontro com o cristianismo pode se dar debilitando as superstições metafísicas e reinterpretando a mensagem Evangélica, seguindo o princípio ético de amor ao próximo, o que possibilitaria a redução da violência, que é um processo sempre atual e em andamento, uma condição ideal de autenticidade que se pode e se deve adequar à essência do homem. Secularizar significa reinterpretar as superstições metafísicas da Igreja.

No próximo item, vamos discutir como o processo de reinterpretação da secularização ou das “superstições” da Igreja modificam a interpretação da fé.

## **2.6 A fé reduzida como única fé possível**

Vattimo (2018c) baseado em todo desenvolvimento dialógico até esse momento, acredita que a única fé possível é uma fé reduzida, assim descrita:

Claro, se pensarmos em como a história da Cristandade foi marcada também por lutas sanguinolentas ao redor de um único Credo, de uma única palavra das Escrituras, minha posição parece irrealista; mas se ele pudesse encontrar aqui uma justificação, no sentido de que orientaria a entender, antes de tudo, que as palavras das Escrituras não devem ser consideradas como algo ao redor do que seja possível se embater e eventualmente se trucidar. De novo, a essência da revelação reduzida à caridade, e de todo o resto deixado ao caráter não definitivo das diversas experiências históricas. (VATTIMO, 2018c, p. 82-83)

A fé reduzida, portanto, trata-se da essência da revelação reduzida à caridade e ao caráter não definitivo das diversas experiências históricas.



A historicidade da existência é proveniência, princípio. A salvação ou redenção consistem “em tomar ciência desse caráter eventual do ser que nos deixa na condição de entrar ativamente na história, e não de contemplar simplesmente de modo passivo suas leis necessárias” (VATTIMO, 2018c, p. 84).

Como somente em situações concretas a caridade pode ser exercida, “é provável que também o sentido da revelação somente possa ser dado dentro de um contexto histórico, o contexto histórico que vivemos de fato” (Vattimo, 2018c, p. 85). Pensando, assim, no contexto histórico que vivemos, para Vattimo, “talvez seja necessário reconhecer que a secularização é a verdade do cristianismo: a mensagem de Cristo não ressoa no vazio, mas propõe uma situação na qual nos encontramos [...] definida em termos reconhecíveis” (VATTIMO, 2018c, p. 85).

A secularização como verdade do cristianismo, definida em termos reconhecíveis, não significa, portanto, uma libertação da tradição cristã católica. Significa que, para ser reconhecida à luz da caridade, “a atitude do fiel mantém um significado no conjunto demitologizante e, portanto, em certo sentido redutivo; mas não a ponto de ser exercido do lado de fora” (Vattimo, 2018c, p. 86).

O ponto importante para Vattimo é em relação à secularização demitologizante que a fé nos convida a realizar com relação à história – das escritas dos padres, da cultura, dos mitos herdados da espiritualidade.

### **Fé reduzida, secularização demitologizante e pensamento trágico**

Para Vattimo, a *caritas* nos impõe reconhecimento de muitas histórias que nos foram transmitidas e das quais somos herdeiros. Em seu caso particular, fala da admiração e respeito que tem pela história da santidade cristã, pelos mártires, pelas virgens e pelos legendários breviários romanos. Apesar disso, reconhece também aspectos de intolerância do ensinamento oficial da Igreja de hoje, e não se deixa scandalizar pelas Cruzadas ou pela Inquisição, mesmo porque estão longe e o afetam menos que os fundamentalismos do Papa João Paulo II. Ele não acredita na necessidade de se libertar da tradição religiosa católica que recebeu como herança e que está com ele, mesmo que como vestígios. Por quê? Nosso autor justifica tal posição devido à herança e à educação cristã que o formou e que fez dele o que é atualmente: sua maneira de organizar a vida, seus exames de consciência, sua maneira trabalhar. Mesmo

assumindo que essa educação tenha sido mais moral e política do que mística, ele reconhece a importância do catolicismo italiano em sua formação.

Sua insistência na secularização é devido à ideia “de muitos cristianismos apocalípticos”, de separar a história da salvação da história mundana, assim descrita:

é a ideia de separação radical da história da salvação da história secular, com relação à qual a revelação teria apenas um significado apocalíptico: desvelamento da insensatez da história mundana na luz de uma vicissitude totalmente outra, para o qual os tempos e os ritmos da história secular não têm senão um sentido negativo, a ser queimado no salto da fé ou, no máximo, a ser considerado como tempo de provação. (VATTIMO, 2018c, p. 88)

No seu reencontro com o cristianismo, Vattimo quer secularizar essa imagem trágica e apocalíptica. Seu argumento para secularizar esse pensamento é que ele acredita nele estar contida a ideia metafísica “de ver a religião como ápice de uma escalada que, percorrendo a ordem objetiva dos seres, chega enfim ao ser supremo, a Deus” (Vattimo, 2018c, p. 89).

Para Vattimo (2018c) com o fim da metafísica, a ordem objetiva do mundo fragmentou-se. A imagem tradicional realista do conhecimento, não resistiu às críticas filosóficas. “A vontade de potência se afirmou como única essência da tecnociência, pela qual a ordem do mundo, se existe, é uma produção do homem, de seu intelecto e de sua ordem” (VATTIMO, 2018c, p. 89).

Essa fragmentação da ordem objetiva do mundo traz consequências para a filosofia da religião, na condição pós-moderna que vivemos, assim descrita:

[...] a filosofia da religião do nosso século e provavelmente “existencialista”; enquanto Santo Tomás e a Idade Média pensava em provar a existência de Deus a partir da ordem do mundo, o pensamento religioso moderno procura as provas de Deus especialmente na precariedade e na tragicidade da condição humana. (VATTIMO, 2018c, p. 90)

A ideia de ordem objetiva do mundo, de progresso, da razão moderna, para Vattimo, torna-se insustentável depois de Auschwitz e do colonialismo eurocêntrico.

Se a ideia de ordem objetiva do mundo cai, a dúvida levantada por Vattimo é se o cristianismo trágico e apocalíptico, que parece provar a própria verdade unicamente com base na desvalorização radical da história mundana, não é o avesso do cristianismo que acredita legitimar-se com a metafísica tradicional?

Outro ponto importante de questionamento é sobre o verdadeiro cristão. A dúvida formulada é a seguinte:

É mais autenticamente ‘cristão’, ou seja, distante da divindade caprichosa e violenta das religiões naturais, o Deus fundamento supremo da realidade de que falava a metafísica greco-cristã, ou o Deus totalmente outro da realidade trágica nutrida pelo pensamento existencialista? (VATTIMO, 2018c, p. 91)

Existem muitos outros questionamentos importantes sobre os conteúdos da fé cristã, as palavras do Evangelho na sua liberalidade e outros. Todos os questionamentos parecem nos conduzir ao mesmo ponto: a reafirmação de Vattimo da sua posição sobre o princípio de interpretação que deveria ser baseado na caridade, e a secularização como parte integrante da salvação.

Citando versículos Bíblicos, como Lucas 12.54<sup>18</sup> (“E dizia também à multidão: Quando vedes a nuvem que vem do ocidente, logo dizeis: Lá vem chuva, assim sucede”) e Mateus 24.32 (“Aprendam a lição da figueira: quando seus ramos se renovam e suas folhas começam a brotar, vocês sabem que o verão está próximo”) Vattimo (2018c) nos convida à leitura dos sinais dos tempos, que, para ele, possui uma implicação escatológica que alude sempre a um juízo final. Nesses sinais dos tempos, existe sempre uma escolha, que foi assim resumida:

Na perspectiva que illustrei aqui, significa que, na leitura dos sinais dos tempos, existe sempre uma norma que não se reduz à toa a esses sinais; a escolha entre tragicismo e secularização pode ser feita unicamente fazendo referência a essa “norma” escatológica. Tal norma – a caridade, destinada a permanecer inclusive quando a fé e a esperança forem mais necessárias, uma vez realizado completamente o Reino de Deus – justifica plenamente, parece-me, a preferência por uma concepção “amigável” de Deus e do sentido da religião. Se isso for excesso de ternura, é Deus mesmo quem nos ensinou. (VATTIMO, 2018c, p. 111)

Para Gonçalves, ao considerar que o cristianismo se concentra “na prática da caridade, cuja possibilidade está no desenvolvimento da liberdade, aponta-se para um novo modo de conceber a ética ou uma nova postura de ação ética” (GONÇALVES, 2018, p. 256). E, em sua interpretação sobre esse sentido de conceber a ética em Vattimo, Gonçalves cita:

---

<sup>18</sup> Textos retirados da Bíblia On – Bíblia Sagrada online. Disponível em: <https://www.bibliaon.com/versiculo/> Acesso em: out. 2022.

[...] se vive atualmente uma crise ou descrédito da ética de cunho normativo, que se fundamenta em princípios metafísicos e de pretensão à universalidade, já que a condição pós-moderna evoca a contextualização, a parte, o fragmento, que se constitui o todo, o pluralismo cultural, a flexibilidade, a transversalidade e a epocalidade, de modo a indicar a superação da ética essencialista, mediante a dissolução dos primeiros princípios e a afirmação de uma pluralidade não unificável. (GONÇALVES, 2018, p. 256)

Resumidamente poderíamos dizer que, tendo esse pensamento descrito por Vattimo sobre a centralidade da caridade, mesmo quando a fé e a esperança forem mais necessárias, nos direcionamos a afirmar que a caridade como escolha trata-se de um processo de reconstrução da ética não violenta, baseada no preceito cristão da caridade. Apesar de não se tratar de um fundamento último, é um fundamento hermenêutico e historicamente determinado, que abre o caminho para o diálogo entre as comunidades de pessoas. Essa ética como referência significa o reconhecimento histórico da finitude do homem, que Gonçalves descreve “como um processo entre construção e desconstrução dos valores que permeiam as sociedades e as atitudes humanas” (GONCALVES, 2018, p. 257), ou seja, um elemento ético central para práxis transformadoras. Dessa maneira, poderíamos concluir que a caridade é a dimensão ética do cristianismo no pensamento de Gianni Vattimo.

## 2.7 Conclusão

Neste segundo capítulo, procuramos analisar o conceito de caridade, tendo a ética como categoria analítica. Vattimo considera a secularização como um reencontro com o cristianismo. Poderíamos dizer que a secularização seria a expressão do debilitamento da religião, uma possibilidade da aplicação interpretativa da Escritura, uma dissolução de toda sacralidade naturalista, ou seja, a transformação redutiva do sagrado metafísico natural, em virtude da relação de amizade que Deus decide estabelecer com os homens

Essa relação de amizade que Deus decide estabelecer, para Vattimo, tem como base a doutrina cristã, e como a pedra angular a *Kênosis* de Deus. Jesus veio ao mundo para revelar que a religiosidade não consiste nos sacrifícios, mas no amar a Deus e ao próximo. A história do cristianismo é a história da dissolução dos elementos de violência natural, de sagrado natural, que existe nas Igrejas.

A secularização é a transformação da concepção cristã da Modernidade; paralelamente, é a transformação do ponto de vista filosófico sobre a civilização

moderna. Para o filósofo italiano, com o surgimento e aperfeiçoamento da mentalidade tecno-cientificista do início do século XX, surge a crítica do movimento humanista que se trataria de precaver dos efeitos nefastos da organização total. Para nosso autor, Heidegger se opunha a essa crítica existencialista que acreditava poder valer os próprios direitos em nome de uma essência estável e, mais uma vez, subjetiva. Para Vattimo (2018c) Heidegger descobre em suas obras tardias, que a subjetividade humana que se deseja defender contra a organização total da tecnociência é cúmplice da metafísica, por crer que se possa fazer valer os próprios direitos em nome de uma essência estável, mais uma vez objetiva.

A objetividade do pensamento existencialista, para Heidegger, era outro aspecto da essência, do qual provém o objetivismo tecno-científico, portanto, também metafísica. Em nome da liberdade e da historicidade da existência, existe a necessidade de sair da metafísica.

A saída está na imposição da totalidade do mundo técnico em ordenar o mundo, momento que Heidegger chama de primeiro lampejar do ser, que poderia ser interpretado como o primeiro revelar do ser (*Ereignis*). O momento de imposição da totalidade do mundo técnico é o momento também de revelação da situação que vivemos.

A saída é a dissolução do indivíduo pela racionalização do mundo técnico, que Vattimo (2018c) chama de secularização. Todas as doutrinas que se consideram autênticas devem ser debilitadas, pois não são únicas nem estão em conformidade com o ensinamento evangélico, na visão de Vattimo.

A transformação “reduziva” do sagrado metafísico natural em virtude da relação de amizade que Deus decide estabelecer com o homem é a essência da história da salvação. A debilidade da religião seria, portanto, a transformação reduziva do sagrado metafísico natural, em virtude da relação de amizade que Deus decide estabelecer com os homens.

Para Vattimo (2018c), a doutrina cristã possui sua pedra angular na *Kénosis* de Deus. Jesus veio ao mundo para revelar que a religiosidade não consiste nos sacrifícios, mas no amor a Deus e ao nosso próximo. A salvação é entendida como dissolução do sagrado natural-violento. Vattimo acredita que não deveríamos nos afastar de Jesus Cristo por causa dos escândalos da Igreja

oficial, pois esses escândalos servem para purificar a fé e para deixar-nos alertas para a necessidade de uma interpretação pessoal das Escrituras.

A hermenêutica na base de sua completude niilista do princípio da realidade, que era sua interpretação do que caracteriza a modernidade, se põe aos fundamentos de sua verdade (não há fatos, só interpretação). A interpretação pessoal das Escrituras é a possibilidade de acesso a Jesus e à salvação.

Desvincular religião e metafísica é um passo extremamente importante para Vattimo. A possibilidade da religião se dá justamente pela superação da metafísica, que significa dissolver estruturas rígidas da realidade e considerar o que sobrou – as interpretações.

Se pensarmos em um horizonte aberto para a religião, para além dos dogmas e doutrinas, horizonte que foi aberto pela experiência do niilismo e para a possibilidade de sermos niilistas consumados, essa consumação poderia nos levar à libertação de pensamentos fortes e suas significações objetivas e violentas da realidade, dando-nos espaço e liberdade para pensamentos que sejam interpretações.

Vattimo se articula para transmitir o nexos entre a ontologia *debole* e a ideia de secularização de maneira positiva para o sentido da racionalização social e, principalmente, tenta reabrir o caminho para dialogar com a tradição cristã. Tanto a mentalidade filosófica moderna, com sua rigidez metafísica, como o fechamento dogmático-disciplinar da Igreja são os alvos de enfraquecimento que Vattimo aborda. A tradição cristã em que fomos educados é o nosso grande diferencial, pois, por sua herança transmitida, presente em nós, temos essa rejeição implícita à violência e todas as formas de suas manifestações, inclusive o conceito de ultimidade e seu caráter autoritário e violento, segundo nosso autor.

Na questão religiosa, a ideia de secularização como deriva indefinida, limitada somente pelo princípio da *caritas*, é o caminho que Vattimo acredita correto para sair do impasse da consciência moderna, ou seja, a impossibilidade de aderir a uma doutrina que parece estar em oposição às “conquistas” da razão iluminada, demais impregnada de mitos, que precisam também ser desmascarados.

Esse desmascaramento quem faz é o próprio Cristo, e Vattimo vai além: para ele, Cristo inaugura esse desmascaramento com o significado da história da salvação. Assim, crer na história da salvação “não quer dizer aceitar ao pé da letra tudo que está escrito no Evangelho e no ensinamento dogmático da Igreja” (VATTIMO, 2018c, p. 67). O cristianismo, religião do amor, o ato de amar como uma escolha e não como um ato natural, seria o caminho natural à salvação.

Para o autor do *pensiero debole*, crer na salvação significa, antes de tudo, interpretar os sentidos dos textos evangélicos. Em nossa condição pós-moderna, a descoberta de secularização como sentido da história da salvação e nossa herança cristã de rejeição à violência são o caminho que Vattimo utiliza para fazer uma releitura do Cristianismo, trilhado pela caridade.

O reencontro com o cristianismo pode se dar debilitando as superstições metafísicas e reinterpretando a mensagem Evangélica, seguindo o princípio ético de amor ao próximo, o que possibilitaria a redução da violência, que é um processo sempre atual e em andamento, uma condição ideal de autenticidade que se pode e se deve adequar à essência do homem. Secularizar significa reinterpretar as superstições metafísicas da Igreja.

A escolha de um processo de reconstrução da ética não violenta, baseada no preceito cristão da caridade, apesar de não se tratar de um fundamento último, é um fundamento hermenêutico e historicamente determinado, que abre o caminho para o diálogo entre as comunidades de pessoas. Essa ética como referência significa o reconhecimento histórico da finitude do homem, um processo de construção e desconstrução dos valores que permeiam as sociedades e as atitudes humanas, ou seja, um elemento ético central para práxis transformadoras. Dessa maneira, poderíamos concluir que a caridade é a dimensão ética do cristianismo no pensamento de Gianni Vattimo.

## CONCLUSÃO

A preocupação que nos trouxe a essa dissertação de mestrado é a sensação de que vivemos em uma sociedade de angústia, de violência e de extrema expectativa. Por acreditarmos em transformar projetos em realidade ou, em último caso, pelo menos tentar traduzir esse desejo de um mundo melhor em ações mais inclusivas e não violentas, procuramos analisar o pensamento do filósofo italiano Gianni Vattimo.

O recorte escolhido foi a obra *Crer que se crê*, onde ele, diante dos desafios presentes, constata o retorno da religião na Pós-modernidade, quando muitos acreditavam que a religião estava condenada ao êxodo. Vattimo vai além, propondo uma reinterpretação niilista da religião atual, de seus fundamentos últimos e de suas características dogmáticas, e propondo nos concentrarmos na caridade, para que tenhamos um projeto de mundo melhor.

O tema central da obra é sobre a religião judaico-cristã, a encarnação de Deus e a secularização do mundo, que Vattimo denomina de pós-moderno. O cristianismo é apresentado por Vattimo de duas maneiras distintas.

A primeira, Vattimo descreve como cristianismo apocalíptico, aquele que quer separar a história da salvação da história mundana. Esse cristianismo é apresentado com características específicas: com seu paradoxo do sentido da *Kênosis* de Jesus; com sua moral tradicional e seus dogmas - fundamentos últimos, verdades sacralizadas. É o cristianismo do Deus transcendente e com todas as características que Vattimo define como Deus ameaçador e bizarro da metafísica. Esse cristianismo é a ideia do Deus Metafísico, com todas as suas características de onipotência e transcendência em relação ao homem. Essa ideia de cristianismo é ainda presente em muitas Igrejas, baseada em dogmas, prescrições morais, normas disciplinares absolutas. Essa ideia traz consigo a violência de uma força autoritária, que se fecha ao diálogo.

A segunda é a ideia de um reencontro niilista do cristianismo, que admite o sagrado natural como violento não apenas enquanto mecanismo vitimário sedento de vingança, “mas também enquanto atribui a essa divindade todas as características de onipotência, absolutismo, eternidade e ‘transcendência’ com relação ao homem” (VATTIMO, 2018c, p. 31). É a ideia de um cristianismo



secularizado, que tem sua base na encarnação - na *Kênosis* de Jesus como uma ontologia de débil, que acontece na história, que tem sua proposta baseada na *caritas*. Nessa ideia, a encarnação é vista como dissolução do sagrado enquanto violento, o Deus ameaçador e bizarro, da metafísica, é reinterpretado como o Deus que já não nos chama de servo, mas de amigos. Aqui, a ontologia não é outra coisa senão interpretação.

A hermenêutica como elemento fundamental pode ser vista como a efetividade da Pós-modernidade, do fim da metafísica e de qualquer objetivação que venha com ela. Nessa segunda ideia, vai da centralidade à caridade, mesmo quando a fé e a esperança são mais necessárias. Esse olhar ontológico-hermenêutico traz consigo a demitologização de dogmas, prescrições morais e seus absolutismos, e normas disciplinares que recebemos como heranças, sejam elas culturais, religiosas ou políticas.

Na interpretação de Vattimo, essa é a revelação de Deus na encarnação. Jesus Cristo é o próprio agente revelador da violência do sagrado natural. O cristianismo torna-se o elemento niilista das religiões tradicionais e dogmáticas. A secularização é o processo demitologizante que a fé nos convida a realizar com relação à história – das escritas dos padres, da cultura, dos mitos herdados da espiritualidade.

O processo de secularização tem um limite, e esse limite é a *caritas*, que nos impõe reconhecimento de muitas histórias que nos foram transmitidas e das quais somos herdeiros.

Vattimo parece recusar a definição exata do que entende por *caritas*. Encontramos pelos menos 3 sentidos em suas obras: o primeiro é *caritas* como *Pietas* - é o termo que, antes de tudo, evoca a mortalidade, a finitude e a caducidade. A *caritas* como *Pietas* para relacionar o ambiente retórico da verdade com a hermenêutica. O segundo sentido de *caritas* é o da hospitalidade – na atividade política, no esforço para construir um mundo melhor, mais humano, mais fraterno, mais amigável. E terceiro sentido está associada à palavra *diligere*, que vem de Santo Agostinho, que seria o ato de amar como uma escolha, não como um ato natural. Esse é o significado na obra *Crer que se cré*, em análise durante esta dissertação.

Vattimo descreve a *caritas* como um princípio crítico necessário, pois a *kênosis* de Jesus não pode ser concebida como uma negação indefinida de Deus

e como qualquer interpretação da Sagrada Escritura. Nesse sentido, podemos notar a dimensão ética procurada por Vattimo. O princípio crítico necessário poderia, então, ser identificado como um pensamento fundamento. Aqui está uma nuance bastante típica do pensamento de Vattimo: ao buscar a *caritas* como um princípio crítico necessário, é ao mesmo tempo também um elemento hermenêutico e temporal. Ele não pode ser considerado um relativista, pois seu pensamento tem um fundamento, mas não pode ser considerado um pensamento realista, pois é hermenêutico e temporal. Vattimo busca trabalhar entre um ponto e o outro, entre o pensamento realista e o pensamento relativista.

Ao colocar a *caritas* como princípio crítico necessário e, ao mesmo tempo, hermenêutico e temporal, Vattimo busca a reinterpretação de todo pensamento forte do cristianismo apocalíptico que recebemos de herança, como o intuito de ultrapassá-lo, através de uma aceitação – distorção desse pensamento recebido. O pensamento forte é metafísico, e precisa ser ultrapassado, pensando o ser fora da objetividade, exercício necessário justamente por razões éticas.

Para Vattimo, existe uma relação circular entre herança cristã, ontologia *debole* e ética de não violência. Para que essa relação de circularidade ocorra, é necessário reconhecer que a história do ser tem um sentido redutor, niilista, uma tendência em afirmar a verdade do ser mediante a redução das imponências das entidades, sejam elas religiosas, políticas ou do próprio sujeito moderno como garantia de verdade.

Analisando o cristianismo nessa abordagem da *Kênosis* e da secularização, com centralidade na *caritas*, Vattimo acredita que a comunidade de crentes poderia compreender de maneira mais racional e coerente uma proposta de religião com ações mais inclusivas e não violentas. Nesse pensamento, a *caritas* seria o elemento ético central para práxis transformadoras, pois, apesar de não ser um fundamento último, é um fundamento hermenêutico e historicamente determinado, que abre o caminho para o diálogo. Dessa maneira, poderíamos dizer que a *caritas* (caridade) é a dimensão ética do cristianismo no pensamento de Gianni Vattimo.

Sobre a debilidade da religião, título desta dissertação de mestrado, gostaríamos de destacar que, na dimensão religiosa, a debilidade teria a função de reinterpretar uma herança cristã recebida, distorcendo-a, e retransmiti-la como uma mensagem debilitada, sem fundamentos últimos, com verdades

hermenêuticas e temporais. A debilidade da religião é uma possibilidade, mesmo que provisória, para um novo caminho, um novo horizonte hermenêutico. A debilidade da religião é uma nova interpretação da mensagem do cristianismo. A transformação “reduativa” do sagrado metafísico natural, em virtude da relação de amizade que Deus decide estabelecer com o homem, é a essência da história da salvação. Assim, a debilidade da religião, seria, portanto, a transformação reduativa do sagrado metafísico natural, em virtude da relação de amizade que Deus decide estabelecer com os homens.

## REFERÊNCIAS

### Obras de Gianni Vattimo em ordem cronológica:

VATTIMO, Gianni. **As aventuras da diferença**: o que significa pensar depois de Heidegger e Nietzsche. Lisboa: Edições 70, 1980.

VATTIMO, Gianni. **Introdução a Heidegger**. Lisboa: Edições 70, 1989.

VATTIMO, Gianni. **Introdução a Nietzsche**. Lisboa: Editorial presença, 1990.

VATTIMO, Gianni. **Ética de la interpretación**. Traducción de Teresa Onãte. Barcelona: Paidós, 1991.

VATTIMO, Gianni. **A Sociedade Transparente**. Lisboa: Relógio d'água, 1992.

VATTIMO, Gianni. **O Fim da Modernidade**: niilismo e hermenêutica na cultura pós-moderna. São Paulo: Martins Fontes, 1996.

VATTIMO, Gianni. **Para além da interpretação**: o significado da hermenêutica para a Filosofia. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1999.

VATTIMO, Gianni. **A Tentação do Realismo**. Rio de Janeiro: Lacerda Ed.: Instituto Italiano di Cultura, 2001.

VATTIMO, Gianni. **Depois da Cristandade**: por um cristianismo não religioso. Rio de Janeiro: Record, 2004.

VATTIMO, Gianni. O fim da filosofia na idade da democracia. *In.*: PECORARO, Rossano. **Niilismo e Pós-modernidade**: Introdução ao pensamento fraco de Gianni Vattimo. São Paulo: Loyola, 2005, p. 137-143.

ZABALA, Santiago (Org.); VATTIMO, Gianni; RORTY, Richard. **O futuro da religião**: solidariedade, caridade e ironia. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2006.

VATTIMO, Gianni. A Idade da Interpretação. *In.*: ZABALA, Santiago (Org.). **O futuro da religião**: solidariedade, caridade e ironia. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2006a.

ROVATTI, Pier Aldo; VATTIMO, Gianni. **Il pensiero debole**. Milano: Feltrinelli, Prima edizione nell' "Universale Economica"- SAGGI Aprile 2010

VATTIMO, Gianni. Dialettica, differenza, pensiero debole. *In* ROVATTI, Pier Aldo; VATTIMO, Gianni. **Il pensiero debole**. Milano: Feltrinelli, Prima edizione nell' "Universale Economica"- SAGGI Aprile 2010b

VATTIMO, Gianni. **Diálogo com Nietzsche**: ensaios 1961-2000. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2010c (Biblioteca do pensamento moderno).

ANTONELLO, Pierpaolo (Org.); VATTIMO, Gianni; GIRARD, René. **Cristianismo e Relativismo**. Verdade ou fé frágil? Aparecida/SP: Santuário, 2010d.

VATTIMO, Gianni. **Adeus à verdade**. Tradução de João Batista Kreuch. Petrópolis, RJ: Vozes, 2016. (Coleção textos filosóficos).

VATTIMO, Gianni. **O sujeito e a máscara**: Nietzsche e o problema da libertação. tradução de Silvana Cobucci Leite. Petrópolis, RJ; Vozes, 2017. (Coleção textos filosóficos)

DERRIDA, Jacques; VATTIMO, Gianni. **A Religião**. O Seminário de Capri. Organização Jacques Derrida, Gianni Vattimo; com a participação de Maurizio Ferraris ...9 *et al.*, 3. ed. São Paulo: Estação Liberdade, 2018.

VATTIMO, Gianni. O vestígio do vestígio. *In*: DERRIDA, Jacques; VATTIMO, Gianni. **A Religião**. O Seminário de Capri. Organização Jacques Derrida, Gianni Vattimo; com a participação de Maurizio Ferraris ...9 *et al.*, 3. ed. São Paulo: Estação Liberdade, 2018b. p. 91-107.

VATTIMO, Gianni. **Crer que se crê**: é possível ser cristão apesar da Igreja? Petrópolis/RJ: Vozes, 2018c.

VATTIMO, Gianni; PATERLINI, Piergiorgio. **Não ser Deus**: uma autobiografia a quatro mãos. Trad. Federico Carotti. Petrópolis/RJ: Vozes, 2018d.

VATTIMO, Gianni. A ontologia hermenêutica na filosofia contemporânea. **Pensando – Revista de Filosofia**. Teresina-PI, v. 10, n. 19, p. 107-126, 2019a.

VATTIMO, Gianni. **Da Realidade**: finalidades da filosofia. Petrópolis/RJ: Vozes, 2019b.

### **Comentadores de Gianni Vattimo – por ordem alfabética**

BALEEIRO, C. A. S. O sentido da secularização em Vattimo. **Correlatio**, São Bernardo do Campo, n. 15, p. 80-91, junho de 2009.

FERREIRA, Vicente de Paula. **Cristianismo não religioso no pensamento de Gianni Vattimo**. Aparecida: São Paulo, 2015.

FERREIRA, Vicente de Paula. Nihilismo e cristianismo no pensamento enfraquecido de Gianni Vattimo. **Sacrilegens**, Juiz de Fora/MG, v.8, n.1, p. 61-74, dez/2011.

FERREIRA, Vicente de Paula; CARRARA, Paulo Sérgio. Cristianismo hoje: a caritas como referencial teológico fundamental. **Interações – cultura e comunidade**, Belo Horizonte, v.10, n.18, p. 210-228, jul./dez. 2015.

GONÇALVES, Paulo Sérgio Lopes. A evocação do *pensiero debole* na Teologia da Libertação. **Interações**, Belo Horizonte, Brasil, v. 13, n. 24, p. 391-413, ago./dez. 2018a.

GONÇALVES, Paulo Sérgio Lopes. Pensar Deus “hoje” à luz da hermenêutica niilista. **Estudos Teológicos**, São Leopoldo, v. 60, n. 2, p. 517-532, maio/ago. 2020.

GONÇALVES, Paulo Sérgio Lopes. Religião e ética no cristianismo não religioso: uma abordagem a partir de Gianni Vattimo. **Pistis & Práxis**, Curitiba/PR, v. 10, n. 2, p. 244-268, maio/ago. 2018b.

GONÇALVES, Paulo Sérgio Lopes. **Um olhar filosófico sobre a religião**. Aparecida, SP: Editora Ideias & Letras, 2012.

MARASCHIN, Jaci; PIEPER, Frederico. **Teologia e Pós-modernidade**. Ensaios de teologia e filosofia da religião. Jaci Maraschin e Frederico Pieper Pires (orgs.). São Paulo: Fonte Editorial, 2008.

PECORARO, Rossano. História do ser, “pensamento fraco”. **A parte Rei. Revista de Filosofia**, v. 54. novembro de 2007.

PECORARO, Rossano. **Niilismo e Pós-modernidade**: Introdução ao pensamento fraco de Gianni Vattimo. São Paulo: Loyola, 2005.

PIEPER, Frederico. **A vocação niilista da hermenêutica: Gianni Vattimo e a religião**. 2007. 267f. Tese (Doutorado) – Universidade Metodista de São Paulo, Faculdade de Filosofia e Ciências da Religião. Programa de pós-graduação em Ciências da Religião. São Bernardo do Campo, 2007.

SCOPINHO, Savio C. D. **Filosofia e Sociedade Pós-moderna**: Crítica filosófica de G. Vattimo ao pensamento moderno. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2004.

TEIXEIRA, Evilázio B. **A fragilidade da razão: pensiero debole** e niilismo hermenêutico em Gianni Vattimo. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2013.

### Outros autores - por ordem alfabética

ABBAGNANO, Nicola. **Dicionário de Filosofia**. 6. ed. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2012.

ALVES, Rubens. Os nomes do Vazio *In*: FEUERBACH, Ludwig. **Preleções sobre a essência da religião**. Tradução e nota de José da Silva Brandão. Campinas, SP: Papyrus, 1989. p. 7-10.

ARMSTRONG, Karen. **Em nome de Deus** - o fundamentalismo no judaísmo, no cristianismo e no islamismo. Tradução de Hildegard Feist. São Paulo: Companhia das Letras, 2001

BEZERRA, Cicero Cunha. Ocidente: terra do Poente – Considerações sobre Filosofia e Literatura. **Rev. Let.**, São Paulo, v. 50, n. 2, p. 327-336, jul.-dez. 2010.

BRAIDA, Celso R. **Hermenêutica** – Arte da Interpretação. 3. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2001.

BULTMANN, R. **Jesus Cristo e Mitologia**. Tradução Daniel Costa. São Paulo; Novo Século, 2000.

CAMPOS, Breno Martins. Fora do Fundamentalismo não há salvação: teologia e política no século XX. *In*: **Estudos Teológicos**. São Leopoldo. v. 55, n. 1. p-116-129, jan.-jun 2015.

D'AGOSTINI, Franca. **Lógica do niilismo**: Dialética, diferença, recursividade. São Leopoldo, RS: Editora Unisinos, 2002.

GADAMER, Hans-Georg. **Hermenêutica em Perspectiva**. v. I, Heidegger em retrospectiva. 2. ed. Tradução de Marco Antônio Casanova. Petrópolis, RJ: Vozes, 2007.

GIACOIA JR, Osvaldo. **Heidegger urgente**: introdução a um novo pensar. São Paulo: Três Estrelas, 2013.

GIDDENS, Anthony. **Modernidade e Identidade**. Tradução de Plínio Denttzen. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editora, 2002.

- GIRARD, René. **A violência e o sagrado**. Tradução Martha Conceição Gambini. São Paulo: Editora Paz e Terra S. A., 2008.
- HEGEL, Georg W. F. HEGEL. **Estética** – A ideia e o ideal. Tradução de Orlando Vitorino. São Paulo: Editora Nova Cultural Ltda, 1999. (Coleção Os pensadores).
- HEIDEGGER, Martin. **Ensaio e Conferências**. 8. ed. Petrópolis: Vozes; Bragança Paulista: Editora Universitária São Francisco, 2018.
- HEIDEGGER, Martin. **Martin Heidegger** – Conferências e Escritos Filosóficos. Tradução e notas Ernildo Stein. São Paulo: Editora Nova Cultural LTDA, 2000.
- HEIDEGGER, Martin. **Nietzsche**. Tradução Marco Antonio Casanova. 2. ed. Rio de Janeiro: Forense, 2014 .
- HEIDEGGER, Martin. **Ser e tempo**. Tradução revisada; apresentação de Marcia Sá Cavalcante; posfácio de Emanuel Carneiro Leão. 10. ed. Petrópolis-RJ: Vozes; Bragança Paulista-SP: Editora Universitária São Francisco, 2015.
- HUSSERL, E. **Investigações Lógicas**: Sexta investigação: Elementos de uma elucidação fenomenológica do conhecimento. São Paulo: Abril Cultural, 1980. (Coleção Os pensadores).
- KANT, Immanuel. **Kante - vida e obra**. Tradução de Valerio Rohden e Udo Baldur Moosburger. São Paulo: Editora Nova Cultural Ltda, 1999. (Coleção Os pensadores).
- LIMA, Carlos R. V. Cirne. **Dialética para principiantes**. 6. ed. Porto Alegre: Escritos, 2015.
- LYOTARD, Jean-Francois. **A condição Pós-moderna**. 15. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 2013.
- MARTON, SCARLETT. **Dicionário Nietzsche**. São Paulo: Edições Loyola, 2016. (Sendas 7 veredas).
- NIETZSCHE, F. **Genealogia da moral: uma polêmica**. Tradução, notas e posfácio Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia de Letras, 2009.
- NIETZSCHE, F. **A vontade de poder**. Tradução do original alemão e notas de Marcos Sinésio Pereira Fernandes, Francisco José Dias Moraes; apresentação Gilvan Fogel. Rio de Janeiro: Contraponto, 2008.
- NIETZSCHE, F. **Crepúsculo dos ídolos** – ou Como se filosofa com o martelo. Tradução, notas e posfácio Paulo César de Souza. 1. ed. São Paulo: Companhia de Bolso, 2017.
- NOGUEIRA, Maria Simone Marinho. **Amor, caritas e dilectio: elementos para uma hermenêutica do amor no pensamento de Nicolau de Cusa**. Tese (Doutorado em Filosofia) - Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra. Coimbra, Portugal, 2008.
- REALE, Giovanni; ANTESERI, Dario. **Filosofia: Idade Contemporânea**. v. 3, 2. ed. rev. e ampl. São Paulo: Paulus, 2018. (Coleção filosofia).
- WEBER, M. **A ética protestante e o espírito do capitalismo**. Texto Integral. Tradução: Pietro Nassetti. 4 ed. São Paulo: Editora Martin Claret Ltda., 2001.
- ZILLES, U. **Discurso sobre o fim da metafísica**. São Paulo: Paulus 2019. Coleção filosofia em questão.